

B V F G P I T R A M A M
X K D E S T R U I Ç Ã O
L Ç P S Q B A X J R H P
O M A S O Q U I S M O A
Y S A D I S M O G N S N
C L F V T O A R Z L W D
G U E R R A E M O R T E
E T L E M S F M B A P M
N O Ç P T L A T J D L I
O F P E V U N V E O T A
C S O T Q P T Q T N Y H
Í R K I X T A X O E G C
D P N Ç Z O S L P A J V
I J H Ã Y E I U Ç L X G
O T I O R L A M A F N T

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte

Guerra e Morte | Trauma e Fantasia

Ano 7, n. 6 e 7 | p. 1-248 | 2021

ISSN: 23594063

Copyright © 2021 by ATO – escola de psicanálise

COMISSÃO DA REVISTA

Maria de Fátima Chadid

Marília Pires Botelho

Marisa Gomes Cunha Martins

Viviane Gambogi Cardoso

CONSELHO EDITORIAL

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Ida Amaral Brant Machado

Joaquim Lavarini

Margareth Almeida Khattar

Maria Aparecida O. do Nascimento

Marília Dantas de Oliveira

Guerra e Morte, Trauma e Fantasia / Revista da ATO – escola de psicanálise. – Ano 7, n. 6 e 7, 2021. – Belo Horizonte, 2021.

v.

Annual

Inclui bibliografia.

ISSN: 23594063

1. Periódicos. 2. Psicanálise – Periódicos. I. ATO – escola de psicanálise.

CDD: 157.25

CDU: 616.891.6

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Júnior Sena

CAPA E SITE Andréa Assunção – Bakanas Digital

REVISÃO GRAMATICAL DE PORTUGUÊS, FORMATAÇÃO E

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA Marina Vilhena

Regina Gambogi Alkmim

ATO

escola de
psicanálise

Rua Padre Odorico, 128 | sala 701 | São Pedro

CEP: 30330-040 | Belo Horizonte | MG | Tel: (31) 3241-1255

www.atoescoladepsicanalise.com.br | ato@atoescoladepsicanalise.com.br

SUMÁRIO

Guerra e Morte: o que insiste da pulsão

- 11** Apresentação
Labibe Geralda Gil Alcon Mendes
- 15** Estranhos “dejeitos”: destino mineral
Bárbara Maria Brandão Guatimosim
- 31** Minas, tramas, lamas, traumas, dramas: o rejeitado irrompe barragens e ensina
Thales Siqueira de Carvalho
- 45** Pulsão, genocídio cultural e morte
Raul Macedo Ribeiro
- 59** Auschwitz, sempre, e mais uma vez
Maria Barcelos de Carvalho Coelho
- 69** Agressividade: verso e reverso
Rosana Scarponi Pinto

77 Destrutividade, expressão da pulsão de morte

Labibe Geralda Gil Alcon Mendes

89 Sadismo, masoquismo e economia pulsional

Wagner Siqueira Bernardes

99 Uma estranha marca

Marília Pires Botelho

109 O estado neurótico comum

Ana Maria Fabrino Favato

Trauma e Fantasia

125 Apresentação

Neuza Loureiro

131 A constituição do sujeito: trauma e fantasia

Rosana Scarponi Pinto

139 O trauma e seus destinos

Ana Maria Fabrino Favato

151 A clínica do trauma: do universal ao singular

Maria Luiza Bassi

- 161 Trauma e fantasia: enodar é preciso
Sergio Becker
- 167 Duas vertentes clínicas: sintoma e fantasia
Heloísa Mamede Silva Gonzaga
- 181 O trauma e os sonhos de pandemia
André Gil Alcon Cabral
Aline Accioly Sieiro
- 203 Um passeio pelo campo da fantasia no texto freudiano
Suzana Márcia Dumont Braga
- 217 Repetição: das lembranças traumáticas à pulsão de morte
Viviane Gambogi Cardoso
- 235 Normas de publicação



EDITORIAL

A Revista da ATO - escola de psicanálise apresenta trabalhos psicanalíticos que resultam de dois momentos traumáticos, os quais deixaram marcas indeléveis no corpo, na memória e na história daqueles que os vivenciaram: a tragédia causada pela Vale que redundou em um “mar de lamas,” levando consigo os sonhos, a paz e a vida de centenas de pessoas nos vales de Minas, em 2019; bem como a sombra tenebrosa e enigmática da Covid-19 que pairou no mundo e o parou, em 2020, sendo que, até o momento, vem tirando o sono, afastando os afetos e ceifando vidas. Soma-se a isso, a atual política governamental do país que responde à pandemia com um discurso negacionista, criando uma “endemia”, na qual impera a insegurança, a agressividade e o rechaço à ciência, potencializando ainda mais as consequências sociais e de saúde pública.

Com o advento da pulsão de morte, ao enfatizar a prevalência do caos, do acaso, Freud traz o inassimilável para o corpo teórico da psicanálise. A pulsão agressiva aparece como independente e, ao mesmo tempo, como potência criativa, pois a pulsão de morte leva o sujeito a se movimentar. A psicanálise denuncia a natureza ambivalente e inquietante da humanidade e caminha sempre por trilhas tortuosas

e marginais. Vive e sobrevive “pegando atalhos”. Esses atalhos, longe de abreviar a jornada, ampliam os horizontes, levando-nos por caminhos não sinalizados e permitindo-nos assim desvendar os enigmas de nossa subjetividade.

Os trabalhos aqui apresentados compreendem a psicanálise no âmbito clínico e se estendem para além das quatro paredes, tendo em vista que a história de cada sujeito é atravessada pelos acontecimentos na “pólis” e no mundo. Há um dentro e um fora que se comunicam e resultam em mal-estar, angústia e sintomas que demandam escuta, interpretação, leitura e escrita. Pegando um desses atalhos, a escrita é para o psicanalista uma forma de contornar o real de seu ofício na tentativa de dar um sentido, fazer uma elaboração. A escrita psicanalítica possibilita um distanciamento, pois insere um “tempo de compreender” entre o “instante de ver” e o “momento de concluir”, mas sempre deixa um resto, pois nunca é possível dizer tudo.

Boa leitura!

Comissão da revista



GUERRA E MORTE:

o que insiste da pulsão



“Guernica”

(Gernikara), 1937.

Pablo Picasso

1881 – 1973

Pintura a óleo, 350 × 776 cm.

Apresentação

Labibe Gil Alcon Mendes¹

Em 2019, tivemos como tema “Guerra e morte: o que insiste da pulsão”. A agressividade está posta para o humano desde a sua constituição, quando percebe o outro como uma ameaça. Não somos pessoas gentis, dizia Freud, mas para que a barbárie não se estabeleça, desejamos que a pulsão de morte seja amalgamada a componentes eróticos, e assim possamos estabelecer laços que permitam a convivência ao invés de vivermos sua antítese. Por outro lado, que a força exercida pela educação seja alcançada, promovendo também a transformação das tendências egoístas em altruístas e sociais.

Em “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, de 1915, Freud nos alerta que é necessária “uma grande dose de autodomínio, de renúncia à satisfação das pulsões, e, acima de tudo, a proibições de fazer uso das imensas vantagens auferidas pela prática da mentira [atualmente *fake news*] e da fraude na competição com seus semelhantes.”

1 Psicanalista e Membro da Revista da ATO – escola de psicanálise.

O imperativo categórico de Kant alerta-nos: “A desumanidade infligida a um outro humano destrói a humanidade em mim.” Essa consciência em termos políticos cria uma prática de solidariedade entre os povos. Desde 1991, o capitalismo se espalhou por todo o planeta, e a sua política neoliberal sustenta que não são os homens que fazem a história, e sim os mercados. Nesse cenário, resta ao homem não mais ser sujeito da sua história, cabe a ele apenas adaptar-se ao mundo.

Vivemos, na atualidade, a ascensão do fundamentalismo religioso, em que a ignorância da massa é facilmente controlada pela mente inescrupulosa dos sujeitos que buscam o poder.

No dia 25 de janeiro de 2019, incrédulos, assistimos à segunda catástrofe ambiental da exploração desenfreada da mineração em Minas. Diante do impacto, escrevi:

Isso não, Vale!

No meio do caminho tinha a Vale,

No meio do rio, a lama.

A lama da Vale,

Um vale de lama.

Tristeza, revolta e dor.

E, a voz de um menino ecoou...

Vale, mude o seu nome, por favor!

Devolva ao rio o doce que tirou,

E, leve pra bem longe...

O amargo que deixou.

Nada nos surpreende ao que acontece hoje no Brasil, fomos avisados do que estava por vir. Em 2018, víamos, no horizonte, o escuro como uma noite de tormento: retrocesso anunciado. Aos poucos, o que parecia distante vai se consolidando, e o escuro, ao se aproximar, permite ver o sangue por um trabalho que se foi, pela miséria dos pobres que se amontoam nas calçadas da cidade, pelo salário de fome que o dono do capital impõe, pela tristeza de uma educação entregue aos desmandos da ignorância no poder, pelos irrisórios investimentos na cultura e nas artes, pelas disciplinas que levam ao pensamento crítico sendo retiradas da grade curricular (filosofia, sociologia), por milhares de pessoas que não terão o que comer, pelo ódio estampado nas diferentes formas de preconceitos. Finalmente, pelo desrespeito com o meio ambiente, que assola o país de norte a sul - veneno, fogo, óleo e lama.

O psicanalista deve, por obrigação, estar advertido do inexorável caminho da pulsão de morte na civilização. Que façamos ecoar a nossa inquietação, pois não queremos ficar como resto de uma operação de dominação, de controle. O inconsciente não pode ser calado, é ele que irá nos salvar dos dejetos da nossa cultura. E na clínica, com a nossa escuta e o significativo colhido na experiência das análises dos sujeitos que sofrem, se restabeleça o vínculo perdido com a vida.



Estranhos “dejeitos”: destino mineral¹

Bárbara Maria Brandão Guatimosim²

*O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga...
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?³*

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo: Há seis anos, rompia em Mariana a barragem de Fundão, arrasando a localidade de Bento Rodrigues. A tragédia fez 19 óbitos e muitas mortes no maior desastre ambiental do Brasil. Mal se iniciava o ano de 2019, a tragédia, agora nitidamente criminosa, se repetia em

-
- 1 Artigo publicado no livro do X Fórum Mineiro de Psicanálise (2019), organizado pela comissão da publicação – Editora Mercado de Letras (no prelo).
 - 2 Psicóloga, psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano BH – EPFCL – Brasil. Artigos publicados em várias revistas e coletâneas de psicanálise. Organizadora do livro “Em torno do cartel” pela AFCL. Mestre e Doutora em Estudos Literários pela UFMG, linha de pesquisa: literatura e psicanálise.
 - 3 O primeiro e o último versos do poema “Lira Itabirana” (1984), que foi publicado na 58ª edição do pequeno jornal “O Cometa Itabirano”.

grande escala com o rompimento da barragem do córrego do Feijão, fazendo mais de 300 pessoas fatalmente atingidas. Muitos sabiam do risco iminente, e ninguém fez nada para evitar o desastre. Entendemos que estamos diante de uma tragédia do “querer não saber nada disso”, paixão da ignorância que, como na tragédia de Édipo, não quer saber da pulsão de morte, este estranho familiar que, de repente, vem à luz.

Palavras-chave: Saber/Não saber. Lixo. Tragédia. Pulsão de morte.

Há seis anos, em 5 de novembro de 2015, rompia em Mariana a barragem de Fundão da mineradora Samarco/Vale, arrasando a localidade de Bento Rodrigues. O desastre fez 19 óbitos e muitas mortes na maior catástrofe ambiental do país. No dia 25 de janeiro de 2019, mal se iniciava o ano, a tragédia, agora nitidamente criminosa, se repetia em grande escala: mais de 300 pessoas fatalmente atingidas, trabalhadores da mineradora em sua maioria. Diante do rompimento da barragem do córrego do Feijão, que fez mais um genocídio, nosso atual presidente se referia aos rejeitos da mineração como “dejeitos”. Uma curiosa formação do inconsciente que une os rejeitos minerais com os dejetos humanos. Na tragédia anunciada de Brumadinho, os homens tornam-se dejetos misturados e amalgamados à lama mineral de rejeitos deixando um rastro de insalubridade na terra e nos próximos vinte anos. Não há como deixar de evocar Kafka, quando dizia que Praga, sua terra natal,

aprisionava como uma “mãezinha com garras”⁴ (KAFKA, 1902 *apud* CARONE, 2009, p. 99); e Joyce pela voz do personagem Stephen, quando dizia que a Irlanda “é uma velha porca que come sua ninhada” (JOYCE, 1922, p. 91). O que dizer das Gerais? Nossas Minas engolirão seus filhos?

A mineradora originalmente Vale do Rio Doce, que com o desastre de Mariana matou o rio que a nomeou, uma das maiores mineradoras do mundo,⁵ emprega, cria uma comunidade no seu entorno, investe na qualidade de vida e entretenimento de seus colaboradores e depois destrói essa mesma comunidade. Uma barragem que não barra. Uma barra sem lei. Um limite que explode em seu imperativo de morte.

Relatórios dizem que está tudo dentro das normas... mas no limite, desde que nada precipite uma instabilidade na região do Complexo Paraopeba, onde atividades pesadas e detonações acontecem diariamente, no mês das nossas maiores chuvas. A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) aprovou por dez anos vindouros, a partir de dezembro de 2018, o licenciamento de atividades pesadas no Complexo Paraopeba, local da tragédia, sem saber o que a Agência Nacional de Mi-

4 Kafka em carta ao amigo Oscar Pollak em 20/12/1902. Citado por: CARONE, Modesto. Nas garras de Praga. In: _____. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 92-99.

5 “Somos uma das maiores mineradoras do mundo, trabalhando com paixão para transformar recursos naturais em prosperidade e desenvolvimento sustentável.” Este é o “Quem somos” do site apresentando a Vale. <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/mission/Paginas/default.aspx>

neração (ANM) também não sabia: que havia sérios riscos de ruptura. A Câmara de Atividades Minerárias (CMI), que aprovou o criticável pacote de três licenciamentos de reaproveitamento dos rejeitos, conheceu apenas um voto contrário das nove presenças. Maria Tereza Corujo,⁶ única integrante da CMI e do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) e que se opôs, disse em entrevista:

Sempre é [um jogo de cartas marcadas]. Aquelas cartas estavam marcadas. O Copam já teve 40 reuniões. Todas as reuniões são para licenciar a mineração de qualquer forma. Alguns processos têm mais problemas, outros menos. Mas todos são licenciados. Aquilo virou uma fábrica de licenciamento [...] (CORUJO, 2019).

A ambientalista avalia como são acordados os licenciamentos: aos atropelos, burocraticamente, sem análises detidas quanto ao impacto socioambiental e, no caso analisado, sem acesso ao relatório da Tüv Süd, empresa alemã contratada, que apontava os riscos e ressalvas quanto à estabilidade limítrofe da represa.⁷ A CMI aprovou sem saber o que não sabemos se a ANM tinha ciência. Mas, a partir do que já se sabia, e reforçando o risco de aprovar a licença, Carlos Bar-

6 “Eles escolheram de forma muito consciente não fazer o que tem que ser feito. Inclusive, eles ignoram que no direito ambiental existe um princípio da precaução que diz o seguinte: se você não tem certeza absoluta que não vai ter nenhum problema, então não faça. Resumindo: não é que nós não aprendemos [...]” (CORUJO, 2019).

7 Pareceres mais alarmantes de outras empresas como o de novembro de 2017 da *Independent Panel of Experts for Safety and Risk Management of Geotechnical Structures (Piesem)* foram desconsiderados ou substituídos por outros mais convenientes para a Vale. (OLIVEIRA, 2019).

reira Martinez disse em entrevista que “Os técnicos não deviam ter dado, e a Vale não devia ter pedido.” (MARTINEZ, 2019a).⁸ Pois, conforme solicitação da própria Vale, laudo emitido pela Tüv Süd, em julho de 2018, desdizia o futuro licenciamento, atestando que atividades pesadas junto a barragem e acréscimo de água⁹ poderiam causar liquefação dos rejeitos e consequente instabilidade da barragem. Diante disso, recomendaram aumentar a segurança. Portanto, já nessa data, sabia-se que a barragem entrava no nível 3 de risco e um plano de emergência podia ter sido acionado, mas nada foi feito. Entretanto, as atividades licenciadas não foram sequer iniciadas, não foram elas a causa da tragédia que já estava iminente e anunciada. Dois dias antes do rompimento da barragem, segundo a Polícia Federal, em troca de e-mails entre a Vale, a Tüv Süd e a Tec Wise (outra empresa contratada), ficamos sabendo que a mineradora teve sinais de alerta vindos da barragem que se rompeu. Segundo Corujo, muitos empregados não tinham ideia do risco que corriam (CORUJO, 2019), mas alguns já se recusavam a trabalhar por perto e alertavam familiares e colegas. Dois engenheiros da empresa alemã responsáveis pelos laudos sabiam. Se tivessem aberto a boca, podiam, no mínimo, ter evacuado o local e poupariam, pelo menos, as mortes humanas. Como ocorreu em 2015 no desastre em

8 Declaração do professor e engenheiro hidráulico Carlos Barreira Martinez, que trabalha com segurança de barragens, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei).

9 Há três nascentes que desaguam na barragem. Agradeço a Marcelo Coutinho, fiscal do Instituto Estadual de Florestas (IEF) pelos múltiplos esclarecimentos.

Mariana, as sirenes que dão o alerta para evacuação não tocaram. A mineradora se defende em declaração: “Devido à velocidade com que ocorreu o evento, não foi possível acionar as sirenes relativas à barragem 1” (ROSSI, 2019). A lama foi mais rápida que o alarme, mas, para Martinez,

a justificativa da Vale só é plausível se o sistema deles não for de resposta rápida. E, se não tinham um sistema de resposta rápida, é porque acreditavam que a estrutura era segura, que o Titanic não ia afundar (MARTINEZ, 2019b).

Corujo endossa o diagnóstico de uma crença que justifica os meios:

Eles são tão prepotentes no modo de atuar que, ao fazer as suas operações, eles não fazem o cálculo do pior cenário. Eles trabalham sempre na perspectiva de continuar produzindo muito e aumentar o lucro. Quando eles avaliam a legislação, eles pensam que se ela interferir no negócio, não tem problema. Eles fazem lobby para alterar a legislação e deixar o cenário mais fácil para licenciar as obras. Eles não trabalham na perspectiva de que eles atuam com uma atividade econômica de altíssimo risco. Do contrário, me diga: qual o sentido de ter um refeitório abaixo de uma barragem de rejeitos? (CORUJO, 2019).

“Arrogância tecnológica” conclui chocado Carlos Martinez, em entrevista concedida à jornalista Paula Paiva Paulo, do portal G1, em 10 de fevereiro de 2019. Eles souberam a tempo de fazerem algo. Ou não podiam saber? Na paixão da ignorância não fizeram nada. Depois da deplorável catástrofe foram detidos, interrogados e soltos alguns dias depois. Não fizeram nada [...] salvo alguns cálculos que

demonstravam ser mais vantajoso pagar pobres indenizações pela provável chacina do que investir em impedi-la, por exemplo, fazendo mineração a seco, tecnologia mais segura, mas um pouco mais cara...

Sabemos que a tragédia de Édipo é uma tragédia do não saber, ou melhor, do querer não saber. Édipo, destinado a matar o seu pai e se casar com sua mãe, cumpre o oráculo querendo deste escapar. Édipo padece de um “não querer saber”, não apenas do parricídio e do incesto, mas, mais além, da pulsão de morte. A pulsão de morte é um fio trançado ao destino que percorre não apenas a linhagem dos Labdácias, mas toda a linhagem humana. Antônio Quinet (2015) mostrou dramaticamente, em uma de suas primeiras montagens teatrais, como o filicídio em Laio antecede ao parricídio em Édipo. Como pintou Goya, vem-nos a imagem de Cronos. O pai que não quer saber da violência, da destruição e de sua própria mortalidade devora seus próprios filhos, fazendo ele mesmo aquilo que quer evitar, eliminando, ele mesmo, aqueles que podem trazer-lhe a morte—e um filho sempre anuncia a morte de uma geração.

Um analista, como diz Lacan de si mesmo, pode fazer seu caminho a partir de um *não querer saber nada disso* (LACAN, 1972-1973, grifo nosso),¹⁰ alienação que detém todos diante disso, algo que atrai e repele, coisa que deveria permanecer oculta, mas insiste em vir à luz.¹¹ No

10 *Encore* (Edição Escola Letra Freudiana, 2010, p.11).

11 Definição de Schelling do *Unheimliche*, citada por Freud (1919, p. 258).

entanto, prosseguir no encalço do que o não se quer saber é justamente e, pelo menos, jamais o evitar.

Sobreviventes nos falam da avalanche de lama, que deveria estar contida, mas se esparramou, como uma “surpresa” do tamanho de um tsunami, com a violência de um vulcão. Mas não foi um maremoto, nem lavas em erupção que nos atingiram, desastres que não nos acontecem. Nem um nem outro fez nossa triste e miserável Pompeia, nossa paisagem lamacenta, depois de tanto, já familiar. Tragédia de corpos sem corpo, digitais sem impressão. Bruma de desaparecidos em que só resta um pântano de lama e pedaços de membros. Carne anônima. Rejeitos que não cabem no mundo retornam em um delírio de lama fazendo mais dejetos por onde passa.

Em Fernando de Noronha, um dos lugares mais lindos do Brasil e do mundo, uma montanha de lixo ameaça tomar conta da ilha, mesmo contando com uma usina de compostagem, que não consegue processar todo o lixo produzido. Na ilha de Boipeba, na Bahia, lugar onde a natureza é ainda bastante preservada, o cenário paradisíaco em torno de suas praias esconde uma montanha de lixo em seu interior (GALVÃO, 2018), que ameaça ultrapassar o monte mais alto da ilha, de onde assistimos um maravilhoso pôr do sol.

Além do lixo que se acumula sem vazão há o lixo que nos invade. O lixo jogado nas águas talvez seja o mais devastador e incontrollável. Agrotóxicos proibidos pelos Estados

Unidos e pela União Europeia aportam na América chamada “Latrina”, contaminando os alimentos, infiltrando-se em nossos leitos e envenenando nossas águas. Toneladas de plástico flutuam nas águas sem diques dos oceanos, matam baleias e aportam poluindo ilhas em todo o mundo, a muito custo preservadas, e mostram quão descontrolado está o destino de nossos restos. O planeta regurgita. O que se derrama nos rios inevitavelmente deságua no mar, e o desastre de Mariana já atinge os corais de Abrolhos...

Não temos atualmente ameaças de bomba atômica nem uma grande guerra declarada, mas a indiferença com a humanidade e com o planeta produz armas fatais. Temos nossa “Guernica” (ABRANCHES, 2019)¹² de toneladas de lixo, bombas-relógio prestes a explodir e destruir tudo de mais precioso: vidas humanas, fauna, flora e também a cultura. Lacan nos lembra que “é preciso poder morrer de vergonha.” (LACAN, 1969-1970, p. 172). Mas essa guerra que presenciamos arrasa sem o menor pudor, sem nenhuma vergonha. Vivemos uma guerra produzida pelo capital, pela ganância do poder financeiro que não mede princípios éticos nem meios e consequências, mas para que fim? O que fazer com tanto dinheiro em terras devastadas? Ou é exatamente essa devastação, o que interessa e confere poder? Mas todo esse massacre da vida, que parece ser um projeto sadeano, arrasador de tudo, realiza também um amplo e irrestrito suicídio. Encarnando a alienação

12 Sérgio Abranches, sociólogo, escritor e especialista em ecopolítica chamou os estragos de Mariana e Brumadinho de “Guernica mineral” em seu ótimo texto “Brumadinho, uma Guernica mineral”.

produzida por um desconhecimento sistemático de que é um dentre os seres vivos habitando o planeta, o homem deve ser o único ser vivo estúpido a ponto de destruir o habitat que o abriga. Estúpido a ponto de não querer saber que constrói bombas monstruosas. Pois é preciso saber disso para saber também desarmá-las. Sem essa ciência, o planeta só pode responder sendo inóspito com seus inconsequentes habitantes. Diferente das ostras e dos caracóis, os pobres seres humanos, desamparados, nascidos sem teto transtornam o que pode ser a sua casa, seu país, seu continente, seu planeta... em seu inferno. Fazem daquilo que é *Heim, Unheimliche*.¹³ Que porvir nos aguarda?

— *O que você quer ser quando crescer?* — perguntam às crianças nesse momento.

— *Bombeiro.*

Uma criança quer salvar o planeta de “adúlteros” loucos e, da saúde de sua infância, quer crescer como bombeiro. Claro, sabemos que toda vida é um rio que corre para a morte. Sim, evidentemente voltaremos ao pó do qual viemos. É o destino trágico de todos. Mas tratar o sujeito em vida como pó é algo aterrador. É o estado abjeto de “submerda”. Quando o sujeito padece diante do domínio do capital como “submerda”, termo usado por Benoît Le Bouteiller,

13 Familiar, infamiliar (ou estranho). Termos que Freud trabalha em seu texto “*Das Unheimliche*”.

¹⁴ quando se extrai do sujeito, tornado dejetivo, algo pior. Diz-nos Lacan que não há garantia absoluta, não há um Outro garantidor de tudo: “Não há Outro do Outro” (LACAN, 1958-1959, p. 322),¹⁵ não há a completude no Outro e, sim, sua inconsistência, mas pode-se sempre inventar Deus, ou coisa que o valha, que faça as vezes do Outro, algo como o divino Capital. Não existe a Merda da Merda, mas constatamos a “submerda”. A invenção do resto de um sujeito em que nada mais resta; nada mais resta nem para ser enterrado. Ou um resto de sujeito que subsiste, somente para nos dizer isso, que ainda há isso.

Que haja analistas, que, sabemos, são restos, mas não merdas quaisquer,¹⁶ para escutar o inaudível que vem de um sujeito invisível, por vezes quase imperceptível.

Abstract: Six years ago, the breakage of the Fundão tailings dam in Mariana razed the community of Bento Rodrigues to the ground. The tragedy took 19 human and countless other lives in the greatest environmental disaster in Brazil. The year of 2019

14 Aula inaugural proferida no Fórum do Campo Lacaniano BH, em 12 fev. 2019.

15 Lacan chega a dizer que este é o grande segredo da psicanálise “O grande segredo é: não existe o Outro do Outro”, em “*O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*”. A partir dessa fórmula, Lacan insistirá sempre na inconsistência de um Outro absoluto.

16 “O psicanalista, como se diz, aceita ser merda, mas não sempre a mesma. [...] E também não é qualquer uma” (LACAN, 1967, p.37), em seu discurso à Escola Freudiana de Paris (EFP).

had barely dawned when such tragedy, now widely recognized as criminal, would once again take place in an even larger scale, now in Córrego do Feijão, fatally victimizing over 300 people. Many knew of the imminent risk, yet nobody acted to prevent the disaster. We understand ourselves to be facing a tragedy of “not wanting to know anything about it”, passionately willful ignorance which, as in Oedipus’ tragedy, wants no knowledge of the death drive, this familiar uncanny, that suddenly comes to light.

Keywords: To know/To not know. Trash. Tragedy. Death Drive.

Referências

ABRANCHES, Sérgio. Brumadinho, uma guernica mineral. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 fev. 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/02/09/interna_gerais,1029174/sergio-abranches-brumadinho-uma-guernica-mineral.shtml>. Acesso em: 10 maio 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Lira Itabirana. *Revista Movimento* (portal), São Paulo. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/08/lira-itabirana/>. Acesso em: 10 maio 2019.

CARONE, Modesto. Nas garras de Praga. In: _____. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 92-99.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 233-269. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. *O infamiliar (Das Unheimliche)* (1919). Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. BH-SP: Autêntica, 2019. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

GALVÃO, Alexandre. Sem coleta, lixo e moscas assustam moradores de Boipeba. *Jornal da Metrópole*, Salvador, 9 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/51019,sem-coleta-lixo-e-moscas-assustam-moradores-de-boipeba>>. Acesso em: 10 maio 2019.

JOYCE, James. *O retrato do artista quando jovem* (1922) [recurso eletrônico]. Tradução de Bernardina Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. Acesso em: 10 maio 2019.

LACAN, Jacques. Discurso à EFP (1967). *Revista Letra Freudiana, Documentos para uma Escola II – Lacan e o passe*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 0', p. 26-43, 1995.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (1958-1959). Tradução Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Tradução e versão MD Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LACAN, Jacques. *Encore. O Seminário, livro 20: mais, ainda.* (1972-1973). Tradução Analucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010. (Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana).

OLIVEIRA, Junia. Vale burlou as próprias normas de segurança em barragem de Brumadinho. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/03/12/interna_gerais,1037122/vale-burlou-as-proprias-normas-de-seguranca-em-barragem-de-brumadinho.shtml>. Acesso em: 10 maio 2019.

QUINET, Antonio. *Óidipous, filho de Laios: a história de Édipo Rei pelo avesso* – uma transcrição. São Paulo: Giostri, 2015.

Entrevistas

CORUJO, Maria Tereza. Não consigo dormir, diz ambientalista que votou contra licença de barragem (2019). Entrevista concedida a Leandro Prazeres, portal UOL, Brasília, 29/1/2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/01/29/nao-consigo-dormir-diz-ambientalista-que-votou-contra-licenca-de-barragem.htm>>. Acesso em: 10 maio 2019.

MARTINEZ, Carlos Barreira. Vale pediu autorização para obras que colocavam barragem em risco; governo de MG aprovou (2019a). Entrevista concedida a Paula Paiva Paulo, portal G1, São Paulo, 10/2/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/10/vale-pediu-autorizacao-para-obras-que-colocavam-barragem-em-risco-governo-de-mg-aprovou.ghtml>>. Acesso em: 10 maio 2019.

MARTINEZ, Carlos Barreira. Vale diz que sirene não foram acionadas por ‘velocidade’ do deslizamento em Brumadinho (2019b). Entrevista concedida a Amanda Rossi, BBC News Brasil, Brumadinho/MG, publicação no portal G1, 31/1/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/31/vale-diz-que-sirenes-nao-foram-acionadas-por-velocidade-do-deslizamento-em-brumadinho.ghtml>>. Acesso em: 10 maio 2019.



Minas, tramas, lamas, traumas, dramas: o rejeitado irrompe barragens e ensina

Thales Siqueira de Carvalho¹

Pois a natureza é isso, sem medo, nem dó, nem drama

Canção “Um Violeiro Toca”

(Almir Sater e Renato Teixeira)

Resumo: O que os rompimentos de barragens ocorridos nos municípios de Mariana e Brumadinho nos ensinam sobre o mal-estar na cultura e também sobre o funcionamento psíquico? Os significantes “rejeito”, “ruptura”, “barreira”, “fenda”, “escoamento”, “vazão”, “retenção”, “compensação” não são exclusivos da engenharia, da mineração, mas também os encontramos no ensino psicanalítico, no ensino freudiano. A sobra do processo minerário não recebe o devido tratamento e simplesmente é depositado em uma imensa latrina. Todo este resto não elaborado, não devidamente conduzido, não escoado, não transformado e simplesmente descartado, sem o devido tratamento, retorna. A escória de rejeitos ressurge e

1 Psicólogo e Psicanalista – Belo Horizonte/MG e Pedro Leopoldo/MG.

rompe barragens cobrando espaço. A *Verwerfung*, ou mecanismo da rejeição, evoca a ideia de descartar ou eliminar um conteúdo que porventura venha exigir um trabalho psíquico. É preciso expandir o entendimento do mecanismo da *Verwerfung* para além da psicose. O que não foi escrito, registrado e formalizado cobra seu espaço desde fora. Assim também é com o ser humano. A maneira como um sujeito lida com seus próprios conteúdos psíquicos dirá como ele lida com o seu próximo, com a cidade, com a natureza. Sujeito e civilização caminham juntos e sofrem juntos. Um não cai sem o outro. Um não se rompe sem o outro. No lugar da possibilidade de construção de uma saída após um alerta angustiante, só restou avalanche. Estamos falando de pulsão e lama. E ao invés do quadro nosológico freudiano das Neuroses Traumáticas de Guerra, temos agora em nossa região as Neuroses Traumáticas de Lama.

Palavras-chave: Barragem. Rompimento. Lama. Pulsão. Rejeito. *Verwerfung*. Trauma. Economia.

A Inconfidência Mineira agora é outra. Não mais de libertação. Restaram-nos as inconfidências dos Conselhos Gestores, dos acionistas e investidores. Os inconfidentes não são mais os mártires de independência, mas sim os vilões com suas tramas em salas de reuniões; e que, após

o rompimento das barragens, foram obrigados a assumir suas confidências sobre economia e lucro. Há mais de dois séculos, aqui, na mesma região de Vila Rica, resistíamos ao abuso da Coroa Portuguesa e sua Derrama,² hoje resistimos diante de outra derrama, não mais a de Portugal, mas, sim, a nossa própria, de lama. Alguns significantes retornam e nos lembram que somos mesmo muito mineiros, às voltas com as minas.

O que os rompimentos ocorridos em Mariana e Brumadinho nos ensinam sobre o mal-estar na cultura e também sobre o funcionamento psíquico? Os significantes “rejeito”, “ruptura”, “barreira”, “fenda”, “escoamento”, “vazão”, “contenção”, “compensação” não são exclusivos da engenharia, da mineração, mas também os encontramos no ensino psicanalítico, no *Lehre*³ freudiano.

Conhece-se o grau evolutivo de uma civilização pela forma como esta trata seu esgoto, seu lixo, suas sobras, seus dejetos, sua escória. O ser humano é um ser embaraçado quando o assunto é a evacuação dos excrementos, da merda. Lacan, ao comentar sobre a obra de Aldous Huxley, chega à seguinte conclusão: “uma grande civilização é em primeiro lugar uma civilização que possui um sistema de esgotos” e ainda

-
- 2 Dispositivo fiscal complementar anual, que a Rainha Maria I de Portugal, em 1751, impôs aos mineiros, para somar-se ao Quinto já cobrado por toda a extração de ouro, diamantes e pedras preciosas.
 - 3 Termo alemão que significa “ensino”, e que Freud utilizava para falar do que a experiência psicanalítica ensina. Termo traduzido erroneamente por “teoria” e “doutrina” em algumas passagens ao longo da obra de Freud.

propõe a equação “grande civilização = canos e esgotos.” (LACAN, 1967-1968, p. 76). Pois bem, as barragens do Fundão e do Feijão não passam de grandes fossas a céu aberto, um monte de xixi e cocô das mineradoras. Depois de comer montanhas, árvores e campos, a mineração evacua sua famigerada lama. A sobra do processo minerário não recebe o devido tratamento e simplesmente é depositada em uma imensa latrina. Todo este resto não elaborado, não devidamente conduzido, não escoado, não transformado, é simplesmente descartado sem o devido tratamento e então retorna. A escória de rejeitos ressurgue e rompe barragens cobrando espaço. Irrompe e quebra a continuidade da vida de uma empresa, de uma cidade, de uma região, de um Estado. Há uma vertente sádica da pulsão, latente na engrenagem da produção a qualquer custo, suprimindo documentos, laudos, informações e relatórios que fariam adotar outras medidas menos primitivas e menos grotescas, mais sofisticadas e menos econômicas, que não somente a rudimentar técnica de barragem de contenção à montante. Que dia entenderemos que se negligenciamos o fator quantitativo, isso, uma hora ou outra, irá nos cobrar? Uma falência é isto. Um desastre evitável também. Ambos são ressonâncias da negligência ou imprudência com os cálculos, com a matemática. O problema econômico, tão bem elaborado por Freud, é um dos nomes do real e isto insiste em retornar. Neste rumo, Lacan, repetidas vezes, afirma que “existe saber no real.” (LACAN, 1973, p. 321). E nessa função ensinante do saber no real é onde podemos nos enodar enquanto psicanalistas.

Nas conversas da Capela de Sainte-Anne, “*Je parle aux murs*”, Lacan diz:

[...] o que distingue o discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico [...] rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor. (LACAN, 1972, p. 88).

O capitalismo, em sua engrenagem, rejeita a castração, logo, exclui o amor, pois sem a castração ninguém ama, apenas goza. A *Verwerfung*, ou mecanismo da rejeição, evoca a ideia de descartar ou eliminar um conteúdo que porventura venha exigir um trabalho psíquico. É uma defesa diante de uma ameaça de perda de satisfação pulsional. E quem quer saber da castração não é mesmo? Quem é que quer perder satisfação e gozo? Freud (1918) traz o conceito de “Rejeição” de forma mais elaborada no texto em que apresenta o caso do Homem dos Lobos e é a partir daí que Lacan propõe o termo “Forclusão”, para dizer da presença estrutural desse mecanismo na formação da psicose, especificamente no que diz respeito a não inscrição da Lei/função paterna/nomes do pai. De forma tópica, algo fica banido para fora da inscrição no aparelho psíquico, e a ideia ameaçadora fica condenada ao descarte. Proponho a analogia de que algo “não entrou na roda”, mas paira no entorno como rejeito. Todos nós, em alguma medida, possuímos pontos de *Verwerfung*, pois nosso falho e imperfeito aparelho psíquico lança mão de diversos recursos para lidar com as múltiplas exigências, sejam elas

internas ou externas. É preciso expandir o entendimento do mecanismo da *Verwerfung* para além da psicose.⁴ Afinal de contas, a clínica nos convida a pensar em pontos de rejeição em sujeitos não psicóticos. Os fenômenos psicossomáticos, as doenças autoimunes, as impulsões, nos dão notícia de algo trans-estrutural. Sempre teremos conteúdos não tratados, de modo que o viver carrega o risco do retorno daquilo que fora recalçado (*Verdrängt*), ou negado (*Verneint*), ou recusado (*Verleugnet*), ou rejeitado (*Verwift*). O retorno, como consequência deste último mecanismo, nos parece ser mais danoso e exige mais empenho para contornar. Quando há acúmulo de gozo em detrimento ao devido escoamento/tratamento de conteúdos rejeitados, o retorno disto é quase sempre sofrido e custoso. É impossível tratar tudo, porém é mortífero apenas e somente ficar rejeitando o que poderia receber outros destinos. É o exemplo da maneira como a mineração procedeu de forma generalizada aqui em nosso Estado. Escolheu-se a rejeição, com um toque de recusa da castração, do limite, dos cálculos. Será que estamos então diante de uma peculiar junção de uma postura perversa fazendo uso da rejeição? Trata-se da recusa das normas técnicas, da ética, uma recusa do risco, em favor da rejeição sem critério. O rejeitado da ata de reunião retorna no real da empresa. O que não foi escrito, registrado e formalizado, cobra seu espaço desde

4 O termo lacaniano “Forclusão” remete muito mais à dimensão temporal, em que o sujeito perde o prazo e não consegue mais inscrever a função paterna. E isso se aplica muito bem à psicose. Porém, a *Verwerfung* freudiana não se restringe à psicose e não está atrelada à moratória temporal perdida. Diz de uma defesa que rejeita o que é insuportável.

fora. Assim também é com o ser humano. A maneira como um sujeito lida com seus próprios conteúdos psíquicos dirá como ele lida com o seu próximo, com a cidade, com a natureza. Sujeito e civilização caminham juntos e sofrem juntos. Um não cai sem o outro. Um não se rompe sem o outro. O que se manifesta sintomaticamente em um, também encontramos exemplos no outro. E neste rumo, Freud (1930) já nos advertiu, no capítulo VIII de o “Mal-estar na civilização” que o supereu de uma época tem a mesma origem e lógica que o supereu de um sujeito.

Somos seres de linguagem e pagamos um preço por isso, a saber, o fato de termos perdido o instinto. Instinto este que protege e guia o reino animal. A ascensão ao patamar do mundo falante nos fez abrir mão desse dom primitivo. Passamos a ter de lidar com a vida de outras formas como, por exemplo, através dos sintomas, inibições, efusões, embaraços, *actings*, passagens ao ato, impulsões, termos estes utilizados por Lacan em “O Seminário 10: a angústia”.⁵ Em uma situação especial, quando em perigo, quando em medo (*Furcht*), pavor (*Schreck*), muitas vezes, o ser falante se paralisa ao invés de reagir instintivamente como um animal ou como nosso mais antigo ancestral. Sendo assim, o homem primitivo se encontrava em situação menos pior, por não conhecer privações da pulsão, conforme elaborou Freud (1930) no capítulo V de “O mal-estar na civilização”. E o que nos previne, como sujeitos, de uma situação de

5 Conforme quadro demonstrativo presente no capítulo 1 de “O Seminário 10: a angústia”, de 1962-1963, p. 22.

risco, na qual muitas vezes somos tomados de paralisia? A angústia, *Angst vor etwas*, conforme Lacan (1962-1963), citando os termos originais de Freud. Esta é, por excelência, “sinal do real” (Lacan, 1962-1963, p. 22), que nos avisa para buscarmos uma saída. A angústia é a guardiã do sujeito. Ela é a sentinela da pulsão de vida, que nos avisa do perigo – no qual o objeto *a* encontra-se – de ele, o sujeito, ser esmagado e destruído. A angústia é uma sirene que toca e nos convoca ao movimento, ao “Salve-se quem puder!”. Exatamente a sirene que não tocou na tragédia de Brumadinho. Não houve sinal, muito menos este tempo da angústia; e as diversas vidas ali foram arrebatadas. A moção lamaçal invadiu sem aviso, sem contenção e sem dar muita chance de fuga. No lugar da possibilidade de construção de uma saída após um alerta angustiante, só restou avalanche. Lama trazendo perplexidade e trauma.

Dizer que há um trauma, isto já implica um mínimo de borda, já implica um trabalho de estrutura em torno do que incidiu como excesso. O trauma é uma operação psíquica e não o evento em si. O evento traumático só é dizível quando o trauma está configurado. Fora isto, não há o que o sujeito dizer, não há ser falante, apenas um aparelho psíquico tomado por uma exposição radical, o que Freud articulou com o termo *Rätlosigkeit*. Termo erroneamente traduzido por “desamparo”, mas que na verdade remete à sensação de “perplexidade”. Conceito que “diz respeito à manifestação de uma presença da pulsão sem mediação simbólica” (CARVALHO, 2015, p. 17). Esta tal perplexi-

dade – *Rätlosigkeit*⁶ – é uma fragilidade demasiadamente humana. O trauma é uma marca do trabalho humano sobre algo indizível de sua própria experiência humana. Já na natureza, disse-nos os poetas, é isto, não tem “medo, nem dó, nem drama”.⁷ Na natureza não há trauma nem drama. Isto é coisa de gente que faz xixi e cocô, e não sabe muito bem como lidar com isso.

Vimos do trauma e do trauma falamos. Há o *um* da fenda original e o quadro de Courbet, “A origem do mundo” corrobora isso. Lacan (1964, p. 33) afirma que “o *um* que é introduzido pela experiência do inconsciente é o *um* da fenda, do traço, da ruptura.” Se não fôssemos sujeitos traumatizados, seríamos todos zumbis, catatônicos, perplexos, invadidos de pulsão. O trauma é o enodamento de um ponto quantitativo, de um acosso pulsional outrora insuportável, que quebrou barragens externas e internas. Segundo Freud (1917), a pressão que vem de dentro consegue ser pior do que a pressão que vem de fora. Não por acaso, uma analisante, ao falar de sua compulsão alimentar, comete um ato falho, e ao tentar dizer de seu ato “compulsivo” ela disse ser “compulsório”. Ou seja, a pulsão acossa como uma força de lei coagindo o sujeito em seu modo de gozo, sem direito a defesa. A clínica ensina o quanto isto é realmente compulsório sobre o sujeito.

6 Conceito trabalhado por Freud no texto “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926.

7 “Um Violeiro Toca” – canção de Almir Sater e Renato Teixeira.

O trauma é, do furo, uma escrita que enoda fantasmaticamente uma quota da pulsão de morte. Talvez este seja o verdadeiro vetor para o qual Lacan nos aponta ao propor o termo *troumatisme*.⁸ Um sujeito falar e narrar algo do qual ficou traumatizado, aí já podemos dizer de um trabalho psíquico, uma operação de estrutura diante do excesso sofrido. Fora do enodamento-trauma, neste campo do que vai além do princípio do prazer, o que resta é “perplexidade”: o sujeito paralisado, aturdido, arrebatado, tomado pela avalanche pulsional mortífera. O que irrompe é algo que invade subitamente com violência. Arrasta, esmaga, sobrevém, arrasa. Avança, arranca, detona, enlouquece e mata. Estamos falando de pulsão e lama. E ao invés do quadro nosológico freudiano das Neuroses Traumáticas de Guerra, temos agora, em nossa região, as Neuroses Traumáticas de Lama. Os acometidos por lama apresentam manifestações sintomáticas idênticas aos acometidos por guerra, como, por exemplo, pesadelos constantes, anedonia, síndrome do pânico, alcoolismo, abuso de drogas, depressão, assim como no meio intrafamiliar dessas pessoas começam surgir fenômenos de agressividade e violências domésticas. É preciso fazer uma passagem do trauma ao *traum*.⁹ Para esses sujeitos, uma reestruturação de sua causa para além da reconstrução de sua casa. E nesse campo do gozo, quem nos dá rumo é este pequeno *a*, muitas vezes em for-

8 Jogo de palavras francesas *trou* – buraco e *traumatisme* – traumatismo, formando: *troumatisme*.

9 A palavra “*traum*” em alemão é “sonho”.

ma de singulares sonhos da vida cotidiana. Sendo assim, uma análise só tem sua razão de existir se conseguir tocar o campo do gozo, franquear um novo arranjo, uma nova escrita da pulsão de vida, ceder e *des-ser* algo da pulsão de morte, para assim o sujeito ter mais dignidade para sonhar, amar, trabalhar e sorrir.

Em trabalho na revista “Transfinitos”, n. 15, foi possível colher o seguinte:

[...] toda crise é econômica, seja ela do estado ou do sujeito. Um desajuste econômico é exatamente aquilo que escutam os de um sujeito em crise. Um não enodamento da castroação, o abafamento do saber do real, a recusa da matemática (CARVALHO, 2016, p. 227).

Pois bem, diante disto e considerando que para Freud (1917) o termo “traumático” não tem outro sentido senão o sentido econômico, podemos então arriscar concluir, aqui hoje, dizendo: a economia é o destino!

Abstract: What do the dam breaks that occurred in the municipalities of Mariana and Brumadinho teach us about the malaise in the culture and also about the psychic functioning? The signifiers “tailing”, “rupture”, “barrier”, “crack”, “outflow”, “flow rate”, “containment”, “compensation”, are not exclusive to engineering, mining, but also those found in psychoanalytic education, in Freudian teaching. The remainder of the mi-

ning process does not receive proper treatment and is simply deposited in an immense latrine. All this undeveloped rest, not properly conducted, not drained, not transformed, and simply discarded without treatment, returns. The scum of tailings resurfaces and breaks dams, taking up space. The *Verwerfung*, or rejection mechanism, evokes the idea of discarding or eliminating content that may require psychic work. It is necessary to expand the understanding of the mechanism of *Verwerfung* beyond psychosis. What has not been written, registered and formalized, takes its place from the outside. So it is with the human being. One way a subject deals with his own psychic contents, will tell how he deals with his neighbor, with the city, with nature. Subject and civilization go together and contact together. One does not fall without the other. One cannot break without the other. Instead of the possibility of building a way out after a anguish alert, only an avalanche remained. We are talking about pulsion and mud. And due to the effect of the Freudian nosological picture of Traumatic War Neuroses, we now have in our region, the Traumatic Mud Neuroses.

Keywords: Disruption. Mud. Pulsion. Reject. *Verwerfung*. Trauma. Economy.

Referências

CARVALHO, Thales Siqueira. Os ‘não-tolos’ erram, os todo-tapados erram: no real da análise de uma mulher. *Transfinitos* (revista da Aleph – escola de psicanálise), Belo Horizonte/MG, n. 14, p. 211-221, 2015.

CARVALHO, Thales Siqueira. Antecipação do saber no real e a lógica do pressentimento. *Transfinitos* (revista da Aleph – escola de psicanálise), Belo Horizonte/MG, n. 15, p. 275-283, 2016.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 3-78. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Conferência XVIII – fixação em traumas – o inconsciente (1917 [1916-1917]). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) – Teoria geral das neuroses*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 23-32. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 38-92. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

LACAN, Jacques. Nota Italiana (1973). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. *Meu ensino* (1967-1968). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Minas, tramas, lamas, traumas, dramas: o rejeitado irrompe barragens e ensina

LACAN, Jacques. *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne* (1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Guerra e Morte: o que insiste da pulsão



Pulsão, genocídio cultural e morte

Raul Macedo Ribeiro¹

“Todos nós, brasileiros, somos carnes daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos”.

(RIBEIRO, 1995, p. 120)

Resumo: O artigo aborda a questão do mal – tema sobre o qual o autor trabalha desde 2014, em um seminário que ocorre em Paris, coordenado por Ghyslain Lévy. A partir de dados da antropologia e da historiografia, o texto aborda a banalidade do mal, ao longo da civilização humana e, apoiando-se em alguns autores: Freud, Nathalie Zaltzman, Solal Rabinovich, observa a confluência entre a origem de nossa civilização e o assassinato do pai da horda/assassinato do pai primevo, o que não é sem consequências para o curso civilizatório.

1 Psicanalista em Belo Horizonte. Participante do *Quatrième Groupe* – *Organisation Psychanalytique de Langue Française* – Paris.

Palavras-chave: Genocídio. Mal. Crime contra a humanidade. *Kulturarbeit*. Assassinato. Civilização. Inconsciente. Letra. Falsificação.

A leitura recente de três livros, o primeiro, “Breve história do mundo”, do historiador da arqueologia e da arte Ernst Gombrich; o segundo, “O que aconteceu na história”, do historiador e arqueólogo Vere Gordon Childe; e o terceiro, “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil”, do antropólogo Darcy Ribeiro, confrontou-me com o vandalismo, o imperialismo, o genocídio cultural, o saque e a morte pelo assassinato como fatores recorrentes e constitutivos da pré-história e da história humana.

A leitura desses três livros foi precedida de outra, “*L’esprit du mal*” (O Espírito do mal – livro ainda não traduzido em português), da psicanalista Nathalie Zaltzman, a partir da qual ocorreu a busca pelos livros de história geral e sobre a história da colonização da América e da formação do povo brasileiro, aspecto que tende a ser negligenciado pelos historiadores europeus.

No processo de elaboração deste texto, outro livro se impôs: “*Ecritures du meurtre*” (Escrituras do assassinato – livro também não traduzido em português), de Solal Rabinovitch, que me pareceu contribuir com fundamentos para o que aqui se quer discorrer.

Em “Breve história do mundo”, nas pouquíssimas menções ao “Novo Mundo”, encontramos o massacre coman-

dado por Fernão Cortés à magnífica cidade do rei Montezuma, no México. Em suas cartas ao rei de Espanha, Cortés descrevia seu espanto e sua admiração pela beleza e pelo fausto da cidade. Sobre o palácio do rei Montezuma, escreveu Cortés ao rei da Espanha, que jamais a Espanha possuiria iguais: “[...] guarnecidos de colunas e placas de jade, de onde se enxergava a uma distância a perder de vista” (GOMBRICH, 2001, p. 214).

Gombrich escreve: “[...] lá e em outras regiões da América, os espanhóis exterminaram de maneira horrível os povos indígenas cuja civilização atingiu tão alto grau de refinamento.” E, curiosamente, comenta: “Esse capítulo da história da humanidade é tão terrível para os europeus que prefiro não falar mais sobre ele.” (GOMBRICH, 2001, p. 215). Coloca, assim, um ponto final no assunto.

Ainda nesse livro, o período que vai da pré-história aos acontecimentos do século XX é abordado de modo a destampar o aspecto bélico, tirânico e colonizador que perpassa toda a história humana. Isso é descrito de tal forma que as nossas maiores referências em termos de genocídio cultural e humano, o que chamamos as duas grandes guerras mundiais, passam a ser abordadas não mais como excepcionalidades, mas como algo que evidencia uma característica seriada de 500 mil anos de história da humanidade.

O segundo livro a que me referi, do arqueólogo Gordon Childe, aborda o período que vai da pré-história ao declínio

do império romano. Para isso, o autor utiliza termos e conceitos tais como: a selvageria paleolítica, a barbárie neolítica, a barbárie da idade do cobre, a primitiva civilização da idade do bronze, a idade do ferro (com o avanço considerável em relação à produção e à socialização de armamentos bélicos), para chegar ao apogeu da civilização antiga e seu conseqüente declínio.

O apogeu da civilização antiga, a Atenas do século V a.C., é citada como um governo popular completo. No entanto, alguns dados são dignos de nota: as mulheres não tinham lugar na vida pública, a cidadania passara a ser um privilégio hereditário, cujos estrangeiros, mesmo residentes, eram excluídos de tal direito. A quantidade de escravos atenienses foi fixada nesse período em 365 mil, ou seja, quase quatro vezes mais que o número de cidadãos que, segundo Childe, perfaziam apenas a décima parte da população total. Ou seja, a democracia ateniense era constituída e se mantinha por uma base substancial de escravos e uma minoria de cidadãos.

Todos esses dados da história geral, por deixarem de lado o novo continente, ensejaram a busca em relação à recentíssima história de nossa colonização que se inicia no século XVI. O título “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil”, de Darcy Ribeiro, veio ao encontro do que se buscava.

Segundo Ribeiro, mesmo antes do descobrimento do Brasil, o Vaticano, em 1454, já estabelece as normas básicas

da ação colonizadora. É o que se lê na bula “*Romanus Pontifex*” do papa Nicolau V:

Não sem grande alegria [sublinha o papa] chegou aos nossos conhecimentos que nosso filho dileto infante d. Henrique, incendiado no ardor da fé e zelo da salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo o orbe o nome gloriosíssimo de Deus, reduzindo à sua fé não só os sarracenos, inimigos dela, como também quaisquer outros infiéis. Guinéus e negros tomados pela força, outros legitimamente adquiridos foram trazidos ao reino, o que esperamos progrida até a conversão do povo ou ao menos de muitos mais. Por isso nós, tudo pensando com devida ponderação, concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarraceno e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e de seus descendentes. Tudo declaramos pertencer de direito in perpetuum aos mesmos d. Afonso e seus sucessores, e ao infante. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir essas determinações, seja excomungado [...] (RIBEIRO, 1995, p. 39).

A referência, citada anteriormente, ao conquistador Fernão Cortés, no México, ilustra o respeito em relação às recomendações acima do sumo pontífice, bem como o molde utilizado pelos espanhóis e portugueses na conquista da América e na direção dada ao processo civilizatório que aqui se estabeleceu. Nesse sentido, são estarrecedores alguns dados trazidos por “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil”.

Segundo Ribeiro (1995, p. 23), a nação brasileira surge para “[...] servir a propósitos mercantis alheios a ela, através

de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituiriam, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável.”

Escreve o autor que a destruição das bases da vida social dos ameríndios e a destruição radical de seus valores, associadas ao cativeiro, levavam a um estado de penúria tal que

[...] muitíssimos índios deitavam em suas redes e se deixavam morrer como só eles têm o poder de fazer. Morriam de tristeza, certos de que todo o futuro possível seria a negação mais horrível do passado [...]. (RIBEIRO, 1995, p. 43).

Muito além das espadas e dos arcabuzes responsáveis pela depopulação do Brasil, as enfermidades trazidas pelos conquistadores ocuparam seu lugar de honra. Cito mais um trecho comovente do livro de Darcy Ribeiro:

Cerca de 40 mil índios reunidos insensatamente pelos jesuítas nas aldeias do Recôncavo, em meados do século XVI, atacados de varíola, morreram quase todos, deixando os 3 mil sobreviventes tão enfraquecidos que foi impossível reconstituir a missão. Os próprios sacerdotes operavam muitas vezes como contaminadores involuntários, como testemunham suas próprias cartas. Em algumas delas, comentam o alívio que lhes traziam ao “mal do peito” os bons ares da terra nova; em outras, relatam como os índios morriam feito moscas, escarrando sangue, podendo ser salvas apenas suas almas (RIBEIRO, 1995, p. 52).

A chamada expulsão pombalina, no final do século XVII, leva ao índio a condição de ser arrendado. No entanto, o índio arrendado daria mais lucro quanto menos comesse

e quanto mais rapidamente realizasse seu trabalho para o que fora alugado. Daí, segundo Ribeiro, esse desgaste humano do trabalhador cativo constituir-se como uma forma terrível e suplementar de genocídio imposta a mais de um milhão de índios.

Quanto aos negros e à empresa escravista, o horror se refina e se intensifica nas bases de nosso modelo civilizatório. Calcula-se, em função do crescimento vegetativo negativo e da necessidade de reposição de mão de obra escrava, o ingresso de 75 mil negros no século XVI, 452 mil no século XVII, 3.621 milhões no século XVIII e 2.204 milhões no século XIX; o que perfaz um total de 6.352 milhões de escravos importados de 1540 a 1860. Ou seja, seres humanos reduzidos a mais indigna condição de vida, pela mão de outros seres humanos.

Um detalhe: não faltou no Brasil o desejo nem a tentativa de montar fazendas de criatórios de negros para livrar os empresários dos gastos com as importações, um negócio que não deu certo porque se considerava mais vantajoso importar os negros.

Pergunto-me: que sentido têm todos esses dados para serem expostos em uma jornada de psicanálise? Conteí-lhes, no início deste escrito, que a busca pelos dados históricos adveio da leitura do livro “*L’esprit du mal*”, de Nathalie Zaltzman.

A partir do conceito freudiano de *Kulturarbeit*, trabalho de cultura, Zaltzman comenta sobre a instituição jurídica

nomeada – “crime contra a humanidade” –, que surge no século XX, como consequência da barbárie nazifascista, *le Shoah*, ou seja, o Holocausto. Para a autora, tal conceito estabelece de forma irredutível o direito de pertinência de todo e qualquer sujeito à espécie humana, eleva tal crime à condição de mal imprescritível, já que atenta contra o próprio conceito de humanidade e da pertinência a ela por cada um dos indivíduos existentes no mundo. Daí, essa construção jurídica ilustraria, de modo privilegiado, a realização do conceito freudiano de *Kulturarbeit*.

No entanto, segundo a psicanalista, quando se erige o conceito de crime contra a humanidade, se apaga a dimensão do mal, sob a sombra de uma entidade ideal – a humanidade purificada, sagrada, objeto de um crime imprescritível, tal como o eu-prazer purificado freudiano, que rejeita para fora de si tudo o que contraria seus objetivos de prazer ou seu amor por si mesmo.

Escreve a autora:

No lugar de incluir a dimensão criminal da condição humana, a noção idealizada e ideal de humanidade reenvia a dimensão criminal para o limbo do desumano. A edificação da humanidade “purificada”, excluindo dela o inumano que faz parte essencial dela, é útil a autoconservação do eu contra o mal, preservando o acordo do eu com seus ideais. Evadindo-se do princípio de realidade. Daí, o espírito do mal se reduz e se torna invisível. (ZALTZMAN, 2007, p. 82, tradução nossa).

Zaltzman se interroga se para toda *Kulturarbeit* corresponderia um acréscimo de recalque, ou se esse mecanis-

mo seria especificamente ligado à resistência do mal em se deixar pensar. No entanto, para a autora, duas coisas são certas: a primeira, no processo de cultura [*Kulturarbeit*] realizado pela elaboração do conceito de “crime contra a humanidade”, o mal se apresenta sob a barra do recalca-mento; e, a segunda, mais importante do que interrogar psicanaliticamente a questão do mal, o fundamental seria interrogar a vida psíquica na sua relação com o mal.

Cito novamente Nathalie Zaltzman (2007, p. 109, tradução nossa):

Sabe-se, por experiência histórica, que os diques da civilização não podem resistir ao espírito do mal. O trabalho de cultura tem dificuldade em inventar uma representação do mal que fosse profana, absurda e caótica, uma representação que sucedesse ao mal definido como atentado ao sagrado e, em particular, ao caráter sagrado do laço de filiação. O sagrado, observou Freud, não é senão na origem a vontade continuada do pai originário.

Sobre o postulado freudiano do assassinato do pai originário, Zaltzman questiona se não seria ele o lugar último da origem psíquica do mal, por ser inscrito no recalca-mento originário e definitivamente subtraído a qualquer apreensão pelo conhecimento e virtualmente indelével no psiquismo humano.

Foi nesse ponto, como me referi anteriormente, que o livro “*Ecritures de meurtre*”, de Solal Rabinovitch (2004), se impôs. A autora observa que o mito do assassinato do pai primevo é uma tentativa de tornar *lisible* (ou seja, passível

de leitura) a origem do mundo dos homens, na medida em que constituiria a escritura do recalçamento originário e o umbigo do tecido psíquico.

A autora escreve:

Uma vez abolido como acontecimento exterior, o acontecimento do assassinato é incorporado psiquicamente: o umbigo do tecido psíquico, *Unerkannt*, lugar de um impossível a reconhecer que faz furo no saber, ponto de atração dos processos de recalçamento secundários. (RABINOVITCH, 2004, p. 30, tradução nossa, grifo da autora).

Para a autora, o fim da horda do pai originário, ou seja, seu assassinato, coincide com a possibilidade do surgimento do sujeito do inconsciente e com o início da civilização.

Se retomarmos a hipótese de Nathalie Zaltzman de que a marca do assassinato do pai poderia ser o traço indelével do que diria respeito ao mal, em Solal Rabinovitch encontramos em tal acontecimento o surgimento do inconsciente e o início da civilização. Seria, pois, a civilização irremediavelmente amalgamada ao mal?

Rabinovitch observa:

O assassinato engendra a figura significativa do “pai morto”, dessa figura procede o pai simbólico – o Nome-do-Pai em sua versão simbólica do Pai do nome – que funda a lei e o desejo, limitando o gozo. A incorporação canibalística do pai morto é incorporação significativa; mas este gesto funda ao mesmo tempo o pai real e a ameaça de seu gozo sem fim. (RABINOVITCH, 2004, p. 40, tradução nossa).

O início da civilização coincidiria, pois, com o evento do assassinato do pai gozador dando lugar à lei e à letra. No entanto, sua incorporação canibalística/significante pelos filhos funda o pai real e a dimensão da ameaça de um gozo sem fim, exercido tanto cotidianamente quanto soberbamente nos “massacres civilizatórios”.

Para finalizar, cito mais uma vez Solal Rabinovitch (2004, p. 63, tradução nossa):

Todo escrito, que ele seja visível no mundo ou decifrável no sujeito, é desfigurado pela verdade oculta, esquecida que aí traça um caminho; a falsificação é o que a verdade escreve. Não existe escrito “verdadeiro”, escrito “originário”; o único escrito histórico da época bíblica, a Bíblia, nos demonstra isso. Não há escrita que não transmita a memória senão falsificada; a falsificação é, em suma, a marca de fábrica da origem, na medida em que só depois de sua leitura constitui um escrito como originário.

A falsificação é também o que compõe o tecido que constitui o psiquismo, tecido significativo que advém do oco deixado pelo assassinato do pai. Assassinato que acaba por ocupar a posição de exceção: lugar de imagem e de objeto para sempre perdido. Lugar do recalçamento originário que como tal força a escrita do impossível a escrever-se como ficção/falsificação.

E a pulsão? Onde situá-la? Caso não a hipostasiemos, ou seja, caso não tomemos a ficção pulsional como materialidade, será no campo da falsificação e da ficção que ela mostrará sua graça ou sua desgraça.

Résumé: L'article aborde la question du mal - un sujet sur lequel l'auteur travaille depuis 2014, dans un séminaire qui a lieu à Paris, coordonné par Ghyslain Lévy. À partir des données anthropologiques et historiographiques, le texte redécouvre la banalité du mal à travers la civilisation humaine, et, basé sur certains auteurs: Freud, Nathalie Zaltzman, Solal Rabinovitch, observe la confluence entre l'origine de notre civilisation et le meurtre du père de l'ordre/meurtre du père primitif; ce qui n'est pas sans conséquences pour le cours civilisateur.

Mots-clés: Génocide. Mal. Crime contre l'humanité. *Kulturarbeit*. Meurtre. Civilisation. Inconscient. Lettre. Falsification.

Referências

CHILDE, Vere Gordon. *O que aconteceu na história*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Licença editorial para o Círculo do Livro de Jorge Zahar Editor, 1977.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo (1939). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 19-150. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

GOMBRICH, Ernst. *Breve história do mundo*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RABINOVITCH, Solal. *Ecritures du meurtre*. Paris: Érés, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ZALTZMAN, Nathalie. *L'esprit du mal*. Paris: Éditions de l'Olivier, 2007.

Obra consultada

COLOMBO, Eduardo. Critique épistémologique de la notion de pulsion. *Topique - Revue Freudienne*. Paris: Presses Universitaires de France, n. 66, p. 67-84, 1998.



Auschwitz, sempre, e mais uma vez...

Maria Barcelos de Carvalho Coelho¹

Resumo: Este trabalho pretende acompanhar o drama de um judeu, num campo de extermínio, frente à impossibilidade de realizar os rituais funerários de sua cultura. O filme “O filho de Saul” se mostrou uma referência para aproximar o espectador ao real – inassimilável, em que só a arte permitiu bordejar. O conflito pulsional, apresentado por Freud em seu diálogo com Einstein, agrega-se à essa reflexão, ao trazer para o cenário da Segunda Guerra Mundial, o amálgama entre Eros e Destrutividade, enlaçados aos ideais narcísicos de uma nação.

Palavras-chave: Real. Experiência. Limite. Guerra. Pulsão. Conflito. Holocausto.

Nos agarramos a cada hora tépida; a cada crepúsculo, procuramos reter o sol ainda um pouco no céu, mas tudo foi inútil. (Primo Levi – É isto um homem?)

1 Psicanalista. Membro da Escola Freudiana de Belo Horizonte – EFBH/iepsi. Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Teoria Literária pela UFMG.

O holocausto aos judeus, na Segunda Guerra Mundial, é um acontecimento que se inscreveu no pensamento ocidental, no qual *Auschwitz* se eternizou como emblema de um genocídio sem precedentes. Falar dessa experiência, muitas vezes demandada e dirigida àqueles que regressavam dos campos de concentração, esbarrava com a impossibilidade de dizer o que se passou. Maurice Blanchot, colhendo alguns fragmentos dessas falas, nos aproxima daquilo que, para ele, se apresenta como enigma, mas que contém em si mesmo uma “força interrogativa”.

[...] O caráter de incompreensibilidade tem a ver com a ausência mesmo do fenômeno: impossível de compreendê-lo perfeitamente, de integrá-lo à consciência. Impossível esquecer-lo, impossível lembrá-lo e impossível de falar dele (BLANCHOT, 2007a, p. 87).

O filme “O filho de Saul” traz, mais uma vez, *Auschwitz*, na mudez da língua e na impossibilidade de agir. Tudo se passa quando um suposto pai, Saul, rouba e esconde o corpo de uma criança/adolescente que fora morta numa câmara de gás. O objetivo do personagem é evitar que o corpo seja incinerado e jogado no rio. Enterrá-lo de acordo com os ritos judaicos é sua luta, sua obstinação, e, para tal empreendimento, ele terá que encontrar um rabino, dentre a multidão, que chegue ao campo. É preciso seguir os ritos talmúdicos: preparar o corpo de acordo com a *Tahará*, banhá-lo e rezar o *Kadish*, de acordo com os ritos judaicos.²

2 Texto disponível em: <<https://www.google.com/search?q=as+tra+di%C3%A7%C3%B5es+de+um+enterro+judeu&oq=&aqs=chro>>

E assim as cenas se sucedem com o corpo do menino embrulhado em panos e sendo escondido dos SS – a tropa de choque nazista. Quando, enfim, Saul transpõe o portão de *Auschwitz*, precisa correr da mira dos guardas que atiram sem parar. A obsessão pelo enterro, o escavar a terra com as próprias mãos, a pressa..., de novo a fuga e a perseguição... Atravessar o rio é o que resta; nadar e carregar o corpo... eis que a força da correnteza vence os esforços do pai. O corpo do menino é entregue às águas, metaforizando, na cena, a imagem de um Moisés ressurgido em nosso tempo. Nesse momento, a tela se ilumina, quando Saul, antes de ser morto, vislumbra o menino, que paira sobre o rio, e sorri para ele.

Rico em elementos simbólicos, esse filme recria a força do sagrado, inscrita nos acontecimentos primevos da história do povo judeu: o êxodo, o exílio, o estranhamento. Segundo Blanchot, o que estaria no movimento desses três elementos seria a mediação pela palavra, desterritorializada e nômade. Desde o Gênesis até a comunicação de Deus a Abraão e também a Moisés no deserto, a palavra sagrada se transmite, trazendo em seu grão germinativo a miragem da terra prometida. Nesse sentido haveria, entre êxodo e exílio, uma dialética reveladora sobre a origem histórica e cultural, desde Abraão “[...] o exílio, por mais pesado que seja, não é apenas reconhecido como uma incompreensível maldição. Há uma vocação do exílio, e ser

me.0.69i59i45018.1686744704j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 2 out. 2019.

judeu é estar votado à dispersão” (BLANCHOT, 2007a, p. 72). O que Blanchot propõe é uma reflexão sobre a experiência limite, em que um pensamento crítico, menos centrado na racionalidade do ideal iluminista, pudesse se inspirar na estética literária e nas artes. Pensar a ontologia (origem do ser) atravessando a noite da razão, traz uma questão para o pensamento filosófico ocidental quando este parece frágil para penetrar a obscura complexidade das paixões humanas. Aponta para uma ética que leve em conta as atrocidades do holocausto, em que a perplexidade e o espanto se mostraram diante da morte, do caos e da barbárie.

Bem sabemos como a questão da filosofia – *weltanschauung* – visão de mundo, esbarrava com a metapsicologia psicanalítica. Freud, indo além do cogito cartesiano, traz, para a experiência do sujeito, a dinâmica do movimento pulsional quando a política e a cultura, erotizadas, se apresentam, em dados momentos da história, mescladas por projeções e ideais totalitários. Lembremos que, em 1932, às vésperas da ascensão de Hitler ao poder, Freud e Einstein trocam cartas. A pergunta: “Por que a guerra?”, que também se tornou título da publicação dessa troca de cartas, ecoa enigmática entre as palavras dos dois pacifistas. Diante da devastação herdada pela Primeira Guerra Mundial, Freud introduz o amigo no obscuro conflito das pulsões. Retorna os pares de opostos, sadismo/masquismo, amor/ódio, amalgamados por Eros e Destrutividade, com toda carga de narcisismo que já anunciava os ideais coletivos de dominação na Alemanha. Na resposta a Einstein, Freud diz:

[...] quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Entre eles está certamente o desejo de destruição: as incontáveis crueldades que encontramos na história e em nossa vida de todos os dias. A satisfação desses impulsos destrutivos naturalmente é facilitada por uma mistura com outros motivos de natureza erótica e idealista. (FREUD, 1933, p. 253).

Em sua obra, Freud mostra a plasticidade e, ao mesmo tempo, a opacidade da gramática pulsional, em que moções recalçadas podem retornar em tempos de guerra e tomar contornos inesperados. Ele já palmilhara este “espaço interior” de estranhamento em seu trabalho “O estranho” (estranho/familiar), de 1919, onde também podemos pensar o sujeito em seu próprio exílio particular. Não estaria aí também a força defensiva do Eu inconsciente, no movimento de projetar em Outrem o insuportável em si mesmo? Freud mostra magistralmente o fenômeno do duplo na vida psíquica do sujeito quando traz a aderência muitas vezes insuperável do narcisismo infantil, tão bem manifesta nos sonhos, nas neuroses e nas psicoses. (FREUD, 1919). No filme “O filho de Saul”, a objetificação do outro é mostrada ao extremo. Caberia a questão: O que os SS temem, senão suas próprias imagens espelhadas no judeu, aquele que carrega em si uma história secular, mas negatizada pela cultura racial eugenista? Para Blanchot, há algo indestrutível no ser judeu, intocável, sagrado. Saul, em sua obsessão pelos ritos, alegoriza o desejo de indestrutibilidade, ao mesmo tempo que dialetiza o

sentido simbólico de valorização da vida, contido no ritual do sepultamento.

A paixão pela origem em Freud, sua confiança no poder libertador da linguagem, mostra que sua ciência não se funda num princípio ordenador ou numa verdade absoluta, mas no nomadismo da palavra, em que memória e esquecimento se entrelaçam na escrita, anunciando sempre uma retomada. “[...] cada cena está sempre pronta a abrir-se sobre outra cena anterior, e cada conflito não é apenas ele próprio, mas o recomeço de um conflito mais antigo” (BLANCHOT, 2007b, p. 226). Vale lembrar que Freud, não obstante seu ateísmo, nunca pôde se descolar da identidade judaica. Quando, de suas viagens a Roma, contemplava a estátua de Moisés, tocado por seu fascínio e mistério. Algo ali fazia signo, como um chamado. No final de sua vida, ao escrever “Moisés e o Monoteísmo”, Freud acrescenta um novo capítulo sobre sua origem, desviante e polêmico. O exílio e o êxodo aí também se inscrevem como marcas da grande diáspora moderna que foi a história do movimento psicanalítico.

Resumen: Este trabajo se propone acompañar el drama de un judío, en un campo de exterminio, delante de la imposibilidad de realizar los ritos funerarios de su cultura. La película, “El hijo de Saul” fué utilizada como una referencia para aproximar al espectador a el real – inasimilable, que sólo el arte ha permitido que sea bosquejada. El

conflicto pulsional, presentado por Freud en su diálogo con Einstein, fué incorporado a esta reflexión, por traer al escenario de la Segunda Guerra Mundial, la amalgama entre Eros y Destructividad, enlazados a los ideales narcisistas de una nación.

Palabras clave: Real. Limite. Guerra. Pulsion. Conflicto. Holocausto.

Referências

BLANCHOT, Maurice. O indestrutível. In: _____. *A conversa infinita – a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007a. v. 2, p. 42-181.

BLANCHOT, Maurice. A fala analítica. In: _____. *A conversa infinita – a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007b. v. 2, p. 223-233.

FRANCO, Gesli. As tradições de um enterro judeu. *Gazeta do Povo*, Maringá, 3 out. 2015. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=as+tradi%C3%A7%C3%B5es+de+um+enterro+judeu&oeq=&aqs=chrome.0.69i59i45018.1686744704j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 2 out. 2019.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 275-315. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (Einstein e Freud) (1933). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 241-259. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

O FILHO de Saul (Filme). Origem: Hungria, 2015. Direção: Lászió Nemes. Produção: Gábor Sipos; Gábor

Rejna. Roteiro: Lászió Nemes; Clara Royer. Elenco: Géza Röhrig; Levente Molnár; Urs Rechn; Sándor Zsóter. (Oscar de melhor filme estrangeiro em 2015). Ficha técnica disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_filme_que_retratam_o_Holocausto>. Acesso em: 2 out. 2019.

Obra consultada

SEBBAH, François-David. *Lévinas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. (Coleção Figuras do Saber, 24).



Agressividade: verso e reverso

Rosana Scarponi Pinto¹

Resumo: A agressividade faz parte do processo de socialização e da constituição do sujeito. Entretanto ela pode transformar-se, como nos tempos de guerra, quando há a destruição de civilizações e existências. Nessas circunstâncias, a identificação com um grupo ou com um líder pode gerar alienação, suspender a divisão do sujeito e dar margem para que a agressividade revele a face da pulsão de morte.

Palavras-chave: Agressividade. Ambivalência. Pulsão. Violência. Alienação. Discurso.

A agressividade é estrutural, constituinte, fonte de identificações, diz Lacan na parte IV do seu texto “Agressividade em psicanálise”. Se ela faz parte da constituição do eu, é porque é intrínseca ao humano e à lei, como Freud descreve em “Totem e tabu”, e nunca será abolida. O narcisismo em Freud e o estágio do espelho em Lacan elucidam que é a partir desse outro semelhante e desse Outro da linguagem, que o sujeito se ancora para lidar com a situação de desamparo ao qual está submetido.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

Sobrevivência física e mental por um lado e alienação por outro; júbilo por uma imagem ideal erotizada revezando com agressividade e angústia – constituindo assim duas faces de um duplo, fonte de ambivalência e conflito na relação especular: — *Não sou esse filho que vocês pensam que eu sou...*, diz um adolescente para sua mãe, como justificativa do ato de ter realizado vários cortes no próprio braço.

Nas obras de Freud e Lacan, podemos constatar o primitivismo do ódio nas relações do infans. Freud, em 1915, no texto “As pulsões e suas vicissitudes”, descreve as várias possibilidades do eu lidar com o par amor/ódio; e também em Lacan, quando referencia a paranoia como modelo de estrutura na constituição do eu.

Os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial acentuaram para Freud a constatação da agressividade nos humanos. Esse período, de grande introspecção para ele, resultou na escrita de artigos fundamentais para a psicanálise. Sua desilusão pela incapacidade dos seres humanos respeitarem a natureza, as artes, os imigrantes, os vulneráveis fica evidente no texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, quando diz que havia criado expectativas positivas demais sobre a essência das pessoas, e que se quisermos criar ilusões a esse respeito, não podemos reclamar depois ao nos depararmos com a realidade.

Portanto, a agressividade está sempre presente, quer projetada para o ambiente ou introjetada como sentimento de

culpa, em proporções variáveis de investimento de um lado para outro e de acordo com as circunstâncias da história do sujeito ou da cultura em questão. Ela não pode ser abolida pela religião, enquadrada por políticas, adaptada por modelos educacionais ou extinta por medicamentos. A “Declaração Universal dos Direitos Humanos” e os princípios constitucionais são documentos reivindicativos, mas não deram conta da precarização da vida. A agressividade pode, sim, ser desviada para a violência.

Tendo em vista esses argumentos, seria interessante trazer à discussão a filósofa política Hannah Arendt, alemã, de origem judaica, que atuou também como jornalista e professora universitária. Dentre suas várias obras, “Eichmann em Jerusalém – um retrato sobre a banalidade do mal”, aborda o aspecto do mal que pode vir à tona, de forma invisível, sem que as pessoas se impliquem nas consequências geradas.

Nessa obra em questão, ela relata o julgamento de Eichmann, um dos mentores do holocausto e principal responsável pelo envio dos judeus aos campos de concentração, viabilizando o assassinato de milhões de pessoas. Arendt cobriu todo o julgamento e viu em Eichmann um burocrata comum, nem monstro nem alienado mental.

Os relatos da autora são marcados por uma perplexidade com relação à forma de Eichmann falar das suas atividades, usando clichês e palavras de ordem para justificar seu comportamento como funcionário exemplar. A defesa do

nazista baseou seus argumentos no fato de que ele apenas cumpria ordens, não havia sido motivado por nenhuma convicção ideológica e nem infringido leis; na verdade, as cumpria com mérito.

O conceito desenvolvido por Arendt sobre a banalidade do mal se refere à superficialidade da capacidade de pensar e sua possível relação com a violência, condição base das sociedades massificadas e totalitárias. Essa foi a aberração encontrada por ela no nazista: o apego cego à lei, ao dever e à produtividade, aliados à precariedade da capacidade crítica, submissão a lógicas externas e desresponsabilização.

A visão de Hannah Arendt sobre Eichmann foi muito criticada. O cientista político Daniel Goldhagen, por exemplo, faz um contraponto à visão da autora em sua obra “Os carrascos voluntários de Hitler”. Nesse livro, Goldhagen (1997) sustenta a tese de que o Holocausto foi, na verdade, produto de ideais amplamente compartilhados pela maioria do povo alemão durante a primeira metade do século XX. Ressalta que, uma vez iniciado o genocídio, dezenas de milhares de carrascos mobilizados pelo regime nazista aderiram ao programa de extermínio. Não agiram por obrigação, sob coerção ou pressão psicológica.

Lembrando dos discursos como formas de lidar com o real nos laços sociais, trago o discurso do mestre para pensar em parte a banalidade do mal, mesmo podendo pensá-la também no discurso do mestre moderno, o capitalismo, sob o enfoque da segregação.

O discurso do mestre inaugura a condição do humano na linguagem, a do inconsciente, mas aliena pelo imperativo. Lembrando a lógica de Hegel do senhor e do escravo e a de Marx com a mais-valia, Lacan ressalta o poder de comando que o S1 possui nesse discurso. Na intervenção de S1 sobre S2, a produção é um mais de gozar, uma tentativa de recuperação de gozo e não uma perda; um a mais a ser oferecido ao senhor, à sociedade, que não se satisfaz. Mas o senhor (S1) está fora da cadeia, não tem consistência, nada sabe do seu gozo e precisa do escravo (S2) para gozar, porque o escravo sabe gozar. “Aqui, não se trata do saber inconsciente, mas de um tipo de ‘saber fazer’ que o escravo adquire com seu trabalho” (SOUZA, 2003, p. 110). Amo e escravo, um sustentando a posição de gozo do outro. Os dois gozam. E Eichmann?

Sobre a questão da responsabilidade moral dos desejos sádicos, egoístas, perversos, incestuosos, contidos no conteúdo latente dos sonhos, Freud (1921) é enfático ao concluir que eles são partes do próprio ser, partes do Isso sobre o qual o eu se assenta e com o qual forma uma unidade. Não há como negá-los; eles fazem parte da vida pulsional do sujeito e agem a partir dela para fora. Se o jurista vai construir para fins sociais uma responsabilidade que é artificialmente limitada ao ego metapsicológico, como aponta Freud, não pode ser esse o discurso da psicanálise.

Diante do desamparo primordial, o sujeito se encontra frente à pressão constante de forças pulsionais que o atravessam e o inundam em diferentes direções, de acordo

com as demandas de seu tempo e sua história pessoal. A análise pode auxiliar na mudança do circuito pulsional, de maneira a atenuar os excessos que o afetam de forma constante e renovada, tendo em vista a insistência pulsional à satisfação, principalmente em circunstâncias específicas.

Então, a ambivalência é a nossa origem e o nosso destino. Não prescindimos de nenhum dos lados que a compõe, mas podemos apostar que se o sujeito conseguir suportar sua divisão, a causa que o move pode ser menos destrutiva para si e para a cultura.

Abstract: Aggressiveness is part of the socialization process and the constitution of the subject. However, it can become a threat as in times of war, when there is the destruction of civilizations and existences. In these circumstances, identification with a group or a leader can generate alienation, suspend the division of the subject and allow the aggressiveness to reveal the face of the death drive.

Keywords: Aggressiveness. Ambivalence. Pulsation. Violence. Alienation. Speech.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: _____. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 91-179. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-193. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, Sigmund. As pulsões e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.117-123. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 285-311. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GOLDHAGEN, Daniel. *Os carrascos voluntários de Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise (1948). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-126.

SOUZA, Aurélio. *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

Obra consultada

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.



Destrutividade, expressão da pulsão de morte

Labibe Geralda Gil Alcon Mendes¹

Resumo: O artigo propõe trabalhar a destrutividade como expressão da pulsão de morte. A autora apresenta uma vinheta clínica e, a partir desta, vai articulando as construções freudianas sobre a pulsão e os desenvolvimentos advindos do conceito de pulsão de morte, tais como: supereu, sentimento de culpa e masoquismo.

Palavras-chave: Pulsão de morte. Fantasia. Sintoma.

Os recortes clínicos abaixo pertencem ao caso clínico de uma mesma analisanda.

Senhora de 76 anos procurou análise em três momentos de sua vida.

1º momento: — *Estou te procurando porque me sinto só. Mas não me sinto infeliz, porque minha raiva eu não guardo comigo.* Dois meses após iniciar, ela perde um neto. Trabalha seis meses e interrompe o processo.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

2º momento: Quando retorna, diz: — *há três anos que choro a morte de um filho, choro todos os dias, é uma tristeza que não acaba.* Trabalha um tempo e fecha o luto.

3º momento: Um ano mais tarde, volta a procurar ajuda. Diz: — *estamos em julho, e, desde janeiro, estou sofrendo com uma dor insuportável no nervo ciático. Procurei ortopedista, neurologista, reumatologista, fisioterapia, clínica da dor, e essa dor infeliz não passa. Estou com a coluna torta. Essa dor é um tormento, que está acabando comigo. Um ortopedista, especialista em nervo ciático, prometeu me curar, mas agora em outubro cobrei dele: tem quatro meses que estou tratando com você e o meu nervo ciático dói o tempo todo, dia e noite sem parar. Ele propôs cirurgia, mas como vou fazer 83 anos tenho medo.*

Em “Os instintos e suas vicissitudes”, de 1915, Freud define a pulsão como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, “o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (FREUD, 1915a, p. 127). Fonte, pressão, alvo e objeto são os elementos da pulsão. Ao falar da pressão, Lacan, a partir do que fora estabelecido por Freud, diz que a pulsão é uma “força constante” (LACAN, 1964, p. 156). Quando a analisanda diz: — *Meu nervo ciático dói o tempo todo, dia e noite sem parar*, isso remete à pulsão, como assinala Lacan “que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, não tem subida, nem descida.” (LACAN, 1964, p. 163). A pulsão é uma força imperiosa, de uma exigência radical de satisfação.

Em o “Além do princípio de prazer”, de 1920, Freud introduz em sua teoria a pulsão de morte. Esse fato provoca uma torção em seu ensino e vai promover um remanejamento das suas hipóteses fundamentais. Ao analisar o sonho traumático e a brincadeira do *fort-da*, Freud constata que o ser humano repete insistentemente situações que lhe causam dor e sofrimento. Até 1920, a repetição era algo que estava ligada ao campo transferencial como resistência. A partir dessa data, a repetição passa a ocupar outro lugar, vai surgir através da força pulsional, sendo uma com (pulsão) à repetição.

Com o conceito de compulsão à repetição resta a Freud explicar “algo que parece mais primitivo, mais elementar, e mais pulsional do que o princípio do prazer [...]” (FREUD, 1920, p. 37). Esse algo é a pulsão de morte. Freud levanta a hipótese segundo a qual a pulsão é uma tentativa inerente à vida orgânica de restaurar um estado anterior de coisas. O princípio de nirvana expressa a tendência da pulsão de morte, pois visa livrar o psiquismo de qualquer tensão, com o intuito de voltar ao inorgânico, pois “o objetivo da vida é a morte” (FREUD, 1920, p. 56). No artigo “O problema econômico do masoquismo”, Freud afirma: “O princípio de nirvana experimentou nos organismos vivos uma modificação.” (FREUD, 1924, p. 200). A fonte dessa modificação é a pulsão de vida, a libido, que, assim, lado a lado com a pulsão de morte, apoderou-se de uma cota na regulação dos processos da vida.

Uma das expressões da pulsão de morte é a destrutividade que caracteriza o par antagônico sadismo-masochismo. O masochismo assegura a existência de um anseio que visa à destruição de si, enquanto o sadismo é a pulsão de destruição dirigida para fora. Porém, quando a agressão se depara com impedimentos reais no mundo externo, ela volta para o eu, e assim aumenta a sua autodestruição interna. Fragmento clínico: — *a minha raiva eu não guardo comigo*. Em outra ocasião ela diz: — *essa dor é um tormento, que está acabando comigo*.

Os textos “Os instintos e suas vicissitudes”, de 1915, e “Bate-se numa criança”,² de 1919, permitem articular pulsão e fantasma. Como foi dito anteriormente, a pulsão é uma força constante exercida pelo corpo que exige satisfação, enquanto a fantasia é uma espécie de matriz psíquica que funciona mediatizando o encontro do sujeito com o real, ou seja, com o pulsional. No texto de 1915, Freud formula a gramática da pulsão; e, no texto de 1919, ele reconhece ali transformações gramaticais mínimas: do ativo ao passivo, mas suficientes para falar de uma gramática da fantasia. Lacan, no entanto, não coloca acento sobre a gramática da fantasia, mas sobre outra dimensão simbólica que é a lógica da fantasia, que diz da construção da fantasia inconsciente que vai revelar a frase de caráter axiomático: Eu sou batida pelo meu pai.

2 Título traduzido direto do alemão. Todavia, nas referências, no final do trabalho, consta a edição da Imago de 1976, que, tendo como base o Editor Inglês, fez a seguinte tradução para o português: “Uma criança é espancada”.

Reversão em seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, recalque e sublimação são os quatro destinos da pulsão. Os dois primeiros permitem situar os tempos do sujeito no circuito pulsional. A gramática da pulsão, através da sua montagem, se dá em três tempos. O primeiro corresponde ao sadismo, que consiste em acionar um poder contra outra pessoa, que assume a posição de objeto. No sadismo, o verbo está na voz ativa. Ao utilizar a pulsão agressiva, como exemplo, o verbo conjugado será – eu torturo. O segundo tempo corresponde ao retorno agressivo contra si mesmo, o sujeito provoca a dor diretamente nele próprio, este é o caso da neurose obsessiva, e o verbo corresponde à voz média grega. Nessa voz, o sujeito está mais implicado do que na voz ativa. Ao ser conjugado fica: eu me faço ser torturado. No último tempo do circuito pulsional, o sujeito se coloca como objeto e elege o objeto para tomar o lugar de sujeito. Esse tempo corresponde à satisfação masoquista. E o verbo estará na voz passiva: eu sou torturado.

No artigo “Bate-se numa criança”, de 1919, Freud se detém no estudo de uma fantasia especial, e, segundo suas observações, ela está na raiz de todas as relações estabelecidas pelo homem. Essa fantasia não é regida pelo princípio de prazer, como as fantasias descritas em seus textos de 1905 a 1911. A fantasia de 1919 está articulada a seu mais além, ou seja, existe um vínculo entre o gozo e a dor. Nesse texto, que antecede o “Além do princípio de prazer”, Freud já se aproxima da pulsão de morte. São três os diferentes desdobramentos dessa fantasia. Entre o tempo da frase de um sujeito anônimo “Bate-se numa

criança” e a frase “O pai bate na criança” é construído o segundo tempo, que é uma construção que resulta do processo de análise. A frase que resume esse tempo é “eu sou batida pelo meu pai”. Segundo Vidal, esse tempo faz surgir o sujeito gramatical, o eu, originalmente recalcado, ao qual o fantasma outorga consistência. Nessa frase, “o sujeito aparece ‘irreconhecivelmente disfarçado’, se escreve no limite em que lei e gozo confluem, relação genital proibida, e excitação libidinal regressiva” (VIDAL, 2012, p. 136). Aqui, a fantasia se tornou masoquista e Freud ressalta que o sentimento de culpa é sempre o responsável pela transformação do sadismo em masoquismo.

Cinco anos mais tarde, Freud escreve o artigo “O problema econômico do masoquismo”, de 1924, cujo texto marca a reformulação da teoria freudiana no que diz respeito à ética e à clínica, pois é resultante do encontro da pulsão de morte com a segunda tópica. Fragmento clínico: Após perder o neto, essa senhora, chorando muito, diz: — *perdi meu neto mais velho. Da última vez, que ele esteve lá em casa, ele me pediu um abraço. Eu disse a ele que estava cozinhando.* Chorando se pergunta: — *como pude fazer isso?* Tanto o supereu como o sentimento de culpa vão entrar no masoquismo e na construção do fantasma. É pela via do masoquismo que o supereu pode se aliar à satisfação pulsional masoquista tornando-se um supereu cruel que ordena gozar.

O masoquismo possui três vertentes: erógeno, feminino e moral. Em sua vertente moral, a culpa é o fator que

conduz a ele. O masoquismo explicará a necessidade de punição presente em todos nós, produto da repressão cultural. Produzirá, ainda, um tipo de comportamento no qual o sofrimento é sua mais singular expressão. Recorte clínico: — *Estamos em julho, e desde janeiro sofro com uma dor no nervo ciático, é insuportável. Procurei todo tipo de especialista e essa dor infeliz não cessa.*

Sobre a pulsão, Lacan escreve: “As pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer.” (LACAN, 1975-1976 p. 18). Em seu último retorno, a analisanda diz: — *lembrei-me do que o meu neto me disse após me pedir o abraço: — É, vó, se eu morrer, vocês vão chorar muito. — Isso não sai da minha cabeça, fica martelando o tempo todo.*

Ao escutar os histéricos, Freud percebe que a fantasia poderia ser a precursora da formação dos sintomas. Essa ideia remete a uma dimensão do sintoma que não é somente do inconsciente como intérprete, mas do sintoma como satisfação que se expressa na fantasia. No caso dessa analisanda, o sintoma apresentado é de dor no nervo ciático. Uma dor que persiste por meses a fio, uma dor crônica. A persistência do sintoma leva a psicanálise a constatar a presença de um real que resiste à cura. Sobre a dor é possível compreender através do texto de Freud (1895) que as quantidades excessivas dos estímulos que assolam o aparelho psíquico rompem as barreiras de proteção, e a dor é efeito e resultado de uma implosão diante da qual o princípio do prazer não consegue mais dar continuidade à tarefa de regulação do psiquismo: é a experiência da dor.

Tal qual a pulsão e o supereu, a dor também é imperativa. Freud afirma: uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar, a libido não circula, “concentrada está a sua alma” a respeito do poeta que sofre de dor de dente, “no estreito orifício do molar.” (FREUD, 1915b, p. 98).

O sintoma não cessa de se escrever do real, é necessário “domá-lo até o ponto em que a linguagem possa fazer dele equívoco” (LACAN, 1974, p. 194). O equívoco faz ressoar o significante no corpo. Do nervo ciático e disto que não lhe sai da cabeça: — *É, vó, se eu morrer, vocês vão chorar muito*. Foi possível escutar o equívoco: né, vó, se há em ti dó → nervo ciático.

Vidal escreve: “O ‘segredo sentido’ do masoquismo moral se encontra na implicação do fantasma no sintoma.” (VIDAL, 2012, p. 141). A frase que martela exprime o desejo fantasmático de ser batido, castigado pelo pai — *É, vó, se eu morrer, vocês vão chorar muito* – que foi traduzido no sintoma – nervo ciático – e no supereu, seu intérprete, através do objeto *a*, voz imperativa do Outro. Nesse caso, fantasma e sintoma estão totalmente imbricados.

Retomando a afirmação de que a destrutividade é uma das expressões da pulsão de morte, no caso apresentado, o sentimento de culpa faz com que a analisanda sofra com uma dor que insiste por meses a fio. Porém, a intervenção do analista que se dá pelo equívoco significante por homofonia,

algo pode recuar do campo do sintoma. Esta escuta desfaz a consistência imaginária do objeto *a*, e a analisanda fica livre das terríveis dores que tanto lhe atormentavam.

Résumé: L'article propose de travailler sur la destructivité comme expression de la pulsion de mort. L'auteur présente une vignette clinique et, à partir de là, elle articule les constructions freudiennes sur la pulsion, et les développements issus du concept de pulsion de mort comme le surmoi, le sentiment de culpabilité et le masochisme.

Mots-clés: Pulsion de mort. Fantaisie. Symptôme.

Referências

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915a). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 137-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 225-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 199-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1915b). In: _____. *História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-189. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 315-409. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. A terceira (1974). *Revista da Escola Letra Freudiana*. Documentos para uma Escola VI – a terceira: uma escola para psicanálise, Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano XXXV, n. 0'''''' (2016). p. 179-203, 2016.

VIDAL, Eduardo. Masoquismo originário: ser de objeto e semblante. *Revista da Escola Letra Freudiana*, Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano XI, n. 10, p. 134-143, 2012.



Sadismo, masoquismo e economia pulsional

Wagner Siqueira Bernardes¹

Resumo: O autor toma como referência o texto de Freud para pensar o sadismo e o masoquismo como recursos erógenos que vinculam, através da libido, a desordem econômica advinda do buraco provocado pela perda do objeto.

Palavras-chave: Sadismo. Masoquismo. Pulsão de morte. Perda do objeto. Dor. Libido. Economia pulsional.

O sadismo e o masoquismo são vulgarmente conhecidos como perversões, sobretudo quando se destacam no jogo sexual, tornando-se autônomos ou mesmo exclusivos. Estão, contudo, presentes nas práticas sexuais mais cotidianas.

Inúmeras situações mostram o estreito vínculo entre agressividade e pulsão sexual. Nota-se, amiúde, a presença de um componente agressivo nos homens, que cumpre a função de vencer a resistência do objeto não apenas no cortejo, mas na própria execução do coito. Fortes tendências sádico-anais podem, na neurose obsessiva, fazer com que

1 Psicanalista.

a inclinação amorosa seja contaminada pela compulsão destrutiva. No estágio oral, o apoderamento amoroso do objeto coincide com o seu aniquilamento; “ansiado e apreciado, o objeto é incorporado por devoração” (FREUD, 1921, p. 99).²

Além disso, verifica-se, no campo sexual, uma íntima relação entre dor e prazer. Os genitais em estado de excitação fornecem o modelo “de um órgão dolorosamente sensível, de algum modo alterado, mas que, apesar disso, não se encontra doente no sentido habitual” (FREUD, 1914, p. 81). Todos os elementos de uma inflamação – a dor, o calor, o rubor, o turgor e o humor – estão aí presentes, integrados à própria excitação sexual.

Em “Além do princípio de prazer”, Freud pergunta como seria possível “derivar, do Eros conservador da vida, a pulsão sádica, que aspira a danificar o objeto” (FREUD, 1920, p. 52). Ora, o sadismo não é mais que um componente da pulsão de morte que, sob a influência da libido narcísica, foi forçado para fora, dirigindo-se aos objetos do mundo externo.

Há em todo ser vivo uma tendência mortífera dominante, autodestrutiva e tóxica, que visa à estabilidade inorgânica. Cabe à libido tornar inócua essa tendência, desviando-a para o mundo externo sob a forma de “pulsão

2 Todas as citações referentes a Sigmund Freud foram retiradas da edição argentina (Aморrortu editores) das “Obras completas de Sigmund Freud” e traduzidas para o português.

de destruição, pulsão de apoderamento, vontade de poder” (FREUD, 1924, p. 169). A pulsão de apoderamento não apenas é posta a serviço da sexualidade, como também proporciona ao Eu a satisfação de suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza.

Assim, parte da pulsão de morte presente em cada ser vivo seria compelida a colocar-se a serviço de Eros na medida em que o vivente “aniquilaria um outro, animado ou inanimado, e não a si mesmo” (FREUD, 1930, p. 115). Quanto mais limitada a agressão para fora, tanto maior a autodestruição. Estaríamos fadados a destruir outras pessoas ou coisas para não destruímos a nós mesmos” (FREUD, 1933, p. 98).

A pulsão sádica, ao ligar-se às pulsões de autoconservação, “não pode ocultar seu estreito parentesco com as pulsões de apoderamento sem propósito libidinal” ((FREUD, 1930, p. 114). Por outro lado, pode-se dizer que é o sadismo que traça o caminho para os componentes libidinais da pulsão sexual, pois toda moção erótica requer um complemento pulsional de apoderamento para conquistar seu objeto.

Todavia, nem todo o montante da pulsão de morte é desviado para fora como agressão. No fundo persiste, como um resíduo, o masoquismo erógeno que, “por um lado, torna-se um componente da libido e, por outro, ainda tem como objeto o próprio ser” (FREUD, 1924, p. 170); constitui-se como uma reserva original e possibilita o estabelecimento de uma liga entre Eros e pulsão de morte, que Freud (1924) considera ser da maior importância para a vida.

Sabe-se que, nas formas usuais de masoquismo, o sujeito demanda de seu objeto de amor o castigo. O masoquista quer ser tratado como uma criança desamparada e, sobretudo, indócil. Em “Uma criança é espancada”, Freud demonstra que a fantasia masoquista de ser batido pelo pai que, em princípio, representa humilhação e destituição de amor, pode ganhar um valor erógeno, o de ser amado por aquele. Assim, o espancamento “*não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas é também o substituto regressivo dessa relação* e é dessa última fonte que recebe a excitação libidinal” (FREUD, 1919, p. 186, grifo do autor). A partir de um desencanto, a decepção por não ter sido correspondido em sua demanda de amor, o sujeito faz uma inusitada reversão: *Ele me bate porque me ama*. A posição masoquista é, nesse sentido, o resgate e a salvaguarda da relação amorosa falida. O sujeito já não se encontra só.

Há, entretanto, uma modalidade de masoquismo em que o sujeito prescinde de qualquer laço com o objeto. É o masoquismo moral, no qual o que importa é o sofrimento em si. O sujeito fica aderido ao padecer, independentemente de que aquele que o decreta seja alguém amado, indiferente, ou até mesmo impessoal, como o destino. Esse tipo de masoquismo, mesmo que pareça ter afrouxado o vínculo com a sexualidade, tem como base o masoquismo erógeno, ou seja, o prazer obtido no castigo.

Freud relaciona o masoquismo moral a um sentimento inconsciente de culpa. O sujeito é tentado a efetuar ações ilícitas e prejudiciais para si próprio, as quais exigem cada

vez mais castigo; resiste a qualquer empenho terapêutico, que é sentido como ameaçador. É surpreendente que, na base de uma conduta vital tão desfavorável e de um sentimento de culpa tão inacessível, Freud situe “o único resto, difícil de ser reconhecido, da ligação amorosa abandonada” (FREUD, 1923, p. 51). Trata-se, aqui, de uma resposta à perda do objeto amado, tal como no caso do luto, da angústia e da dor.

O modelo freudiano da dor é econômico e se fundamenta no trauma provocado pela invasão de excitações externas de grande monta, que perfuram o dispositivo protetor contra os estímulos, passando a atuar da mesma maneira que uma excitação pulsional contínua, contra a qual é impotente qualquer ação muscular. Estabelece-se, assim, uma desordem econômica, um excedente que precisa ser vinculado. De todas as partes do aparelho é convocada energia para criar, em torno da brecha traumática, um *quantum* energético de nível correspondente, uma contracarga.

Segundo Freud (1926), toda dor corporal convoca um investimento elevado, que pode ser denominado narcisista, no lugar doloroso do corpo. Isso provoca, como consequência, efeitos de esvaziamento e empobrecimento em todos os outros sistemas do aparelho. Diante disso, faz-se necessária a constituição de um sistema de elevado investimento em si mesmo, que possa ser capaz de receber os aportes excessivos de excitação e transformá-los em energia quiescente, ou seja, ligá-los libidinalmente.

Em outros termos, é imprescindível a constituição de um reservatório libidinal, sendo que nesse recurso protetor se situa a fundamental importância econômica do masoquismo erógeno. Genuíno e originário, ele persiste, como reserva libidinal, complacente e apto a acolher os mais violentos, até mesmo mortíferos, impactos provocados pelos acontecimentos da vida. Dito de outro modo, a aptidão masoquista protege o sujeito do trauma.

Guerra e Morte: o que insiste da pulsão

Resta saber em que a dor corporal se relaciona com a perda de objeto e como pode ser feita a passagem da dor física para a dor da alma. Pois bem, Freud esclarece que o intenso e crescente investimento concentrado no objeto perdido “cria as mesmas condições econômicas que o investimento de dor no lugar danificado do corpo.” (FREUD, 1926, p. 160). Segundo Freud (1926), a transição da dor corporal para a dor anímica corresponde à passagem do investimento narcisista para o investimento objetal, ou seja, uma representação de objeto altamente investida e ansiada provoca uma desordem econômica equivalente àquela desempenhada pela parte do corpo investida pelo aumento de estímulo. Ambas provocam buraco e desamparo.

Explicação tão difícil merece ser reverberada por outra, não menos problemática: toda vez que o peito materno, objeto erótico primário, se afasta, “leva consigo, como ‘objeto’, uma parte do investimento libidinal originalmente narcisista” (FREUD, 1940, p. 188, grifo do autor). Somos conduzidos a pensar que no intervalo entre a melancolia e o luto situa-se o espaço entre perder-se no objeto que se foi ou retirar-se do objeto que se foi.

Se o surgimento da vida é “a causa da continuidade da vida, bem como, ao mesmo tempo, de seu esforço em direção à morte” (FREUD, 1923, p. 42), resta-nos cantar com o poeta: *Deixa a vida me levar... Vida, leva eu* (MERITI; DO CAIS, 2002).

Abstract: The author uses as reference writings of Freud to think about sadism and masochism as erogenous resources to link through libido the economical disorder resulting from the hole caused by object loss.

Keywords: Sadism. Masochism. Death drive. Object loss. Pain. Libido. Drive economy.

Referências

FREUD, Sigmund. Introducción del narcisismo (1914). In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 67-98. (Obras completas/Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales (1919). In: _____. *De la historia de una neurosis infantil y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu. 1986, p. 175-200. (Obras completas/Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer (1920). In: _____. *Más allá del principio de placer. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 3-62. (Obras completas/Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo (1921). In: _____. *Más allá del principio de placer. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 65-136. (Obras completas/Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. El yo y el ello (1923). In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 3-59. (Obras completas/Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. El problema económico del masoquismo (1924). In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 163-176. (Obras completas/Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Inhibición, síntoma y angustia (1926). In: _____. *Presentación autobiográfica. Inhibición, síntoma y angustia y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 73-163. (Obras completas/Sigmund Freud, 20).

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura (1930). In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 59-140. (Obras completas/Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: angustia y vida pulsional (1933). In: _____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 75-103. (Obras completas/Sigmund Freud, 22).

FREUD, Sigmund. Esquema del psicoanálisis (1940). In: _____. *Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 135-209. (Obras completas/Sigmund Freud, 23).

MERITI, Serginho; DO CAIS, Eri. Deixa a vida me levar. In: PAGODINHO, Zeca. *Deixa a vida me levar*. Rio de Janeiro: Universal, 2002. 1 CD.



Uma estranha marca

Marília Pires Botelho¹

Resumo: A autora se propõe a trabalhar o texto de Freud – “O Estranho”, de 1919, e, a partir de uma frase que escuta de uma paciente, recorta algumas questões do texto freudiano que encontram ressonância na clínica.

Palavras-chave: Estranho. Angústia. *Heimlich*. *Unheimlich*.

Este trabalho foi elaborado a partir da escuta de uma paciente, que se depara com alguma coisa “estranha” em seu corpo: uma mancha grande e avermelhada, o que nos leva a pensar que, isso que se mostra “à flor da pele”, porta, também, algo oculto, sem um sentido para ela e para os médicos, que não conseguem identificar o que é. Este significante, “estranha”, com o qual ela se refere à mancha, nos remete ao texto de Freud, de 1919 – “O Estranho”.

O estranho, o infamiliar – neologismo que chegou até nós pela tradução mais recente do texto freudiano – diz respeito ao aterrorizante, ao assustador, ao que suscita angústia, medo e horror. “Algo que não se sabe como abordar” (FREUD, 1919a, p. 277).

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

Freud se propõe a investigar a gênese e a qualidade desse sentimento, tal como ele se apresenta em nossa experiência e na literatura, sem perder de vista o que interessa ao analista. Parte em busca de um “núcleo comum”, que apontasse para o estranho no interior daquilo que se apresentava como angustiante.

Nessa investigação, vê a possibilidade de trilhar dois caminhos: o da evolução da palavra “estranho”, ou seja, que significados se ligaram a ela no decorrer de sua evolução histórica; e o caminho das impressões, vivências e situações que despertam o sentimento de estranheza. Freud nos adianta que ambos os caminhos o conduziram a um mesmo resultado: “o ‘estranho’ é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1919a, p. 277, grifo do autor).

Ele inicia seus estudos dos termos *heimlich e unheimlich*, em sua etimologia, recorrendo a várias línguas. Dunker (2019) afirma que Freud se depara com uma negação indeterminada e uma oposição parcial entre os dois termos. Pois, se *heimlich* nos conduz à “casa” ou ao “lar”, o seu contrário é diverso e indeterminado, apontando para significações, nas diferentes línguas, tais como: suspeito, estrangeiro, sinistro, lúgubre, desconfiado.

Uma das constatações de Freud, na via da linguagem, é a de que o significado de familiar se evoluiu, ao trazer em seu bojo uma ambivalência, fazendo com que esse conceito se coincidissem com o seu oposto.

Nesse ensaio, Freud surpreende-se com a observação de Schelling que diz que: “*unheimlich* seria tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.” (SCHELLING, 1857, p. 649 *apud* FREUD, 1919a, p. 282).²

Percorrendo a outra via – a das experiências, vivências e situações – Freud (1919a) evoca o conto de Hoffman, o “Homem de Areia”, e a partir dele nos traz a ideia do duplo, um dos fatores que mais provocam os efeitos do “estranho”. O duplo nos remete à imagem especular, em que o sujeito se vê no outro. Originalmente, o duplo é uma garantia contra a destruição do eu, apontando para questões ligadas à identificação, à divisão, mas pode vir a ser persecutório quando aponta para a duplicação e confusão do Eu. Estas representações, diz Freud (1919a) brotam do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário, que domina tanto a vida anímica das crianças como a dos povos primitivos. A ideia do duplo não desaparece, mas pode ganhar novos conteúdos e significados.

Ao investigar a gênese do sentimento de estranheza, Freud faz duas considerações que, segundo ele, contêm a essência de seu estudo. A primeira delas é:

[...] se a teoria psicanalítica tem razão em afirmar que todo afeto de uma moção de sentimento, de qualquer espécie,

2 Schelling, F. W. J. (1857). Philosophie der Mythologie: Vorlesung 28. In F. W. J. von Schelling, *Gesammelte Werke*, zweite Abteilung, zweiter Band (pp. 645-660). Stuttgart, Alemanha; Augsburg: Cotta'sche Verlag. Disponível em: <<https://archive.org/details/smtlichewerke02sche>>.

transforma-se em angústia por meio do recalque, entre os casos que provocam angústia deve haver então um grupo no qual se mostra que esse angustiante é algo recalçado que retorna. Essa espécie de angustiante seria então o infamiliar e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era, originalmente, angustiante ou se carregava algum outro afeto consi-go. Em segundo lugar, se isso é mesmo a natureza secreta do infamiliar, então entendemos porque o uso da língua permitiu que o familiar deslizesse para o seu oposto, o infamiliar, uma vez que este infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento. (FREUD, 1919b, p. 85).

Prosseguindo em sua investigação dos fatores que mais provocam os efeitos do “estranho”, Freud, ao dizer da repetição involuntária, afirma que “até mesmo o inofensivo [...], impondo-nos a ideia do fatídico, do inescapável, onde nós até então falávamos de ‘acaso’” (FREUD, 1919b, p. 77, grifo do autor), é reconhecido como experiência de estranheza, como algo que se torna “estranho”.

A paciente citada anteriormente, numa das seções diz: — *Fui marcada pelo meu pai, mas não quero falar disso!* A paciente conta que o pai fala da possibilidade de ela vir a contrair determinada doença. Transcorridos vários anos, após a morte do pai, ela recebe o diagnóstico da doença por ele preconizada. Podemos dizer que aí se apresenta a crença na onipotência de pensamentos e a ideia do fatídico e do inescapável, significantes apontados por Freud, que nos remetem às experiências de estranheza?

Freud acrescenta ainda que

[...] o animismo, a magia e a bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude do homem para com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração compreendem praticamente todos os fatores que transformam algo assustador em algo estranho. (FREUD, 1919a, p. 303).

Para Dunker (2019), a suscetibilidade ao sentimento de infamiliaridade parece constituir um indicador psicopatológico, uma vez que para Freud “quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra à sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade.” (FREUD, 1919b, p. 33).

Freud se pergunta se esses fatores, levantados ao longo deste ensaio, podem ser deduzidos a partir de fontes infantis. E diz que é possível reconhecer no inconsciente o predomínio de uma compulsão à repetição procedente dos impulsos pulsionais. Essa compulsão à repetição provavelmente depende da natureza das pulsões e tem força suficiente para impor-se ao princípio do prazer, atribuindo um caráter demoníaco a certos aspectos da vida anímica. Ela se expressa claramente nos impulsos das crianças e é responsável por uma parte do rumo tomado pelas análises dos neuróticos. Pode ser percebida como algo estranho.

Freud (1913) já havia trabalhado em seu texto “Totem e tabu” a concepção animista de mundo. Diz que a análise de casos da ordem do estranho nos remete novamente a essa antiga concepção, que se caracterizava pelo mundo povoado

por espíritos humanos, pela supervalorização narcísica dos próprios processos anímicos, pela crença na onipotência de pensamentos e pela técnica da magia construída a partir disso.

Em seu texto, “Animismo e indeterminação em ‘*Das Unheimliche*’”, Dunker (2019) diz que algo novo pode estar acontecendo em “O infamiliar”. Ele recorre ao texto freudiano de 1913 – “Totem e tabu” – para dizer que Freud apresenta aí um tratamento bastante dissimétrico entre as duas estruturas antropológicas que são o animismo e o totemismo. Pois, segundo esse autor, o pensamento freudiano dessa época era o de que o totemismo seria uma espécie de matriz arcaica da socialização humana, que mesmo em declínio sobreviveria no neurótico, enquanto o animismo seria uma forma provisória do pensamento infantil, que deveria ser superada em detrimento da “crença na realidade desencantada, tal como a visão científica de mundo nos propõe” (DUNKER, 2019, p. 206).

Sob a ótica de Dunker (2019), em “O infamiliar” a primazia do totemismo é ao menos relativizada, pois “a solidez da experiência identitária, baseada na familiaridade e na convicção de quem somos nós, é abalada pela problemática do *unheimlich*” (DUNKER, 2019, p. 207). O animismo seria, nessa perspectiva, uma outra forma de lidar com a função nomeadora da linguagem.

Em “O estranho”, Freud (1919a) afirma que, todos nós, em nosso desenvolvimento individual, atravessamos uma

fase que corresponde a esse estágio animista dos povos primitivos e não a abandonamos sem que ela nos deixe restos e traços capazes de se manifestarem. Tudo que hoje experimentamos como “estranho” advém desses resíduos da atividade psíquica animista que nos tocam e estimulam sua expressão.

Este ensaio antecipa a formulação da pulsão de morte, e podemos dizer que nele Freud reconhece que a angústia provém não do retorno de fontes totêmicas ou anímicas, mas de algo que se repete.

Como mencionamos anteriormente, Freud (1919a) já buscava um núcleo comum que apontasse para o estranho no interior daquilo que se apresentava como angustiante. Lacan (1962-1963), quando trabalha a angústia em “O Seminário 10: a angústia”, acentua que “o horrível, o suspeito, o inquietante, apresentam-se através de clarabóia. É enquadrado que se situa o campo da angústia.” (LACAN, 1962-1963, p. 86). No momento da entrada do fenômeno do *unheimlich*, sempre encontramos expressões como: “súbito, de repente”, que nos remetem ao que, no mundo, não pode ser dito ou, em outras palavras, ao real, que quando aparece traz à luz algo que deveria permanecer secreto, oculto.

A angústia é

corde a se abrir deixando aparecer o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem exprimido pelo termo “presentimento” que não deve ser simplesmente entendido

como pressentimento de algo, mas como o pré-sentimento, o que existe antes do nascimento de um sentimento (LACAN, 1962-1963, p.88).

Lacan irá afirmar que “a angústia é quando aparece nesse enquadramento o que já estava ali, muito mais perto, em casa, *Heim*.” (LACAN, 1962-1963, p. 87).

Résumé: L’auteure se propose de travailler le texte - «L’inquiétante étrangeté», (FREUD, 1919) et, à partir d’une phrase qui écoute d’une patiente, recoupe certaines questions du texte freudien qui trouvent des résonances dans la clinique.

Mots-clés: Étrange. Angoisse. *Heimlich*. *Unheimlich*.

Referências

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Animismo e indeterminação em “*Das Unheimliche*” (2019). In: FREUD, Sigmund. *O Infamiliar [Das Unheimliche]* (1919). Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 199-218. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, Sigmund. O estranho (1919a). In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 273-318. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. *O Infamiliar [Das Unheimliche]* (1919b). Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 13-191. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



O estado neurótico comum

Ana Maria Fabrino Favato¹

Resumo: Freud trabalha em sua conferência “O estado neurótico comum” os sintomas da sociedade moderna e o que ele vem a designar como neuroses atuais ou contemporâneas. Inibições, neuroses de angústia, neurastenia, hipocondria, situações de fracasso, ganho secundário da doença colocam Freud e a psicanálise em dificuldades diante da condução da cura nesses casos. Um sintoma típico, não passível de interpretação, e um núcleo de satisfação pulsional, onde a repetição não cede, apelam para uma mudança de enfoque com repercussões na clínica.

Palavras-chave: Neurose atual. Ganho na doença. Gozo no sintoma. Real. Pulsão.

Meu objetivo neste trabalho é abordar alguns pontos importantes, indicados por Freud em sua “Conferência XXIV – O estado neurótico comum”, de 1917, principalmente os que tratam as neuroses atuais ou contemporâneas, ou ainda neuroses de caráter. Começo com uma contribuição de Lacan (1948) em sua quinta tese sobre a agressividade;

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

tese que é uma tentativa de revelar o papel da agressividade na neurose moderna e no mal-estar da civilização.

Lacan (1948) toma como base a ordem social vigente e a agressividade na civilização. Cita Darwin para lembrar a seleção natural, em que vence o mais forte, e que serve para justificar as predações da sociedade e a devastação social e econômica em escala planetária vividas à época. Lembra-nos de Hegel que, antes de Darwin, profetizou todo o progresso subjetivo e objetivo da história a partir do conflito entre o Senhor e o Escravo. Segundo o autor, Hegel forneceu-nos a função própria da agressividade com o indivíduo tido como nada ou morto diante da tirania do senhor e do trabalho. Essas duas construções do pensamento moderno, ou seja, a armadura da doutrina do escravo e a barbárie do darwinismo se completam e fornecem as formas degradadas da sociedade, que provocam o isolamento e o desamparo humano. Desamparo inclusive corporal, baseado na recente guerra, cujo medo da morte, sentido como medo narcísico da lesão do corpo próprio, é acompanhado de muita angústia e mal-estar numa experiência de “pulsão de morte”.

No homem da sociedade moderna estão os sintomas assinalados por Freud como neuroses atuais. A neurose de autopunição é um exemplo, e seu despedaçamento revelado pelo sentimento de culpa aparece em quadros hipocondríacos, inibições funcionais, ações sociais de fracasso e crime. Lacan diz que nossa tarefa cotidiana como analista consiste em acolher esse ser de nada, “essa vítima

comovente, evadida alhures, inocente, que rompe com o exílio que condena o homem moderno a mais assustadora galé social.” (LACAN, 1948, p. 126). Ele nos convoca a não recuar diante das neuroses contemporâneas ou atuais, e Freud, por mais que encontrasse dificuldades na condução do tratamento desses quadros, sabia que também não podia recuar.

Se Freud teve dificuldades com esses sujeitos modernos, que consequências clínicas extraiu de seus impasses? O que fala das neuroses atuais, ou o que ele chama de o estado neurótico comum?

A “Conferência XXIV – O estado neurótico comum”, de 1917, traz uma alteração de enfoque na clínica que levará Freud a redefinir seu conceito de cura analítica. A constatação nessa conferência de uma satisfação que se sustenta no padecimento do sintoma, ou melhor, no gozo que cada um extrai de sua neurose, indica a Freud que o sentido do sintoma não se apoia no deciframento, mas no real. O ganho na doença marca o começo de uma mudança de pergunta que, retroativamente, ordenará seus dois eixos – o eixo da substituição e o eixo da satisfação substitutiva. São eixos diferentes, sendo a satisfação algo da insistência da pulsão já observada há algum tempo. Freud percebe que há algo no sintoma que é assombroso e incompreensível como meio de satisfação pulsional. Conforme Juan Carlos Cosentino, trata-se de uma satisfação que quase sempre prescinde do objeto, que abandona o vínculo com a realidade exterior, em consequência de um estranhamento

com relação ao princípio de realidade e um retorno ao princípio de prazer (COSENTINO, 1992).

Logo, entendemos por que Freud (1917a) inicia sua conferência sobre o estado neurótico comum argumentando não se tratar de uma “Introdução à psicanálise”. O que ele vai trabalhar foge ao que explanou nas conferências anteriores como suporte aos conceitos psicanalíticos: o estudo das parapraxias, dos sonhos e dos sintomas, a apreciação descritiva, dinâmica e econômica do psiquismo. Ele apresentou a psicanálise propriamente dita a partir da teoria das neuroses, mas agora o título de “Introdução à psicanálise” já não se aplica ao que vai trazer nessa conferência.

Começar pelo que constitui o “caráter neurótico”, o núcleo duro de uma análise, o real em jogo no sintoma não resultaria nada produtora. Freud precisava mesmo passar, inicialmente, pela interpretação dos sonhos, formação dos sintomas, neuroses de transferência, sentido dos sintomas, fantasias históricas até chegar ao real.

Essa conferência nos diz que quando o eu se refugia na neurose e obtém a satisfação no sintoma ou extrai o “ganho proveniente da doença”, o analista não deve contar com possibilidades muito grandes de sucesso por meio do tratamento descrito até agora, ou seja, algo na clínica precisa ser mudado para incluir o gozo no sintoma. Há um “*modus vivendi*” na neurose, um “mecanismo independente” que se manifesta como pulsão de autoconservação,

que reforça a estabilidade da neurose. No seu texto “Inibições, sintomas e angústia”,² Freud (1926) fala que não estaremos em condições de dizer muito sobre a satisfação obtida no sintoma, até que tenhamos feito a indagação dos vários exemplos diferentes da formação dos sintomas e penetrar no problema da angústia. Encontramos, assim, um enodamento entre esse “*modus vivendi*”, ou modo de gozo, e a angústia.

Na conferência que se segue ao texto “O estado neurótico comum”, temos a “Conferência XXV – A angústia”, de 1917, em que Freud diz que pessoas atormentadas pela angústia vivem na constante expectativa do mal, e não há nada mais comum e atual do que isso. É uma tendência encontrada na forma de “traço de caráter” que se reconhece em sujeitos tidos como supersticiosos ou pessimistas. Compõe um aspecto constante de distúrbio nervoso que o autor dá então o nome de “neurose de angústia”, incluída entre as neuroses atuais. Esse distúrbio se apresenta no modo de ser do neurótico e comumente é considerado como um problema de comportamento ou temperamento (FREUD, 1917b).

Essas formas comuns ou atuais da neurose têm sua significação etiológica no viver sexual real e não no conflito.

2 “*Hemmung, symptom und angst*”. O termo “*angst*” (angústia) é o que aparece no título original em alemão de Freud, que foi traduzido pelo Editor Inglês como “*Inhibitions, symptom and anxiety*”. Optei por utilizar, portanto, o termo “angústia” em substituição ao que aparece na edição brasileira da Imago como “ansiedade”.

As causas são exclusivamente contemporâneas e não se originam no passado do paciente. Na “Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo”, Freud (1917c) já havia topado com essas formas de neurose e suas influências nocivas, que conferem importância pela incapacidade de diversificação da libido. Certas perturbações funcionais próprias das neuroses atuais devem ser verdadeiramente atribuídas à pulsão de autoconservação, algo de outra ordem identificado como esse “mecanismo independente” que reforça a estabilidade da doença.

Os sintomas das neuroses atuais – sensação de dor, irritação em um órgão, inibição de uma função distante dos sintomas das neuroses de transferência – não têm nenhum “sentido”, nenhum significado psíquico. Manifestam-se no corpo e constituem “processos inteiramente somáticos” que funcionam como uma “toxina”. O ganho secundário que se obtém com o sintoma é um ganho paradoxal, adequado para se manifestar como empuxe à pulsão e vem em auxílio à luta do eu para incorporar o sintoma e reforçar sua fixação a ele.

Ao abordar o sentido dos sintomas na “Conferência XVII” de mesmo nome e publicada em 1917, Freud se desculpa aos ouvintes por negligenciar, como psicanalista, “outros problemas da doutrina da neurose” (FREUD, 1917d, p. 246) considerados pouco atraentes, mas, paradoxalmente, muito frequentes. Alude ao que deve ser observado como “sintoma típico” de uma doença, ou seja, os sintomas comuns em todos os casos, em que não há distinções indi-

viduais ou situações particularizadas, em contraposição aos sintomas psiconeuróticos, cujo sentido possui uma conexão íntima com a experiência do paciente. Acrescenta que sintomas típicos se mesclam aos outros sintomas, mas opõem-se a qualquer historicidade. Não obstante, são esses sintomas típicos, na verdade, que dão a orientação para o diagnóstico. Parece a Freud que o neurótico é forçosamente impelido por uma necessidade interna a produzir esses sintomas típicos, como se as causas históricas fossem apenas pretextos.

Se os sintomas individuais dependem de maneira tão inegável do vivenciar do paciente, para os sintomas típicos, fica a possibilidade de se remontarem a um vivenciar típico em si mesmo, comum a todos os homens (FREUD, 1917d, p. 248).

Nisso, o sintoma é o que mais de real o sujeito sofre. O típico em si mesmo, a realidade comum a todos é o impossível do real, que força o sujeito a definir sua história por um “pré-texto” que encobre a verdade.

Em outro artigo da mesma época dessas conferências, “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, ele diz:

Quando um médico empreende o tratamento psicanalítico de um neurótico, seu interesse não se dirige de modo algum em primeiro lugar para o caráter do paciente. Prefere saber o que significam os sintomas, quais as moções pulsionais ocultas por detrás deles e por eles satisfeitos, e qual o curso seguido pelo caminho misterioso que conduziu dos dese-

jos pulsionais aos sintomas. Contudo, a técnica que ele é obrigado a seguir, logo o compele a dirigir sua curiosidade imediata para outros objetivos. Observa que sua investigação se acha ameaçada por resistências erguidas contra ele pelo paciente, podendo o médico, com razão, encarar essas resistências como parte do caráter do paciente. Isso passa a adquirir a prioridade de seu interesse. (FREUD, 1916, p. 351).

Para o que a psicanálise visa, ou seja, a condução de uma cura, as “neuroses atuais” não oferecem à psicanálise qualquer ponto de abordagem, pois não se trata do deciframento ou interpretação. Corpo, angústia e pulsão de morte, essa última ainda a ser nomeada, mas constatada como satisfação além do prazer, se apresentam como dificuldades à psicanálise. Mas Freud não se dá por vencido! Sua escuta é apurada. Ele vê nas neuroses atuais uma íntima conexão clínica com as psiconeuroses. Cita três formas de neuroses atuais: neurastenia, neurose de angústia e hipocondria – que se apresentam em suas formas puras ou mescladas com algum distúrbio psiconeurótico. Numa analogia ao estudo dos minerais e rochas – em que os minerais na forma de substâncias individualizadas se apresentam como cristais nas rochas – o sintoma de uma neurose “atual” ou os sintomas típicos são frequentemente o “núcleo” e o primeiro estágio de uma psiconeurose; o ponto, portanto, onde a satisfação ou a repetição não cede.

Nas últimas conferências que compõem a obra freudiana “Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)”, de 1916-1917, as neuroses de transferências passam a

ser identificadas como satisfação substitutiva e ganho da doença. Nessa direção, o tratamento recebe novos contornos. Na “Conferência XXVII – Transferência”, o sintoma é a transferência, e o analista se torna o objeto situado no centro da análise (FREUD, 1917e).

Posteriormente, em “Novos caminhos da terapia psicanalítica”, de 1919, Freud fala da posição “ativa” do analista na transferência e de oposição à satisfação substitutiva do sintoma e à compulsão da doença. Ele diz: “Na medida do possível, a cura analítica deve executar-se em estado de privação – de abstinência.” (FREUD, 1919, p. 158). Ele acrescenta que essa privação não é uma abstinência de uma necessidade qualquer, é algo relacionado com a dinâmica ou estrutura da neurose, posto que o paciente adoeceu por conta de uma frustração – *versagung* –, uma impossibilidade de satisfação, uma impossibilidade do dizer; por isso os sintomas se prestam a satisfações substitutivas, por isso o sujeito goza. O analista, portanto, conta sua causa de desejo como resposta para a privação do gozo na transferência. Se ele está como objeto situado no centro da análise, jamais será como objeto de gozo para seu analisante.

Então esse é o ponto de torção clínico que Freud propõe a partir do que ele observa dessa satisfação que não cede? Há algo que precisa ser trabalhado sobre o gozo, mas que só se tornou possível a partir da inclusão da transferência e do desejo do analista. O trabalho de deciframento – mas também do que resiste a ele, o núcleo da neurose, o real de cada um, o sentimento de culpa presente no sintoma – é

tratado sob o efeito da transferência, num processo que vai do simbólico ao real, ou que considera o real logo de saída.

Résumé: Freud travaille dans sa conférence sur «L'état névrotique commun» sur les symptômes de la société moderne et ce qu'il en vient à désigner comme des névroses actuelles ou contemporaines. Des inhibitions, des névroses d'angoisse, de la neurasthénie, l'hypocondrie, des situations d'échec, de gain secondaire de la maladie mettent Freud et la psychanalyse en difficulté dans la conduite de la cure dans ces cas. Un symptôme typique, qui ne peut être interprété et un noyau de satisfaction pulsionnelle où la répétition ne cède pas, appellent à un changement d'orientation avec des répercussions en clinique.

Mots-clés: Névrose actuelle. Gain dans la maladie. Jouissance dans le symptôme. Réel. Pulsion.

Referências

COSENTINO, Juan Carlos. *Lo real en Freud: sueño, síntoma, transferencia*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1992.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III – Teoria geral das neuroses) (1916-1917)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Conferência XXIV – O estado neurótico comum (1917a). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 441-456. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Conferência XXV – A angústia (1917b). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 457-479. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo (1917c). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 481-502. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Conferência XVII – El sentido de los síntomas (1917d). In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis (parte III – Doctrina general de las neurosis) (1916-1917)*. Obras completas.

Vol. XVI. Buenos Aires – Madrid: Amorrortu Editores. 2013. p. 235-249.

FREUD, Sigmund. Conferência XXVII – Transferência (1917e). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 503-521. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e angústia (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e angústia. A questão da análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 91-201. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, Sigmund. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 349-377. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica (1919). In: _____. *De la historia de una neurosis infantil y otras obras (1917-1919)*. Obras completas. Vol. XVII. Buenos Aires – Madrid: Amorrortu Editores. 2013. p. 151-163.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise (1948). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-126.

Obras consultadas

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919). In: _____. *História de uma*

neurose infantil e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 199-211. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Conferência XXVIII – Terapia analítica (1917). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 523-539. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).





TRAUMA E FANTASIA



“Les Jours gigantesques”
(The gigantic days), 1928.
René Magritte
1898 - 1967
Óleo sobre tela, 116 x 81 cm.

Apresentação

O inusitado de 2020 — Jornada on-line

Neuza Loureiro¹

O tema de estudo de 2020 “Trauma e fantasia” foi definido no final do ano de 2019. Havíamos encerrado aquele ano com a jornada de estudos sobre o tema “Guerra e morte: o que insiste da pulsão”. Tal escolha, a meu ver, foi motivada, em parte, pelo mal-estar percebido na sociedade, principalmente por questões políticas do país e também pelo desastre ambiental, conhecido como “A tragédia de Brumadinho”, mas que pela magnitude dos estragos deveria se chamar o “O Crime da Vale”. A tragédia e a indignação reverberaram nas pessoas, fazendo surgir, das imagens, textos sobre aquele real implacável. No final da jornada, ficou marcado em mim um trecho da música “Pedaco de mim” de Chico Buarque, citado por Wagner Bernardes:

Oh, pedaco de mim

Oh, metade amputada de mim

Leva o que há de ti

1 Educadora e Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise até seu falecimento em dezembro de 2020. (Vide considerações sobre a autora no final do texto.)

*Que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi*

Ao retomar os trabalhos em 2020, a ATO se debruçou no estudo do tema “Trauma e fantasia”, marcando em sua agenda a realização da jornada para o dia 21 de novembro. Para a comissão, seria como nos anos anteriores em um único dia, no sábado, com duração de 8 horas/aula. Mas, mal começamos a caminhar, deparamo-nos com um empecilho. Reportei-me ao poema “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade para designar estupefação. Já no primeiro verso, poderia me deter ante a beleza e a sensibilidade do poeta, mas não resisto e prossigo um pouco mais, pois ele fala do que estávamos deparando no momento.

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Maria Luiza Bassi, em seu trabalho “A clínica do trauma: do universal ao particular”, nos traduziu o acontecido:

Iniciamos o ano de 2020 com a notícia que em Wuhan, na província de Hubei, China, havia sido identificada uma doença, causada por um vírus altamente contagioso. Em 30 de janeiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS)

declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19) constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI). Em 11 de março de 2020, a Covid-19 seria caracterizada como uma pandemia. Estávamos diante de uma situação totalmente inusitada. Devíamos permanecer em casa, nos relacionando apenas por via remota, enquanto assistíamos pela televisão e mídias sociais as notícias do aumento exponencial de casos e mortes.

Diante de tal realidade, mais uma vez me sirvo de trechos da poesia de Drumond.

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?*

*Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

A incerteza diante do desconhecido que se apresentava, e o desejo de levar adiante o planejamento, fez com que a comissão optasse pela realização da jornada on-line. Propusemos desmembrar os encontros, programando-os para os meses de setembro, outubro e novembro. Cada um com duração de duas horas para não cansar as pessoas, visto que a atenção concentrada na tela de um computador ou celular torna-se muito cansativa.

[...] Foi com uma menção a trechos da música “Amor de Índio” de Beto Guedes que Raul abriu os trabalhos da mesa “no último encontro”, exaltando a produção das palestrantes.

*Tudo que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo o cuidado
Abelha fazendo o mel
Vale o tempo que não voou
Todo dia é de viver
Para ser o que for
E ser tudo*

*Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho*

*É mais que sagrado
A massa que faz o pão
Vale a luz do seu suor*

*Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes*

Neuza Loureiro

Considerações sobre a autora

Este texto foi escrito por nossa querida colega Neuza, que faleceu no dia seguinte a sua leitura em nossa última reunião de 2020. O texto não foi publicado em sua íntegra, já que ele não foi escrito para essa finalidade. Tomamos a liberdade de publicá-lo, pois, após a leitura, falamos com ela sobre a possibilidade de ser o editorial da revista. Neuza, sempre sensível e atenta às questões políticas e sociais de nosso tempo, contribuiu muito em nossa escola com questionamentos relevantes, tentando pensar a psicanálise em sua implicação com a contemporaneidade e seus efeitos. Ela contribuiu, em muitos momentos, para a realização da revista da ATO, fazendo parte da comissão e da escrita de nossos editoriais. Gostaríamos de homenageá-la com a publicação de sua última escrita direcionada à revista da ATO e à psicanálise. Agradecemos à Neuza por ter feito parte de nossas vidas.



A constituição do sujeito: trauma e fantasia

Rosana Scarponi Pinto¹

Resumo: O texto aborda como o conceito de trauma vai sendo desenvolvido na teoria psicanalítica, passando de um evento externo para outro que é interno e pulsional. Nesse percurso, Freud descobre a realidade psíquica e a fantasia como estruturante da constituição do sujeito.

Palavras-chave: Angústia. Pulsão. Trauma. Recalque. Fantasia. Sintoma.

Freud começa a descoberta da psicanálise buscando o trauma que daria sentido aos sintomas histéricos e, nesse processo, descobre a fantasia, a sua dimensão e sua importância. A inovação da psicanálise ocorre justamente pela descoberta do inconsciente, de que há outra realidade além daquela objetiva e factual, na qual o sujeito se apresenta como vítima.

Desde os seus primeiros trabalhos, Freud enfatiza o caráter econômico do conceito de traumatismo, salientando que um acréscimo de estímulos, excessivamente poder-

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

so e invasivo ao aparelho psíquico, poderia gerar ruptura, fixação e neurose. Articulou o trauma à angústia frente a um perigo externo, cujo modelo seria a angústia tóxica do nascimento – angústia realística – e à angústia proveniente de dentro, da excitação sexual – angústia neurótica.

No desenvolvimento de suas elaborações, Freud aproxima os dois tipos de angústia, concluindo que o ataque pulsional viria apenas de dentro, podendo ser projetado para ser nomeado, como nas fobias. O perigo para o eu é sempre o de castração, de separação ou perda do objeto que possibilita a satisfação pulsional. Este seria o ponto traumático existente em todas as fases de desenvolvimento libidinal, ou seja, o trauma se origina da via pulsional.

Freud acrescenta que a angústia predominante em cada fase do desenvolvimento vai ser experimentada com intensidade diferente para cada pessoa, dependendo de muitos fatores, variações, coexistências, rearranjos e que esse não é um processo linear. Assim sendo, desde o início da sua clínica, ele preocupou-se em mostrar que o sujeito modifica a posteriori as representações dos acontecimentos vividos e que essa dinâmica lhe concede sentido, elaboração ou poder patogênico.

As constatações anteriormente descritas nos fazem pensar como a própria constituição do sujeito revela-se traumática, no sentido do excesso que invade um corpo submetido. A mãe trata seu bebê como substituto de um objeto sexual plenamente legítimo, como nos diz Freud (1905). É ela

quem favorece a implantação da vida pulsional da criança, excitando-a física e verbalmente.

As excitações sexuais são intensas, desarticuladoras e imperiosas frente à prematuridade do bebê. São estranhas, sem nome e sem representação. Esse estado gera a dependência de um “estranho” semelhante investido da linguagem para traduzir e nomear a tensão; mas ele o faz de acordo com as suas próprias fantasias, seu erotismo e desejo.

A criança também vai fazendo a tradução dessas trocas de forma singular, realimentando o circuito que vai sendo inscrito no inconsciente. Entretanto, a tradução da mensagem vinda de ambas as direções é precária, impossibilitando a apreensão do objeto de forma totalizada. Há sensações e vivências enigmáticas nessa experiência, que são fugidias à representação, deixando uma descontinuidade, uma perda inerente à identificação com o outro, que movimenta o psiquismo.

As excitações pulsionais que não puderam ser traduzidas nem simbolizadas forçam a descarga livre pelos caminhos mais curtos e precisam de contenção à exigência mortífera de obter a satisfação absoluta. São as pulsões de morte. Freud diz que:

É absolutamente plausível que as causas imediatas que produzem os recalcamientos originários sejam fatores quantitativos como uma excessiva força da excitação e a efração do para-excitações. (FREUD, 1926, p. 116).

Mas o recalque não faz desaparecer a busca constante por uma satisfação plena. Em outras palavras: “[...] os homens não podem subsistir com a escassa satisfação que provém da realidade” (FREUD, 1916, p. 434). E quando o mundo limita, a pulsão busca a satisfação em outro lugar. A fantasia fundamental se constitui nessa transição. Ela possui realidade psíquica, que transcende as barreiras da realidade material, criando suportes para o sujeito lidar com o trauma referente a sua própria constituição. Freud ressalta que o paciente criou a sua fantasia por si mesmo e, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva. Então, não há como lidar com a realidade concreta sem passar pela realidade psíquica.

Na fantasia está inserida a realização de um desejo inconsciente e, ao mesmo tempo, a sua interdição, como parece estar refletida na obra de René Magritte, “*The gigantic days*”, que ilustrou o trabalho da “ATO – escola de psicanálise” neste ano. O inconsciente permanece vivo e capaz de desenvolvimento, através de seus derivados, dos quais a fantasia ocupa um lugar privilegiado. Ela pertence qualitativamente ao sistema pré-consciente, mas factualmente ao inconsciente, ressalta Freud (1915).

Outro aspecto importante da fantasia fundamental é que, tendo ela se constituído a partir da divisão do sujeito, revela como cada um se posiciona diante daquilo que lhe falta, buscando aquilo que o “completa”. Assim, torna-se uma espécie de denominador comum de todas as fantasias sub-

jacentes aos sintomas, revelando uma forma fixa e repetitiva do sujeito viver e se relacionar.

Entretanto, quando uma pulsão torna-se muito intensa, as fontes de prazer provenientes da fantasia não são suficientes para dominá-la e advém a angústia. O eu, a fim de afastar-se do perigo, cria sintomas que são substitutos e derivados da pulsão recalcada, constituindo-se num novo método de satisfazer a libido, constata Freud (1916). Dessa forma, o sintoma, gradativamente, vem a ser o representante de interesses importantes, tornando-se indispensável ao eu.

Concluindo, a pulsão, que inicialmente se satisfazia de forma autoerótica, teve sua satisfação parcialmente limitada devido às barreiras impostas. A busca pelo prazer prossegue pela via da fantasia, mas, não sendo suficiente, a pulsão se satisfaz pelo sintoma, regredindo ao seu lugar de origem. Não há, portanto, solução satisfatória quando se tenta encontrar o objeto do desejo.

A constituição subjetiva pressupõe passar pela via traumática, uma vez que o *infans* não tem recursos para elaborar as cargas libidinais que o invadem de todos os lados e insistem na satisfação. Ao mesmo tempo, são elas as pulsões, que vão constituir o corpo erógeno e o psiquismo do sujeito, mediadas pela relação com o Outro.

Abstract: The text discusses how the concept of trauma is being developed in psychoanalytic theory, moving from an external event to another that is internal and instinctual. In this path, Freud discovers the psychic reality and the fantasy as a structuring of the subject's constitution.

Keywords: Anguish. Pulsation. Trauma. Repression. Fantasy. Symptom.



Referências

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 118-217 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas (1916). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 419-439. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-217. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico; inibições, sintomas e ansiedade; a questão da análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 95-201. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

MAGRITTE, René. *Les jours gigantesques (The titanic days)*. Paris, 1928. Óleo sobre tela 91 x 79 cm. Coleção privada.

Obras consultadas

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-123. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 225-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



O trauma e seus destinos

Ana Maria Fabrino Favato¹

Resumo: No senso comum ou na sua forma mais grosseira, o trauma se tornou um sistema explicativo para toda e qualquer experiência catastrófica com valor de causa determinante. Mas, ao se fazer do trauma uma causa, acentuamos o acontecimento, o incidente, quando – na verdade – seu efeito traumático só é medido “a posteriori”. Mais do que um acontecimento, o trauma é um processo. Relacionado inicialmente à compulsão de uma lembrança, depois, à compulsão pulsional propriamente dita, o trauma, em Freud, vai do infantil como traumático até alcançar o destino traumático da pulsão. Apanhado na rede das associações e ditos do paciente, o trauma surge em obediência à compulsão à repetição para afastar o que foi recalçado ou esquecido.

Palavras-chave: Trauma. Operação Póstuma. Compulsão. Exceção.

Quando Freud abandona sua neurótica por não acreditar mais nas indicações de realidade colhidas das histéricas, ele

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

abandona também “a resolução completa de uma neurose e o conhecimento certo de sua etiologia na infância” (FREUD, 1897, p. 351). Esse é um momento importante de rompimento com o saber, baseado em fatos científicos e reais, e no trauma como causa determinante.

Apoiado em sua clínica, Freud desloca a ênfase do trauma para a fantasia, desliza do físico para o psíquico, mas não abdica da questão traumática que, para a psicanálise, vai ter alcance e destino mais complexo.

Relacionado inicialmente à compulsão de uma lembrança, depois, à compulsão pulsional propriamente dita, o trauma vai do infantil como traumático até alcançar o destino traumático da pulsão, sem nos esquecermos posteriormente do aforismo freudiano da perda do objeto como modelo de todos os traumas (FREUD, 1926).

No senso comum ou na sua forma mais grosseira, o trauma se tornou um sistema explicativo generalizado para toda e qualquer experiência catastrófica com valor de causa determinante. Mas, ao se fazer do trauma uma causa, acentuamos o acontecimento, o incidente, quando na verdade, seu efeito traumático só é medido “a posteriori”. Mais do que um acontecimento, o trauma é um processo. Isso é válido para todo incidente, no sentido de que só podemos defini-lo como traumático quando a ruptura se verificou num determinado espaço/tempo. E não é só isso, o trauma abrange a topologia, a economia pulsional, envolve o recalque, a angústia, a linguagem, a temporalidade.

Nisso já encontramos um mal-entendido: qualquer que seja o acontecimento, no instante em que ele ocorre, não se sabe o significado que terá. O destino do acontecimento, dado “a priori” como traumático, anula e inocenta o sujeito. As manifestações traumáticas implicam o sujeito do inconsciente, mesmo que ali, efetivamente, ele não se reconheça.

Sobre os fatores acidentais, Freud diz que “[...] não são as próprias experiências que agem traumáticamente, mas o seu reviver como uma *lembrança* depois que o sujeito entrou na maturidade sexual.” (FREUD, 1896a, p. 189). Não é, deste modo, a realidade do acontecimento que está em causa, mas sua representação vivida e seu efeito psíquico posterior.

A disposição histórica não se encontra na cena traumática e sim na “operação póstuma”, na ação do recalque como efeito, só depois, “para aqueles que podem ativar o traço de memória de um trauma da infância” (FREUD, 1896a, p. 192). Lembranças ativadas posteriormente provocam desprazer em função do recalque; e a fuga de uma representação para outra faz da compulsão de uma lembrança um substituto da representação recalçada.

É no “a posteriori” que a lembrança se transforma em traumatismo. Dentro dessa lógica, o recalque e a formação dos sintomas representam mecanismos que ocorrem num tempo traumático, retardado em relação ao momento do acontecimento das cenas primárias que advêm

antecipadamente. O que o sintoma sinaliza para o sujeito é justamente a irrupção de um antes e um depois, que reduz o efeito de sujeito na psicanálise a uma temporalidade lógica.

O “a posteriori” condensa duas dimensões do tempo afastadas uma da outra, mas não de forma linear ou mecanicista de causa e efeito. De um lado, temos a experiência que deixa um traço de memória; do outro, a sutileza de uma reinscrição, a complexidade de um significado remodelado que, no seu retorno só depois, sobrevém lacunar. Isso pode ser ilustrado na leitura de um trecho de Freud dedicado a essa questão em “Recordar, repetir e elaborar”. Ele escreve:

Nesses processos, acontece com extraordinária frequência ser ‘recordado’ algo que nunca poderia ter sido ‘esquecido’, porque nunca foi, em ocasião alguma, notado – nunca foi consciente. [...] Há um tipo especial de experiência da máxima importância, para a qual lembrança alguma, via de regra, pode ser recuperada. (FREUD, 1914, p. 195, grifo do autor).

Portanto, o reconhecimento de um trauma particular, próprio a cada um, é um meio de buscar sentido subsequentemente em torno do que não é possível lembrar. Como Freud frisa,

obtém-se conhecimento dessas lembranças através dos sonhos e é-se obrigado a acreditar neles com base nas provas mais convincentes fornecidas pela estrutura da neurose. (FREUD, 1914, p. 195).

O trauma, como um acontecimento de estrutura apanhado na rede das associações e ditos do paciente, torna-se, assim, um acontecimento semântico, mas nem tudo pode ser dito; algo fica perdido, esquecido, se perdeu. Freud designa o período de latência como determinante no trauma e usa uma expressão para defini-lo: “exceção”. A latência interpõe entre a infância e a adolescência uma “exceção” no funcionamento psíquico, ou seja, um hiato, uma lacuna, que desprepara o psiquismo para a compulsão da lembrança (FREUD, 1896b). Ela produz uma falha no funcionamento. Na exceção, algo não se inclui ou fica de fora, indicando descontinuidade no funcionamento.

Qualquer hiato, qualquer lacuna no espaço/tempo, funciona como exceção. No “Projeto”, Freud diz que “para cada intrusão de uma ideia excessivamente intensa na consciência existe uma amnésia correspondente.” (FREUD, 1895, p. 460). Processo semelhante encontramos na “Carta 52”, em que a falha na tradução do material psíquico é designada como recalque. A defesa neurótica ocorre contra traços de memória de uma fase anterior que não conseguiram encontrar uma tradução. Mas esses traços insistem (FREUD, 1896c). Um dos destinos do trauma é ir em direção a uma fixação, fixação dessa falha, selando a repetição. “É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (FREUD, 1917, p. 325).

Em “Além do princípio de prazer”, de 1920, a “exceção”

fica por conta do sonho típico da neurose traumática, que contraria a proposição de que os sonhos são uma realização de desejo. Aqui o desejo fica de fora. O sonho do traumatizado tem a peculiaridade de “trazer o paciente de volta à situação de seu acidente, uma circunstância da qual ele acorda em outro susto” (FREUD, 1920, p. 24). Os sonhos traumáticos surgem em obediência à compulsão à repetição para afastar o que foi recalçado ou esquecido, tal como a compulsão da lembrança na neurose de defesa indicando a amnésia. Mas o que se repete, como observa Freud nesse momento, não é a lembrança ou o conteúdo do sonho, o que se repete é o susto, o que se repete é a angústia.

Na brincadeira das crianças, também, encontramos a “exceção”, e o que fica de fora é o princípio de prazer. O conjunto da brincadeira no jogo do *fort-da* poderia nos indicar a repetição de uma necessidade do retorno da mãe. Mas, não, de modo algum. Ela repete uma experiência desagradável e o objetivo não é o retorno da mãe. O intervalo introduzido pela ausência da mãe é o agente da compulsão à repetição. Brincar com o carretel para fazê-lo desaparecer é a resposta da criança para essa hiância, esse intervalo entre a saída e a chegada da figura materna, que estabelece um tempo de espera, um tempo de angústia. Com o jogo, a criança cria um “fosso”, a borda do berço, em que não se tem mais nada a fazer a não ser ensaiar repetidamente sua queda como objeto para a mãe. O que o jogo visa, portanto, não está lá essencialmente representado. (LACAN, 1964).

O trauma é fundamentalmente o que está fora do sujeito,

fora do sentido, fora da história, situado num tempo para além do atual, ou melhor, que não é contemporâneo ao sujeito. Ele procede de uma irrupção do real que não pode ser absorvido ou revelado, mas que se repete como por acaso.

Caso se possa pensar uma saída possível para o trauma, é preciso abdicar do sistema das significações infinitas, abandonar o vivido do trauma como causa, para não cair numa explicação sistemática de tudo o que o sujeito produz. O destino do trauma na psicanálise passa conseqüentemente pela lógica de uma resposta do sujeito diante dos acontecimentos aos quais ele se encontra submetido, mas no sentido de subverter a condição de traumatizado. Há elementos de significação que podem ser lançados quando encontram uma escuta, uma interpretação.

Se o trauma é construído em dois tempos, o terceiro tempo constitui o ato para sair da armadilha da causalidade traumática e visar uma nova resposta. O analista terá que subverter a demanda que lhe é feita e introduzir o não sentido do trauma, desfazer o engano que a causalidade programada implica, para abrir à contingência dos acontecimentos. A psicanálise pode possibilitar o efeito singular de subjetivação de ir além do horror que o trauma produz ou da fixação que ele induz.

Résumé: Pour le sens commun, ou dans sa forme la plus grossière, le traumatisme est devenu un système explicatif pour toutes les expériences

catastrophiques ayant une valeur de cause déterminante. Mais en faisant du traumatisme une cause, on accentue l'événement, l'incident, alors qu'en fait, son effet traumatique n'est mesuré qu'«a posteriori». Plus qu'un événement, le traumatisme est un processus. D'abord lié à la compulsion d'un souvenir, puis à la compulsion pulsionnelle elle-même, le traumatisme de Freud va de l'enfance comme traumatique jusqu'à atteindre la destination traumatique de la pulsion. Pris dans le réseau des associations et de dictions du patient, le traumatisme surgit dans conformément à la compulsion à la répétition pour éloigner ce qui a été refoulé ou oublié.

Mots-clés: Traumatisme. Opération Posthume. Compulsion. Exception.

Referências

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 381-517. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa (1896a). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 183-211. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. Extratos de documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]), Rascunho K (1896b). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 299-311. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. Extratos de documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). Carta 52 (1896c). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 317-324. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1892-1899). Carta 69 (1897). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 350-352. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: _____. *O caso Schreber; artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 191-203. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Conferência XVIII – Fixação em traumas – o inconsciente (1917). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). Teoria geral das neuroses*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 323-336. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer; psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e angústia (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico; inibições, sintomas e angústia; a questão da análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 91-201. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Obras consultadas

ANSERMET, François. Sortir du traumatisme. *La cause freudienne*, n. 58, p. 22-27. 2014/3. Disponível em:

<<https://www.cairn.info/revue-la-cause-freudienne-2004-3-page-22.htm>>. Acesso em: 9 mar. 2020.

FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 215-249. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. A negativa (1925). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 293-300. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LAURENT, Érik. O trauma ao avesso. *Papéis de psicanálise*. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-28, abr. 2004.

SÉDAT, Jacques. *Les grandes étapes de la pensée freudienne*. France: Armand Colin, 2013.

TARRAB, Mauricio. La insistência del trauma. In: _____. *La fuga del sentido y la práctica analítica*. Buenos Aires: Grama, 2008. p. 49-52.



A clínica do trauma: do universal ao singular

Maria Luiza Bassi¹

Não direi que o desastre é absoluto, ao contrário, ele desorienta o absoluto, ele vai e vem, desassossego nômade, porém com a instantaneidade insensível, mas intensa, do fora, como uma resolução irresistível ou imprevista que nos viria do além da decisão.

(Maurice Blanchot, A escrita do desastre)

Resumo: Este artigo pretende situar a prática psicanalítica diante da crescente demanda de atendimentos “psi” em situações inesperadas e de grande impacto social como as pandemias, desastres, atentados, acidentes, visando reparar os danos sofridos, a partir da suposição de que estariam todos traumatizados. Para a psicanálise, o trauma não é passível de generalização, está na ordem do singular, do encontro faltoso que, a partir da angústia, convoca o sujeito a uma resposta sintomática, tratamento que cada um confere à experiência traumática.

Palavras-chave: Trauma. Desamparo. Angústia. Singularidade.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

O tema desta jornada “Trauma e Fantasia” foi proposto no final de 2019 como direcionador dos estudos da escola no ano de 2020. Não imaginávamos, nesse momento, o que estava por vir.

Iniciamos o ano de 2020 com a notícia que em Wuhan, na província de Hubei, China, havia sido identificada uma doença, causada por um vírus altamente contagioso.

Em 30 de janeiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus, Covid-19, constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional – o mais alto nível de alerta da OMS –, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional – RSI (2005). Em 11 de março de 2020, a Covid-19 seria caracterizada como uma pandemia.

Estávamos diante de uma situação totalmente inusitada. Devíamos permanecer em casa, nos relacionando apenas por via remota, enquanto assistíamos pela televisão e mídias sociais as notícias do aumento exponencial de casos e mortes.

“Quando estamos diante de uma ameaça à vida, ativamos o mecanismo de luta ou fuga”. É como resume o psicólogo do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Felipe Ornell, (ORNELL, *apud* BIERNATH, 2020). Esse mecanismo, herdado dos nossos mais remotos antepassados, se traduz hoje numa palavra corriqueira: estresse.

Elaborado pela *American Psychiatric Association*, o “Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5”, publicado no Brasil, em 2014, considera a exposição a um evento traumático ou estressante como critério diagnóstico para os transtornos relacionados à trauma e a estressores. E reúne o transtorno de apego reativo, o transtorno de interação social desinibida, o transtorno de estresse pós-traumático, o transtorno de estresse agudo e os transtornos de adaptação nessa categoria diagnóstica.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, estamos cada vez mais à mercê de uma programação de nossos atos e desejos. Vivemos na ilusão de estarmos protegidos de todo mal, uma vez que os riscos são medidos e calculados com precisão. Sabemos que o trauma é da ordem do susto, daquilo que diz de uma impossibilidade de previsão e programação. Daí o escândalo do trauma e a tentativa de circunscrever em síndromes, estatísticas e políticas públicas.

Em março de 2020, a Fiocruz publica as seguintes recomendações:

Durante uma pandemia é esperado que estejamos, frequentemente, em estado de alerta, preocupados, confusos, estressados e com sensação de falta de controle frente às incertezas do momento. Estima-se que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e sintomas manifestados. (FIOCRUZ, 2020, p. 2).

Frente às recomendações dos órgãos de saúde, dispositivos de atendimento psicológico e psiquiátricos foram organizados para dar tratamento ao evento traumático no âmbito do “para todos”. Generalização necessária quando se trata de políticas públicas. Mas o que cabe ao psicanalista fazer ao receber tais pacientes?

Para a psicanálise, o traumático não está necessariamente ligado ao dramático, ao trágico, ao violento. Muitas vezes, o que desloca o sujeito de seu eixo, a partir do susto, está num sorriso, num olhar, numa palavra, num encontro inesperado. O trauma não é passível de generalização, está na ordem do singular, do encontro faltoso que, a partir da angústia, convoca o sujeito a uma resposta sintomática, tratamento que cada um confere à experiência traumática.

O trauma sempre esteve ligado à etiologia das neuroses, mas foi com o abandono da teoria da sedução que Freud deixa de lado a busca incessante de uma cena traumática originária, voltando-se para a construção fantasmática. Esse deslocamento do evento factual para um fato estrutural funda a teoria freudiana, inaugura o inconsciente e a realidade psíquica.

Quando Freud revela a Fliess, na “Carta 69”, de 1897, que não acreditava mais em sua neurótica, o sujeito passa a ser implicado na sua neurose e responsabilizado pelo seu sintoma. Até então, as histéricas eram consideradas vítimas de um acontecimento traumático, geralmente de cunho sexual, o que permitia que elas se esquivassem do jogo,

recusassem sua participação e responsabilidade. Prato cheio para as histéricas que ficavam na berlinda!

Com o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os debates sobre a causalidade traumática das neuroses voltaram à baila e Freud se colocou a trabalho. O sofrimento dos soldados afetados pelos campos de batalha convocou uma nova maneira de abordar a etiologia da neurose. O trauma psíquico como efração voltou à tona, dirigindo a atenção de Freud para a concepção econômica do trauma, levando-o a identificar uma fixação do episódio traumático, reeditado em sonhos, como se fosse impossível de superar.

Em 1920, Freud coloca à prova a teoria dos sonhos como realização de desejos, assim como a regulação do aparelho psíquico a partir do princípio do prazer. O trauma passou a ser concebido como resultado de uma falha nos mecanismos psíquicos de defesa, uma ruptura de uma barreira protetora contra os estímulos, deixando o sujeito exposto a um excesso de excitação além do princípio do prazer. Seria da ordem do susto e da surpresa, ou seja, diante de uma situação inesperada de perigo, em que o sujeito é pego de surpresa, a reação é de susto. A energia livre, desvinculada, causada pelo trauma, provocaria um distúrbio em grande escala no funcionamento psíquico, a ponto de colocar em movimento todas as medidas defensivas. Surge a necessidade de dominar as quantidades de estímulos que irrompem e vinculá-las, no sentido psíquico, para que delas se possa desvencilhar. A angústia surge como sinal de perigo e convoca o aparelho a um trabalho de religar a

energia livre. Os sonhos traumáticos teriam como objetivo dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a angústia cuja omissão constituiria a causa da neurose traumática (FREUD, 1920).

Freud (1926) destaca o lugar-tenente do trauma ligado à experiência de desamparo. Como estávamos dizendo, a angústia surge diante de uma situação de perigo externo ou interno. Os perigos internos se modificariam com o passar do tempo e experiências do sujeito, porém possuiriam uma característica comum que seria a experiência da perda ou separação do objeto amado. A angústia seria um afeto ligado a uma imagem mnêmica já existente, experiência traumática ligada a uma perda primordial, ou seja, experiência de um objeto para sempre perdido. Na ocorrência de situação semelhante, esses símbolos mnêmicos seriam revividos. O fato de ser adulto não ofereceria qualquer proteção contra o retorno de uma situação de angústia traumática original (FREUD, 1926).

A partir do conceito de trauma, qualquer experiência do passado deixa de ser algo finalizado em si, algo a ser lembrado e elaborado em sua totalidade, para se tornar substância viva que habita o presente, cuja inscrição sempre apontará a insuficiência do significante e a dimensão do meio-dizer a verdade. Pode-se dizer, concordando com Laurent (2002), o trauma é mais um processo do que um acontecimento. Ele acompanha para sempre o sujeito.

Diante de uma pandemia, desastres, atentados ou acidentes, os serviços de terapeutas são organizados e ofereci-

dos com o objetivo de reparar o dano sofrido, a partir da suposição que estariam todos traumatizados. Diante disso, a questão seria: estariam todos traumatizados? E se confirmada a existência de sofrimento, a escuta não seria singular com o intuito de restituir a trama do sentido e a inscrição do trauma na singularidade do inconsciente de cada um?

A partir da recusa em oferecer sentidos padronizados e prévios, o analista poderá recorrer ao mal-entendido, provocar a fala daquele que sofre e promover o relato do particular do seu desejo e gozo.

Uma paciente idosa, 96 anos, vive a perda do marido com o qual era casada há 67 anos. Tomada pela angústia, sente falta de ar intensa. Exames médicos foram realizados para tentar localizar, no corpo, a falta de ar. Em um primeiro contato, a paciente me endereça um apelo: — *Pelo amor de Deus me ajuda, fala alguma coisa para mim.*

Nesse momento, não me resta nada além de falar e provocar a emergência da palavra daquele sujeito em busca de um contorno para o fosso que se abriu pela perda do objeto amado. Provocar um discurso, mínimo que seja, que possibilite uma tessitura constituída por laços e nós. Diante daquilo que não existe mais, que se quebrou, esburacou, uma nova representação pode advir. O trauma abre possibilidade para novas inscrições que dizem de uma decisão, de um ato.

Ato que poderá ser testemunhado pelo analista, o qual, no

lugar de causa, não obtura, abre espaço para a invenção de uma nova escrita psíquica.

Résumé: Cet article se propose de situer la pratique psychanalytique face à la demande croissante de soins de «psi» dans des situations inattendues ayant un fort impact social, telles que les pandémies, les catastrophes, les attentats, les accidents, visant à réparer les dégâts subis, en partant de la supposition que les intéressés seraient tous traumatisés. Pour la psychanalyse, le traumatisme n'est pas sujet à la généralisation, mais plutôt inscrit dans l'ordre du singulier, de la rencontre manquante qui, départ de l'angoisse, invite le sujet à une réponse symptomatique, un traitement que chacun donne à l'expérience traumatique.

Mots-clés: Traumatisme. Détresse. Angoisse. Singularité.



Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5.5* ed. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>. Acesso em: setembro de 2020.

BIENARTH, André. A epidemia oculta: saúde mental na era da Covid-19. *Veja Saúde*, São Paulo, 17 maio 2020. Disponível em: <<https://www.saude.abril.com.br/mente-saudavel/a-epidemia-oculta-saude-mental-na-era-da-covid-19/>>. Acesso em: setembro de 2020.

FREUD, Sigmund. Extratos de documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). Carta 69 (1897). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 350-352. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 107-201. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19 – recomendações gerais* (2020). Ministério da Saúde. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf>. Acesso em: setembro de 2020.

LAURENT, Éric. O trauma ao avesso (2002). Instituto de Psicanálise e Saúde Mental em Minas Gerais. *Papéis em psicanálise*, Tradução de Cristina Drumond, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-28, abr. 2004.

Obras consultadas

KAPCZINSKI, Flávio; MARGIS, Regina. Transtorno de estresse pós-traumático: critérios diagnósticos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 25, supl.1, p. 3-7, jun., 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000500002>>. Acesso em: setembro de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Regulamento Sanitário Internacional* (2005). Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) – versão em português aprovada pelo Congresso Nacional – Decreto Legislativo 395/2009. Brasília, 2009. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/regulamento-sanitario-internacional/arquivos/7181json-file-1>>. Acesso em: setembro de 2020.

Trauma e fantasia: enodar é preciso

Sergio Becker¹

Resumo: Como enodar trauma e fantasia? O desejo do analista torna-se o agente do enodamento. O ponto nodal, objeto *a*, nos dá a direção do tratamento, com o enlace da dupla falta que emerge tanto no trauma, o buraco simbólico produzido pelo excesso de real, quanto na fantasia, onde o falo se inscreve como ausente.

Palavras-chave: Trauma. Fantasia. Fantasma. Enodamento.

Meu trabalho parte de um enigma que Freud coloca no texto “Uma criança é pegada (espancada)”, no capítulo 2.

Ao fazer isso, entretanto, tropeçamos numa barreira à nossa compreensão, pois às impressões fixadoras faltavam qualquer força traumática; eram em sua maioria banais e não excitantes para os outros indivíduos; não se pode dizer por que a aspiração sexual se fixava nelas em particular. Mas sua significação podia achar-se em que ofereciam a esses componentes sexuais prematuros uma ocasião para anexação, ainda que casual, e pronto para lançarem-se, e devíamos prever que a cadeia de enodamento causal teria um fim provisório em algum lugar (FREUD, *G.W.* v. 12, 1919, p. 210).

1 Psicanalista. Membro da Escola Letra Freudiana.

Freud aponta a direção do tratamento, o trabalho do significativo. O ponto da fixação do gozo no fantasma não implica no traumático, mas enoda algo.

Em “O caminho da formação dos sintomas”, Freud escreve:

A significação das experiências infantis não deve, como é o caso da preferência, ser completamente negligenciada em comparação com as experiências dos ancestrais e da própria maturidade, mas, pelo contrário, deve receber uma consideração especial. São ainda mais importantes porque caem em tempos de desenvolvimento incompleto, e é precisamente por esse fato que são adequadas para ter um efeito traumático. (FREUD, G.W. v. 12, 1917, p. 385).

Entendemos que o efeito traumático advém da incompletude que o sexual introduz. Da mesma forma, o ponto no fantasma da fixação do gozo. Temos aqui uma direção para o enodamento de trauma e fantasia. A prematuridade é de estrutura, isto é, a impossibilidade de completude que o componente sexual introduz na experiência do sujeito. Trauma e fantasia se enodam no trabalho de análise. Onde a cadeia significativa cessa, quando a falta emerge, há efeito traumático. *Troumatisme*, o buraco real onde não há relação sexual. A escrita do fantasma produz uma borda simbólica ao real da não equivalência sexual quando o falo não está em lugar algum no tempo do Complexo de Édipo. O trauma é o real sem significativo, demasiado real, excesso de real. A construção do fantasma vem ao encontro dessa falta e, com sua escrita da não relação, faz barreira ao masoquismo que insiste em estabelecer relação onde não há, entre gozo e morte. Desloca o sujeito do lugar de instrumento de

gozo, pois, abre a via do desejo. O desejo se agarra onde for possível, é o saber do analista.

Em “Kant com Sade” (1963, p. 780), Lacan conclui que não se goza pelo princípio do prazer. Desse modo, a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo. No momento mesmo do gozo, o prazer estaria fora, se a fantasia não interviesse para sustentá-lo pela via do desejo. O desejo é a dobradiça, o eixo do enodamento de trauma e fantasia. Acontecimento singular do discurso do analista. $\$ \diamond a$ – punção, lê-se desejo de. A fórmula da fantasia escreve a não reciprocidade absoluta de sujeito e objeto. A captura do prazer na fantasia é compreensível. A experiência da dor é de ciclo mais longo que o processo do prazer. A dor começa no ponto onde o prazer acaba. A experiência da dor traumática, dor de existir, tem na construção do fantasma a possibilidade de se tornar em *troumatisme*, “Traumatema”, se podemos inventar algo aqui. O trauma, aí, cessa de não escrever. Alguma borda de letra que o objeto *a* escreve. Torna o buraco não todo.

Na fantasia, quando “‘eu me pego’, desapareço”. O sujeito com sua divisão reaparece causado. Trauma e fantasia enodam-se no instante da demanda de análise. Temporalidade suficiente para que o parceiro da fantasia não mais seja o *partenaire* traumatizante, e sim o analista. O trauma fora da representação permite uma resposta topológica, o toro com seu furo real. Faz corte na repetição da demanda, cessa de sofrer por reminiscências. No que constrói o fantasma, “destraumatiza”. Trauma e fantasia enodam restos

do real impossível da não relação. Escrevem, no trabalho do inconsciente, a impossibilidade de representação do sexo e da morte.

Resumen: Como anudar trauma y fantasia? El deseo del analista se convierte en el agente del anudamiento. El punto nodal, objeto *a*, nos da la dirección del tratamiento, con el enlace de la doble falta que emerge tanto en el trauma, el agujero simbólico producido por el exceso de real, como en la fantasía, donde el falo se inscribe como ausente.

Palabras clave: Trauma. Fantasía. Fantasma. Anudamiento.



Referências

FREUD, Sigmund. “Ein kind wird geschlagen” (1919). In: _____. *G.W.S. Fischer Verlag*. Frankfurt Main, Band 12, 1941. p. 195-226.

FREUD, Sigmund. Die wege der syptombildung (1917). In: _____. *G.W.S. Fischer Verlag*. Frankfurt Main, Band 11,1941. p. 372-391.

LACAN, Jacques. Kant com Sade (1963). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 776-803.



Duas vertentes clínicas: sintoma e fantasia

Heloísa Mamede Silva Gonzaga¹

Resumo: O presente trabalho traz considerações sobre duas vertentes clínicas: sintoma e fantasia, situando-as como uma questão fundamental na escuta analítica. Considera-se, também, o lugar ocupado pelo desejo do analista e a dimensão ética da psicanálise, visto que através desse desejo situado além de um discurso terapêutico é que se opera a direção do tratamento. Evidencia-se que o sintoma, sendo uma formação do inconsciente, apresenta-se ao sujeito como um enigma demandando interpretação, o que faz com que Lacan o coloque no início da análise. A fantasia por ser velada, sendo a consequência do retorno do recalado que se apresenta como um enodamento entre significante e gozo, é um ponto de resistência na direção da cura. Dos diferentes aspectos sobre sintoma e fantasia, elaborados neste trabalho, chega-se à conclusão de que a simplificação da fantasia, através do tratamento analítico, aponta um

1 Psicanalista. Membro da Escola Freudiana de Belo Horizonte – EFBH/Iepsi.

caminho em direção à fantasia fundamental como sendo um ponto limite da análise.

Palavras-chave: Sintoma. Fantasia. Desejo do analista. Ética. Axioma fantasmático. Fantasia fundamental.

Reveste-se de grande importância, o fato de que a clínica psicanalítica se faz sobre transferência, sendo fundamental a questão ética. A ética, nós sabemos, consiste em ter um juízo sobre nossas ações. Derivada do grego, a palavra significa “modo de ser”. Distingue-se da moral que se fundamenta na obediência às normas, costumes ou mandamentos culturais. Partindo desse pressuposto, uma questão se coloca: o que seria a ética da psicanálise e qual a sua importância na direção do tratamento analítico?

A ética da análise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação, do que chamo de serviço dos bens. Ela implica propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida. É na dimensão trágica que as ações se inscrevem, e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores (LACAN, 1959-1960, p. 366).

Em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, Lacan sustenta essa questão fundamental: o lugar ocupado pelo desejo do analista e a dimensão ética da psicanálise.

É realmente na relação com o ser que o analista tem de assumir seu nível operatório, e as chances que para esse fim lhe oferece a análise didática não devem ser calculadas apenas

em função do problema supostamente já resolvido pelo analista que o guia nela. Há desventuras do ser que a prudência dos colégios e o falso pudor que garante as dominações não ousam suprimir deles mesmos. Cabe formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do desejo do analista (LACAN, 1966, p. 621).

Através dessa mesma premissa no texto “Os paradoxos da ética”, inserido em “O Seminário 7: a ética da psicanálise, ele questiona: “Agiste conforme o desejo que te habita?” (LACAN, 1959-1960, p. 367).

Podemos argumentar que a acentuação desse desejo do analista produz uma articulação em direção a uma prática psicanalítica que se situa além de um discurso terapêutico médico. Circulando em torno desse desejo, existe uma pergunta: o que queres obter? Pergunta fundamental, pois se envolve no ponto em que a análise realmente começa e que mostra certa subversão, na medida em que o analista aponta ao analisante um ir além do bem-estar, o que implica, de certa forma, se situar fora dos padrões sociais.

Nesse ponto, articulamos o nosso trabalho a partir de duas publicações de Jacques-Alain Miller, denominadas respectivamente: “Percurso de Lacan: uma introdução”, de 1987, e “Conferencias porteñas: desde Lacan”, tomo I, de 2009.

Nessas publicações, insere-se o texto “Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia”, em que Miller (1983) desenvolve argumentos em torno de duas vertentes clínicas:

sintoma e fantasia, visto que, segundo ele, o tema se torna fundamental não só para a clínica, mas também para as teorias psicanalíticas. Além desse fato, ele cita que através dessas duas vertentes pode-se demonstrar a importância clínica do matema de Lacan que se escreve como \mathcal{A} .

Como resultante de nossa leitura da abordagem de Miller sobre esse tema, inferimos que sintoma e fantasia se diferenciam sob dois aspectos: prazer e desprazer. O paciente “diz” do seu sintoma que lhe causa desconforto e sofrimento, reservando para si o prazer da fantasia, seu tesouro oculto, sua propriedade mais íntima, um lugar reservado onde ele se esconde, por assim dizer, do seu sintoma. Miller (1983) coloca a fantasia sendo uma máquina para transformar o gozo em prazer, do que se deduz que a fantasia limita o gozo.

A fantasia neurótica, ao contrário do sintoma que apresenta o sujeito em seu sofrimento, mostra a sua face perversa, contrapondo os valores morais de cada um, o que traz vergonha e desvalorização. Miller traz, como exemplo, mulheres feministas que produzem fantasias masoquistas com as quais essas pacientes não conseguem articular-se. Lacan, em “O Seminário 7: a ética da psicanálise”, de 1959-1960, justifica essa perversão através da prevalência da dimensão imaginária, carregada de erotismo da fantasia a qual ele denomina “o molde da perversão”, a saber, a valorização de uma imagem que se imobiliza em um determinado instante e que se diferencia de sujeito a sujeito.

Por ser oculta, a fantasia apresenta-se ao paciente com inúmeras faces e personagens diferentes, como se fosse um “teatro de variedades” em que os atores se deslocam em papéis variados. Lacan refere a essa dimensão como sendo “a selva imaginária da fantasia” (LACAN, 1963, p. 786). Podemos deduzir, então, que o trabalho do analista, produzindo uma decantação da fantasia, promove uma disjunção entre o sentido e o gozo, uma destituição subjetiva, um novo enodamento em busca de uma singularização, que tem, como produto final, o limite da análise, ou seja, a fantasia fundamental.

Freud afirma que

há um recalque originário que não é um conteúdo ou coisa que não se possa dizer, mas sim que haverá sempre mais um recalque. Sempre haverá mais um significante que possa advir. (FREUD, 1926, p. 150).

O fim da análise seria, portanto, uma mudança na configuração da relação do sujeito com essa fantasia fundamental.

Em relação à fantasia, deduzimos que seria a manifestação de duas vertentes que se complementam, a saber: a manifestação do desejo do Outro e, ao mesmo tempo, de uma falta no campo do significante. Ou seja, o sujeito aparece como objeto do gozo do Outro recuperado sob a forma de mais-de-gozar. Como sabemos, a descoberta do gozo sexual pela criança está presente na sua primeira relação com o Outro materno em que a criança é gozada, sendo essa fase importante na constituição do sujeito.

A maneira pela qual essa experiência primária de passividade sexual é retomada, remanejada na fantasia, lembrada no recalque e retorno do recalcado vai determinar a escolha da neurose. Na histérica, o esquema do recalque permanece paralelo ao sentido do trauma: o insuportável é a posição passiva, a posição de objeto entregue ao gozo do Outro (ANDRÉ, 1986, p. 88).

A consequência desse retorno do recalcado na forma de um enodamento entre significante e gozo, produzindo a fantasia, é a formação de uma resistência durante o processo analítico. O vencer essa resistência não é acessível ao paciente, pois ela é situada no lugar do Outro. Sendo \bar{A} o desejo do Outro, Lacan articula esse \bar{A} como uma escritura única com duas significações, a saber: a primeira é o desejo do Outro, e a segunda é a manifestação de uma falta no campo do significante. Esse conceito lacaniano nos leva à questão da fantasia ($\$ \diamond a$), por ser esta a manifestação do desejo do Outro perante uma falta no campo do significante. Podemos corroborar essa afirmativa lacaniana com a citação de Freud (1919, p. 199) que diz:

O médico analista é obrigado a admitir para si próprio que, em grande medida, essas fantasias subsistem à parte do resto do conteúdo de uma neurose e não encontram lugar adequado na sua estrutura.

Essa afirmativa freudiana implica, então, em uma resistência que é exatamente a posição no lugar do Outro, mostrando um ponto de falta no significante; em consequência, se a fantasia mantém-se à parte do conteúdo da neurose, torna-se necessária a sua construção em análise.

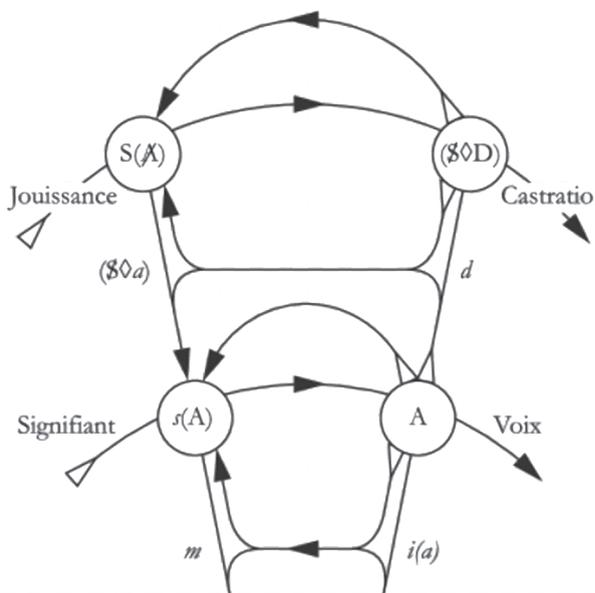
Por ser velada e se colocar como fator de produção da resistência do analisante, o trabalho do analista, durante o processo terapêutico, na direção da cura, tem como foco principal a revelação da fantasia. Para se situar como tal, é necessário levar em consideração a sua problemática nas seguintes dimensões: dimensão imaginária – imagens, personagens etc. –, dimensão simbólica que só aparece após a simplificação do aspecto imaginário e, finalmente, a dimensão real em que Lacan situa a fantasia como um “axioma segundo o qual o real é impossível” (MILLER, 1983, p. 113). Ou seja, conseguir a modificação da relação do sujeito com o real da fantasia.

Quanto ao sintoma, sendo uma formação do inconsciente, se apresenta como um enigma, demandando interpretação, mas o sujeito do significante que apresenta seu sintoma, na verdade não tem lugar. Ele se move com o significante, sendo a sua localização sempre equivocada. O que faz com que Lacan coloque o sujeito suposto saber no início da análise. Freud, no texto: “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”, considerando a natureza dos sintomas histéricos, mostra, primeiramente, que “os sintomas histéricos são, como outras estruturas psíquicas, uma expressão da realização de um desejo”, e, também, que “os sintomas histéricos são a realização de uma fantasia inconsciente que serve à realização desse desejo” (FREUD, 1908, p. 151). Assim, para Freud, a fantasia aparece como precursor imediato do sintoma num sentido de causalidade.

No entanto, essa teoria freudiana não distingue entre o imaginário e o simbólico. Para Lacan (1953), o sintoma se

situa como uma formação simbólica, “significante de um significado recalcado da consciência do sujeito”, enquanto a fantasia aparece em uma dimensão imaginária. A fantasia entra em cena, fazendo a articulação entre a dimensão simbólica e a dimensão real, por meio da dimensão imaginária. Como situar a questão da causalidade, ou seja, a prevalência do simbólico sobre o imaginário?

A articulação sintoma e fantasia implica o sujeito como sujeito do significante. Em outras palavras, está implicado um elemento que vem do nível simbólico. Para explicar esse fato, Lacan recorre não só à topologia na figura do *cross-cap*, mostrando através dela que há uma possível vinculação entre dois elementos de estruturas diferentes, mas também através do grafo que articula o sintoma como determinado pela fantasia.



Podemos observar que logo abaixo de $S(\mathcal{A})$ (sendo \mathcal{A} o ponto de desejo do Outro) situa-se a fantasia como resposta a esse desejo, que permanece, assim, oculto. A fantasia se faz de real, e ao mesmo tempo determina o real, velando-o. A posição de $s(\mathcal{A})$, que é uma forma de expressão do sintoma, nos permite deduzir que o grafo articula o sintoma como determinado pela fantasia.

Podemos conceituar a fantasia conforme a seguinte citação de Lacan:

Então essa função da fantasia, aproximemo-la. E inicialmente para nos apercebermos, dizer simplesmente como o início mesmo de nossa questão, é uma coisa que salta aos olhos, que é algo fechado que se apresenta para nós, em nossa experiência como uma significação fechada para os sujeitos que habitualmente, suportam-na para nós, a saber, os neuróticos. (LACAN, 1966-1967, p. 415).

A fantasia em Lacan é, portanto, uma significação fechada, absoluta, que se encerra em si própria, não sendo possível deduzi-la porque não há mais o que se dizer. Através desse conceito, Lacan a coloca sendo função de axioma, apresentando-se como “germe” da formação de sintomas. Essa colocação situa-se, também, na teorização freudiana relativa à fantasia.

Mas, Miller (1987) questionando a citação de Freud, de 1919, referente ao fato que a fantasia permanece apartada do conteúdo de uma neurose, diz:

Como entender então o que Freud diz que a fantasia não tem lugar na estrutura neurótica, mas que, no entanto está

ligada a ela? Pela via da ideia de Lacan, a saber, de que a fantasia está ligada à estrutura neurótica da mesma forma que o axioma está ligado ao resto dedutivo de um sistema lógico. (MILLER, 1987, p. 135).

Devido, portanto, à própria definição de axioma, podemos dizer que o axioma fantasmático é uma criação significativa.

A simplificação da fantasia, tida por Lacan como um axioma, é mostrada como um caminho em direção à significação absoluta, isto é, a fantasia fundamental, a qual pode-se considerar como um ponto limite da análise, limite esse onde se encontra a construção da estrutura constituída pelo sujeito perante o real da castração. Ou seja, permite a passagem do sujeito de uma dimensão simbólica para a dimensão real.

Abstract: The present work brings considerations on two clinical aspects, symptom and fantasy, placing them as a fundamental issue in psychoanalytic listening. It is also considered the place occupied by the analyst's desire and the ethical dimension of psychoanalysis, since it is through this desire, situated beyond the therapeutic discourse, that the direction of treatment is operated. It is evident that the symptom, being a formation of the unconscious, presents itself to the subject as an enigma demanding interpretation, which makes Lacan put it at the beginning of the analysis. The fantasy of being veiled, being the consequence of

the return of the repressed that presents itself as a connection between signifier and jouissance, is a point of resistance in the direction of healing. From the different aspects about symptom and fantasy elaborated in this work, it is concluded that the simplicity of fantasy through analytical treatment, points a path toward fundamental fantasy as being a limit point of analysis.

Keywords: Symptom. Fantasy. Analyst's Desire. Ethica. Phantasmatic Axiom. Fundamental Fantasy.

Referências

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FREUD, Sigmund. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: _____. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 149-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 153-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 195-218. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma* (1966-1967). Traduzido e publicado pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife, a partir da versão da Associação Lacaniana Internacional. Recife: 2008.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 238-324.

MILLER, Jacques-Alain. Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia (1983). In: _____. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 93-149.

MILLER, Jacques-Alain. Dos dimensiones clinicas: sintoma e fantasma (1983). In: _____. *Conferencias Porteñas: desde Lacan. Tomo 1*. Buenos Aires: Paidós, 2009. p. 65-114.

Obra consultada

LACAN, Jacques. Kant com Sade (1963). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 776-803.



O trauma e os sonhos de pandemia

André Gil Alcon Cabral¹

Aline Accioly Sieiro²

Resumo: Este escrito partiu da escuta de sonhos dos brasileiros durante o período de confinamento causado pela Covid-19. No projeto “Sonhos confinados” percebemos que a palavra “Casa” foi aquela que mais se apresentou nos relatos dos sonhadores. Retomamos a teoria psicanalítica de Freud e Lacan, buscando interpretar as razões para o aparecimento desse significante. Para além da busca do sentido, trata-se de compreender como o retorno do sonho pode trazer o caminho para a realização do desejo e a repetição da pulsão. Buscando localizar duas possíveis compreensões do anímico para a teoria psicanalítica, permitimo-nos ir além do sonho como realização ou simbolização do real, mas principalmente tomá-lo como um caminho frente à invenção.

-
- 1 Psicanalista. Doutorando em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Autor do livro *Os Édipos na letra* de Jacques Lacan, editora Zagodoni (2021). Cel. (34) 98872-0297 – cabral.afga@gmail.com
 - 2 Psicanalista. Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Membro fundadora da Haeresis Associação de Psicanálise (HAP) – alinesieiro@gmail.com

Palavras-Chave: Covid. Sonhos. Pandemia. Psicanálise.

O ano é 2064. O inimigo invade a parte central da China. O governo chinês age com rapidez, mas os invasores chegam também à Europa e aos Estados Unidos. O presidente da França solicita à população que se prepare para enfrentar uma guerra. Menciona uma batalha a ser travada contra um inimigo comum à raça humana. As ruas ficam desertas. A sensação é de que a grande noite chegou repleta de caos e desespero. A guerra se alastra pelo mundo. Mais ao sul do hemisfério, cadáveres são deixados nas ruas e queimados em praças. Não há tumbas, caixões ou valas suficientes para depositar os restos gerados pela guerra. O Brasil registra suas primeiras duzentas mortes. Os números aumentam galopantemente, aproximando-se dos vinte mil mortos. Escuta-se um estouro a poucos metros. Um grande clarão precipita à escuridão observada pela janela. Do lado de fora, o carro de polícia passa vagarosamente pelas ruas, anunciando o toque de recolher. Após ininterruptos flashes, a televisão apaga. A falta de energia deixa Poliana e os seus vizinhos sem luz, interrompendo a compulsão incessante trazida pela distopia presente na trama de zumbis. O apagão foi um alívio para ela, que não se desligava da trágica encenação do mortífero. A garota se sentia cansada demais para acompanhar a cansativa batalha entre mortos e vivos.

Afastando-se das impressões causadas pela tela, Poliana se lembra que retornou ao lar com o intuito de permanecer com os progenitores durante o confinamento. Trata-se de uma

pandemia causada pela Covid-19. O Brasil alcançou seus quarenta mil mortos em meados de junho de 2020. Poliana então percebe que a realidade se tornou mais fantasiosa do que a ficção presente na série que acompanhava pela televisão. Ao dormir, a garota sonhou que estava em casa com Covid. Poliana teme o risco de transmissão para os pais. Sente-se aterrorizada pela situação vivida.

Meu último sonho lembro vagorosamente que estava apresentando sintomas da Covid-19. E lembro que estava sentindo a angústia de ter que me isolar da minha própria família para não ter que infectá-la. A sensação da morte estar próxima também foi algo que me marcou no sonho. (Poliana)³

O sonho acima foi um entre os inúmeros sonhos de brasileiros coletados pelo projeto “Sonhos confinados”.⁴ Sonhos como os de Poliana foram e são comuns nos dias de confinamento que vivemos desde março de 2020. Frente ao

3 Não se trata de uma citação direta de texto publicado, mas de excerto das narrativas de sonhos do projeto “Sonhos confinados”. Modificamos os nomes para que não fosse feita a identificação do sonhador. Apenas os trechos com recuo são referentes aos relatos dos sonhadores. A introdução deste trabalho e do sonho de Poliana refere-se a uma ficção.

4 Projeto coordenado pelo professor Gilson Iannini da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho foi realizado por diversos alunos da pós-graduação do departamento de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além disso, pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a coordenação da professora Dra. Carla Rodrigues, participaram da escuta e debate dos sonhos. Os sonhos foram cedidos por seus sonhadores para que fossem utilizados e interpretados pela pesquisa “Sonhos confinados”. Esse trabalho possui autoria de André Cabral e Aline Sieiro, sendo da responsabilidade desses autores a interpretação de conteúdos aqui apresentados.

embaraço de uma realidade que se torna mais ficcional do que a dramaturgia, comentaremos os efeitos desta distopia, buscando compreender suas implicações nos sonhos. Começamos pela abordagem do trauma.

O trauma e a “Casa” no animismo infantil

A palavra trauma vem do termo grego *traumatōs*, cujo significado é semelhante ou relativo à ferida. Empregado inicialmente pela medicina, à perspectiva de uma lesão, como o descobrimento da epiderme, não passou despercebido a Freud (1895), que utilizou o termo para mencionar a ferida narcísica do Eu. No “Projeto para uma psicologia científica”, o trauma foi compreendido como um acontecimento disruptivo à consciência na medida em que a realidade invade o sujeito sem que ele possa elaborá-la adequadamente.

Freud, teorizando sobre o inconsciente, falava de dois núcleos patogênicos e traumáticos: o sexo e a morte. Hoje, sabemos que o sexo e a morte não são um conteúdo em si, mas os modos de nomear o real, como afirmou Lacan. O real do sexual se inscreve sempre cedo ou tarde demais, sem que o sujeito possa reagir afetivamente à ameaça produzida pela realidade. O real da morte, o que dela não se pode elaborar, também se mostrou traumático aos homens.

Retomando as três formas principais de sofrimento humano, segundo Freud (1930), a ameaça pandêmica, trazida pela Covid, pode ser relacionada com todas as três: a partir do próprio corpo, destinado à dissolução; a partir do mundo

externo, como uma força poderosa e destruidora; e a partir das relações com os outros seres humanos. Frente à não elaboração de um real abrupto ao sujeito, o trauma surge nos sintomas da vida diurna, mas também nos sonhos da vida noturna. A morte passa, portanto, a se apresentar de maneira impetuosa na vida e nos sonhos traumáticos.

Tenho sonhado com pessoas que morreram – minha mãe, meu pai e minha irmã. Noite passada, sonhei que a minha mãe me chamava, gritando meu nome. Acordei com o coração acelerado. Esta noite, sonhei que um primo, que é quase como um irmão, havia morrido subitamente e eu recebi um comunicado. Fiquei sabendo que outra pessoa havia morrido subitamente também, um amigo. Ninguém sabia me dizer a razão das mortes, foi quase como se eles tivessem desaparecido.
(Berenice)

O que dizer da presença do trauma nos sonhos? No livro “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900) dissertou sobre os conteúdos oníricos que traziam claramente a realização de um desejo, mas também se ateu aos sonhos de angústia ou sonhos traumáticos. Freud apresentou um sonho em que um pai, na noite em que aguardava o sepultamento do filho, sonhou que o filho aparecia em chamas, dizendo: – *Pai, não vês que estou queimando?* Nesse instante, o progenitor acordou e percebeu que a antessala, onde o corpo do rebento se encontrava, denunciava certo clarão às pálpebras do sonhador. Ao se dirigir ao local, esse pai observou que o ancião, que cuidava do corpo de seu filho, dormia, e

que, logo em seguida, uma vela caiu sobre as roupas que trajavam o cadáver. Esse sonho paradoxal, apesar de ser considerado um sonho de angústia ou traumatizante, representou igualmente a realização do desejo na medida em que esse pai sonhou com o filho que ainda estaria vivo.

Assim, os sonhos denunciam de modo enigmático, ou melhor, condensados e deslocados, a realização disfarçada de um desejo recalçado. Trata-se de uma espécie de catarse narcísica uma vez que a fantasia infantil recobre a realidade ordinária da consciência – aquela propiciada pelo avanço e maturação da realidade pela entrada do recalque. Vemos que os desejos anímicos regem o psiquismo, buscando tamponar as feridas narcísicas. O retorno do anímico não visa mais do que a tentativa de restituir narcisicamente a fenda aberta pela castração – uma espécie de colagem narcísica do Eu tendo em vista que a fantasia infantil ou o animismo recobrem as cisões produzidas pela apresentação e subjetivação da morte.

Temos, portanto, um animismo que se refere ao tamponamento da cisão narcísica “exatamente na medida em que confere ao eu poderes mágicos, onde os desejos permitem dominar [...] e controlar a realidade pela força dos pensamentos” (CABRAL, 2020, p. 172). A crença no pensamento foi salientada por Freud (1913) como um pensamento primitivo, que permitiria à criança – em analogia aos povos primitivos – compreender a realidade a partir dos desejos. Freud descreve o caso em que alguns indivíduos mentalizam o desejo de que chova como se o “querer” pudesse

alterar a realidade ordinária e o tempo, confrontando as leis da física e da ciência. O mesmo é observado em relação a uma criança, que pode olhar para seu carrinho acreditando que seu pensamento desejoso possa lhe dar vida e movimento. Ou ainda que o Deus-pai possa proteger seus filhos das intempéries da natureza. O retorno do desejo recalçado, o anímico, neste caso, “representa a deflação da realidade concreta na medida em que o sujeito organiza imaginariamente a realidade ao seu modo” (CABRAL, 2020, p. 172). Por isso, Dunker (2019) menciona que o “animismo narcísico seria especialmente refratário a admitir a realidade simbólica de certos eventos tais como a comunalidade e a mortalidade.” (DUNKER, 2019, p. 209).

Cabe, assim, questionar se tal onipotência do desejo infantil pode ser observada nos sonhos de confinamento. Nos sonhos relatados, grande parte dos sonhadores apresentaram conteúdos nos quais retornavam à cidade de origem, ao lar, à casa dos pais, como se houvesse aí a segurança primitiva encontrada no animismo da criança. De modo análogo, pode-se dizer que a “Casa” encontra-se muito próxima dos desejos de onipotência vividos pela criança na infância, sendo extremamente difícil ao sujeito abdicar desse lugar frente à castração e à morte.

Sonhei que diversas pessoas – parecia “Walking Dead” – tentavam entrar pelos muros das casas, mas não conseguiam. Eu me sentia muito segura dentro de casa, inatingível. (Murilo)

No entanto, será que podemos efetivamente mencionar a “Casa” como um lugar que representa a realização do desejo como recobrimento ou sutura das feridas narcísicas nos sonhos de pandemia? “Casa” mostrou-se como a principal palavra dos conteúdos oníricos coletados pela pesquisa nos primeiros meses de confinamento, causado pela Covid. Não a casa no sentido de uma construção ou imóvel, mas o significante “Casa” ligado a significação de “lar”. Notamos que alguns sonhos parecem revelar a ruína de uma casa como a presença de um baluarte para o sujeito.

Tive um sonho, alguns dias anteriores, após esta pesquisa. O sonho relata a morte da minha colega, na minha presença, onde nós estávamos tentando fugir pelo telhado da minha casa, devido a um desastre natural, lavas de vulcões. Desta forma, a mesma não conseguiu sobreviver por causa da altura da queda, onde o telhado não conseguiu sustentar o peso e, com isso, todos da minha família tentaram socorrer essa minha colega. E eu chorava bastante, lamentando a morte. [...] o sonho foi apavorante e após acordar, houve um alívio que era apenas um sonho, mas também tive um sentimento de tristeza e medo que acontecesse de fato. (Luíza)

Para interpretarmos o caráter apavorante dos sonhos, retomemos a história e seus desdobramentos sobre a psicanálise de Freud.

O declínio da razão e o infamiliar

Em 1914, o conflito bélico chegou ao continente europeu, trazendo devastação e morte à população. A noção de traumático nunca foi tão cara a Freud que, ao receber ex-combatentes da primeira grande guerra, deparou-se com as neuroses de guerra e os sonhos traumáticos. Chaves (2019) salienta que Freud teria se deparado com um novo objeto de estudo. Seu estudo e escuta foi se “deslocando” das pacientes histéricas para a escuta dos ex-combatentes. Essa mudança permitiu que ele recolhesse os primeiros relatos durante e após a guerra. Inúmeros pacientes relataram sonhar com o conflito bélico, o que levou o psicanalista a problematizar a interpretação anterior de que os sonhos seriam o caminho para a realização do desejo. As reminiscências já não mais diziam de um desejo sexual proibido, prazeroso ao inconsciente e desprazeroso à consciência, mas da pura repetição do desprazer.

Como ressalta Chaves (2019), após a primeira grande guerra, Freud se deparou com uma ciência que, ao contrário de trazer a razão como possibilidade de interdição dos desejos primitivos – animismo infantil –, maturando a realidade objetiva e ordinária, acabou por sofisticar o modo como os homens poderiam se matar. A guerra, que começou com cavalos puxando armamentos, foi se transformando a ponto de se encerrar como uma guerra de gases. Como efeito, trata-se não tanto de citar a oposição da ciência ao primitivo, mas do endossamento à morte pela própria ciência. Junto à guerra, a gripe espanhola se alastrou pelo território

alemão, levando a filha de Freud, Sophie, à morte. Aqui, permitimo-nos retomar o sonho de um pai que viu seu filho em chamas para dizer que Freud tornou-se, ele próprio, aquele a observar Sophie queimando pela infecção viral trazida pela pandemia. Ao que tudo indica, a crença na razão e no período iluminista encontrou em Freud o início de sua derrocada.

Naquele mesmo período, Freud (1919) publicou o escrito intitulado *Das Unheimliche* como modo de reformular a noção do traumático pelo conceito de infamiliar. Freud se interessou sobretudo pelo efeito literário do conto “Homem da Areia” (HOFFMANN, 1815), no qual a realidade e a ficção se tornam indistintos. Afinal, não foi esse o cenário vivido pelo psicanalista austríaco ao atravessar a grande guerra e a pandemia no início do século passado? Ele se tornou o próprio leitor que acreditou lidar com a realidade ordinária, mas, à medida que a trama avançava, foi gradativamente levado à percepção de que se tratava de uma realidade outra, mais próxima da fantasia e da ficção. Portanto, na medida em que “as fronteiras entre fantasia e realidade são apagadas, [...] algo real, considerado como fantástico, surge diante de nós” (FREUD, 1919, p. 93). Diante da supressão das fronteiras entre a ficção e a realidade, o psicanalista retomou o sentimento de terror e de horror causado pelo infamiliar.

Tal sentimento de horror nos é particularmente comum uma vez que vivemos os efeitos da pandemia trazida pela Covid-19. Ruas desertas, corpos jogados nas ruas,

peças infectadas por um vírus altamente contagioso e letal, situações que se assemelham mais à literatura ou à cinematografia do que propriamente à “vida ordinária que nos habituamos”. Nesta supressão entre as fronteiras da realidade e a ficção, o sujeito passa a se deparar com os efeitos de um infamiliar aterrorizante visto que é a própria realidade, adulta e científica, que cai por terra. Tomemos o sonho de Amanda.

O mar invadia minha cidade (que é distante do litoral), com ondas gigantes se formando e tomando conta das ruas. Eu fugia com minha mãe, falando pra ela mergulhar quando a onda chegasse até nós. Mas acordei antes disso. (Amanda)

É uma catástrofe frente à realidade conhecida pelo sujeito que faz surgir o real e o traumático. Deste modo, acendemos a principal função dos sonhos traumáticos para Freud (1920): “não tanto a realização de um desejo recalcado, mas a possibilidade de domar, processar o real. O sonho traumático aparece como repetição necessária para ‘reencontrar a identidade’” (FREUD, 1920, p. 159). Todavia, ainda que Freud (1937) mencione a domaçaõ da pulsão no escrito “Análise finita e infinita”, tal afirmativa deve ser tomada com cautela. Pela repetição dos sonhos traumáticos, encontramos uma domaçaõ da pulsão, mas ela é sempre incompleta.

Marcel Ritter (1976) havia questionado Lacan sobre a possibilidade de pensar o real a partir de uma propriedade dos sonhos, o umbigo. O umbigo dos sonhos tem como caracte-

terística sua condição de irrepresentável, inominável, uma parte do recalçado inacessível, um ponto último irreduzível à simbolização. O seminarista relaciona o umbigo ao termo *Unerkannt* utilizado por Freud e traduzido por Lacan como “jamais reconhecido ou acessado”. Lacan (1976) responde a Ritter afirmando a existência de uma aproximação entre o não reconhecido *Unerkannt* e o primordial reprimido *Urverdrängt* na descrição do umbigo do sonho.

A partir do conceito freudiano de infamiliar, temos a presença de algo que nada se sabe (FREUD, 1919), mas não se trata do completo desconhecimento. Se quisermos relacionar os dois conceitos, “Infamiliar” e “Umbigo dos sonhos”, compreenderemos que o real deriva do próprio paradoxo inscrito na cadeia significativa do sujeito. Dessa antítese que a palavra *Unheimliche* impõe, extraímos um real que ultrapassa a oposição de sentidos, mas ao mesmo tempo vai além de um real qualquer desconhecido.

Dunker (2019) comenta o prefixo “Un” de *Unheimliche* para dizer que não se trata de pressupor nem a negação determinada, segundo a relação entre antônimos – familiar – nem da pura negação indeterminada, na qual não há valor correlacional, isto é, quando somente encontramos a pura indiferença e aleatoriedade entre os termos. “É por isso que a negação da familiaridade *heimlich* não corresponde nem ao estrangeiro, como negação positiva do familiar, nem ao estranho, como alheio ou indiferente” (DUNKER, 2019, p. 203). Assim, pelo *Unheimliche*, encontramos uma oposição parcial e não de toda alheia.

Para Lacan (1976), o umbigo do sonho é um furo que tem relação com o real, não sendo arbitrária a escolha do termo relacionado à função mesma de um umbigo. É de umbigo materno que se reproduziu um corte do cordão umbilical da placenta materna. É por ter nascido daquele determinado ventre que o sonhador se situa de certa maneira no campo simbólico, como excluído de sua própria origem. A escolha de Freud pelo termo, para nomear uma marca que surge no sonho como ponto de limite ao acesso pela linguagem, é uma forma de localizar a marca dessa exclusão cifrada no sonho. O umbigo é a representação de uma marca que o sujeito retém do ponto mesmo em que ele estava excluído, mas de onde pôde surgir um fio que será tecido de sua constituição subjetiva.

Se pensarmos o confinamento e a pandemia como um evento traumático, os sonhos de pandemia presentificam a tentativa do sonhador em produzir significações para o inominável desta vivência presente, a partir do retorno de significantes que remetem a experiências de nomeação originárias, como “Casa”. A Casa é familiar, mas é, ao mesmo tempo, outra, como disse a sonhadora quando se referiu ao quarto em que se encontrava nos sonhos:

O quarto é o mesmo, mas os lençóis, os travesseiros, as cortinas são outros. (Ana)

Logo, quando o sonhador se lança à narrativa dos acontecimentos traumáticos vividos no sonho, ele atualiza uma versão historicizante de sua lógica inconsciente em sua apresentação mitológica e fantasmática, mas algo excede

o familiar da sua própria morada. Aqui reencontramos a famigerada sentença de Freud: “o Eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917, p. 186).

O perspectivismo anímico e a invenção nos sonhos

1.000; 2.000; 50.000; 100.000; 200.000; 215.000 mortes < ...

Em 2021, ultrapassamos a marca de 215 mil mortos no Brasil, tornando-se essa uma realidade já conhecida no coletivo. Parte da cultura e da sociedade parece não reconhecer a morte trazida pela Covid. Basta observarmos a naturalização das mortes promovida por parcela da população e do governo. Essa naturalização não é estranha à própria dimensão do inconsciente e dos sonhos. A naturalização das mortes é também uma formação do inconsciente que busca pregar e identificar aquilo que emerge como novo, como o já conhecido termo, “novo normal”.

Freud compreendeu os sonhos traumáticos como uma tentativa do sujeito de produzir um anteparo à abertura do real, de modo que os sonhos correspondem à possibilidade de “reencontrar a identidade” (FREUD, 1920, p. 159) pela repetição incessante dos processos oníricos. Para o austríaco, a própria análise visa à evitação da repetição – ainda que não completamente possível. “Se lograrmos êxito, conseguiremos a tão necessária convicção do paciente e chegaremos ao sucesso terapêutico, que dela depende” (FREUD, 1920, p. 144-145).

Desse modo, o sonho só pôde assumir o lugar de realização do desejo “depois que o conjunto da vida psíquica tivesse incorporado [*angenommen*] o domínio do princípio de prazer” (FREUD, 1920, p. 156), permitindo que Freud reconciliasse a primeira teoria dos sonhos – como realização de um desejo – à segunda teoria dos sonhos, produzir identidades e simbolização. “Assim, não haveria contradição com a função posteriormente adquirida de proteger o sono” (FREUD, 1920, p. 156) pela realização do desejo.

O problema de tal concepção é que, para Freud, a compulsão à repetição se apresenta como limite à análise e à rememoração, cabendo ao analista, em seu sucesso, converter o real em rememoração. Naquele momento teórico, o psicanalista lidava com os aspectos mortíferos da pulsão na medida em que esta visa o retorno ao inanimado e ao nirvana, posição de gozo. Porém, a pulsão de morte em Freud pode ser compreendida para além da busca pelo vazio, da negação radical da realidade e da vida como movimento (condição semelhante ao negacionismo brasileiro frente à pandemia), sendo também aquela que deve se encontrar atrelada ao movimento e a transitividade – desejo.

No escrito “A ciência e a verdade”, Lacan (1966) se aproxima da pulsão de morte como possibilidade principalmente de pensarmos uma verdadeira heteronomia, na medida em que ela faz furo à consistência do Outro, predicável ou não. Diante da tentativa de normalização da morte, vale a aposta da psicanálise quanto a capacidade inventiva dos sujeitos para resistirem a formas mortíferas de apresen-

tação da realidade, colocando-se a trabalho pelos sonhos. Para nós, a partir da teoria freud-laciana, cabe pensar o real como uma fenda narcísica irreconciliável, que permite irmos além das identidades, predicativas ou não, alcançando assim um novo modo de existir. Lacan pôde retomar os efeitos da pulsão de morte – presentificada pelo objeto a – para a ciência de modo semelhante àquele empregado por Freud ao mencionar o Infamiliar no interior do pensamento científico.

A supressão das fronteiras corresponde ao “cancelamento da crença na realidade” (DUNKER, 2019, p. 211) normatizada e conhecida pela ciência. Tal cancelamento produz uma rasura na qual a realidade perde sua fixidez normativa dada pelo saber científico. Pelo cancelamento da norma, Freud encontra, “na incompletude provisória do saber científico” (DUNKER, 2019, p. 210), mais do que o não familiar de *Jentsch* – ainda que esse seja um não saber necessário para que se produza um vazio na episteme, vazio fundamental para que se retire a fixidez entre o saber científico e a realidade –, a abertura de possíveis novas realidades. A perda da fixidez ontológica da realidade é essencial para que possamos mencionar uma experiência “ontológica de indeterminação” (DUNKER, 2019, p. 200), o que mencionamos aqui como o perspectivismo anímico de Freud.

“O animismo, especialmente em sua forma perspectivista, baseia-se em um sistema de ontologias móveis ou também chamado de múltiplas naturezas” (DUNKER, 2019, p. 207). Assim, a diferença entre o retorno do anímico infantil

e retorno do anímico como infamiliar consiste exatamente na possibilidade de pensarmos esse real como novo. Para Dunker (2019):

Tudo se passa como se Freud estivesse admitindo a existência de ontologias variáveis, entre a ficção e o documentário, entre o mundo possível e o mundo necessário, sem fixar este último no critério ontológico da ciência. (DUNKER, 2019, p. 216).

É como no sonho de Pedro, em que o colapso dos mundos nos coloca diante de outros mundos, novas realidades e naturezas possíveis.

No começo do sonho era dia, estava acontecendo a quarentena e fui no mercado pra comprar algumas coisas, mas reparei que as pessoas estavam meio estranhas, mas segui pra casa depois, nisso o sonho cortou já pro período da noite, e eu tava cansado de fumar dentro de casa e saí pra andar na rua pra fumar e meus pais já estavam dormindo, só que quando eu saí, tinha várias pessoas saindo de casa como se estivessem fugindo de algo, voltei correndo pra casa e meus pais tinham acordado e falaram que sonharam que ia acontecer um colapso no mundo todo, que era uma coisa de dimensões e todos os mundos estavam em crise e só falaram que tinha que fugir mas não pra onde, que dentro de casa era perigoso, na hora veio uma imagem de vários portais se abrindo mostrando os outros mundos em crise, uns com desastres naturais, outros em guerra e nisso o sonho acabou. (Pedro)

Ainda que, na tentativa de domar o real pelas representações do inconsciente, o sonhador utilize de conteúdos já conhecidos – caracterizando o Umbigo –, referentes ao recalçado “Casa”, o infamiliar ultrapassa o seu sentido primitivo – anímico infantil recalçado –, permitindo que encontremos a invenção de novas realidades – múltiplas naturezas – pela pluralidade de “Nomes”. Constata-se a importância não apenas da rememoração ou repetição, mas da perlaboração pelos sonhos. Sonhos que, com Lacan, mostraram-se essenciais para o reconhecimento de algo novo, que cinda com as identificações, abrindo portais para uma realidade outra.

Resumen: Ese escrito partió de la escucha de sueños de los brasileños durante el período de confinamiento causado por Covid-19. En el Proyecto “Sueños Confinados” percibimos que la palabra “Casa” fue aquella que más se presentó en los relatos de los soñadores. Retomamos la teoría psicoanalítica de Freud y Lacan, buscando interpretar las razones para la aparición de este signifi-
cante. Más allá de la búsqueda del sentido, se trata de comprender cómo el retorno del sueño puede traer el camino para la realización del deseo y la repetición de la pulsión. Buscando localizar dos posibles comprensiones del anímico para la teoría psicoanalítica, nos permitimos ir más allá del sueño como realización o simbolización de lo real, pero principalmente tomarlo como un camino frente a la invención.

Palabras clave: Covid. Sueños. Pandemia. Psicoanálisis.

Referências

CABRAL, André. A pulsão em Freud e o barroco epistemológico. *Psicanálise & Barroco em revista*, Brasil, v. 18, ano III, n. 2, p. 162-189, dez. 2020. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/10771/9263>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CHAVES, Ernani. Perder-se em algo que parece plano. In: _____. IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (Orgs.). *O infamiliar [Das Unheimliche]* (FREUD, 1919), seguido do conto “O homem da areia” de E.T.A. Hoffmann (1815). Edição bilíngue comemorativa de 100 anos (1919-2019), com notas explicativas e ensaios complementares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p.153-172. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Animismo e indeterminação em “Das Unheimliche”. In: IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (Orgs.). *O infamiliar [Das Unheimliche]* (FREUD, 1919), seguido do conto “O homem da areia” de E. T. A. Hoffmann (1815). Edição bilíngue comemorativa de 100 anos (1919-2019), com notas explicativas e ensaios complementares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 199-218. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 303-374. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de

Janeiro: Imago, 2001. (Edição comemorativa 100 anos).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 02-114. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade em psicanálise (1917). In: _____. *História de uma neurose infantil – o homem dos lobos –*, além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 179-187. (Obras completas, v. 14).

FREUD, Sigmund. A análise finita e a infinita (1937). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 315-364. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, Sigmund. O infamiliar (1919). In: IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (Orgs.). *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-126. (Coleção obras incompletas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Luiz Alberto Hans (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 124-195. (Coleção obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago,

2006. p. 75-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1966). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869-892.

LACAN, Jacques. L'ombilic du rêve est un trou (1976). *La cause du désir: inquiétantes étrangetés*, Paris: L'école de la cause freudienne, n.102, 2019.

RITTER, Marcel. L'ombilic du rêve est un trou (1976). In: _____. *La cause du désir*, Paris: L'école de la cause freudienne, 2004/2021. Disponível em: <www.causefreudienne.net>. Acesso em : 16 mar. 2021.

Um passeio pelo campo da fantasia no texto freudiano

Suzana Márcia Dumont Braga¹

Resumo: Neste artigo a autora parte das primeiras publicações de Freud e faz um percurso pela sua obra com o objetivo de abordar a fantasia em diferentes momentos da construção do arcabouço teórico freudiano. Ela aponta diversas posturas de Freud sobre a fantasia, e suas relações com a verdade, o gozo, o princípio do prazer e além do princípio de prazer. Faz também considerações a respeito das elaborações de Freud sobre o tema e sua análise pessoal.

Palavras-chave: Fantasia. Verdade. Ficção. Princípio do prazer. Além do princípio de prazer. Realidade histórica. Realidade psíquica. Gozo.

Pretendo, neste trabalho, fazer um pequeno passeio por alguns textos de Freud para *a*-bordar a fantasia. Tomo, como ponto de partida, trechos da correspondência com Fliess, experiência que Octave Mannoni (1973) denomina “Análise original”, esta que teria sido o ponto zero de todas as outras

1 Psicanalista. Sócia da EFBH/iepsi. Doutora em Letras pela PUC-Minas. Tese defendida em 2005.

análises. Na leitura dessa correspondência, deparamos com o analisante Freud, que, naquele momento, elaborava algo em torno das questões cruciais da psicanálise, às quais irão retornar depois.

Segundo Mannoni (1973), a psicanálise se prende a um modo particular de transmissão, porque está intrinsecamente ligada à relação que o saber psicanalítico tem com o inconsciente. A psicanálise teria sido construída não só a partir dos desafios da clínica, mas também pelas questões da análise de Freud. Há um outro saber em jogo, carregado pelos avatares do desejo inconsciente.

Até 1897, Freud havia tomado o relato de sedução na infância por um agente paterno, feito por suas pacientes como causa do efeito traumático nas histéricas, uma vez que a criança seria desprovida de sexualidade. Havia experiências que não foram ab-reagidas e deveriam ser recordadas e revividas durante a hipnose. A verdade da neurose deveria ser procurada na realidade histórica.

Nos textos enviados a Fliess, redigidos em 1897, Freud fez importantes considerações sobre a fantasia. No “Rascunho L” e no “Rascunho M”, ele considera que, algumas vezes, só se pode ter acesso às cenas traumáticas através da fantasia. “O objetivo parece ser o de chegar às cenas primevas. Em alguns casos, isso se consegue diretamente, porém, em outros, por um caminho indireto, através das fantasias” (FREUD, 1897a, p. 268). Isso porque as fantasias seriam fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir

o acesso a essas recordações. Teriam uma função defensiva, uma vez que Freud está em busca da cena de sedução que teria ocorrido e deveria ser recordada. As fantasias serviriam para aprimorar as lembranças, porque seriam feitas de combinações entre coisas que foram experimentadas e/ou vistas e/ou ouvidas. E teriam sido construídas por um processo de amálgama e distorção, composição de fragmentos. Pode-se ler, aqui, o estatuto peculiar que a fantasia tem em relação à verdade. Seria ao mesmo tempo um processo de velamento e desvelamento (FREUD, 1897b).

Na famosa “Carta 69”, escrita em 25 de setembro de 1897, Freud comunica não acreditar mais em sua “neurótica” (FREUD, 1897c, p. 279). As cenas de sedução descritas pelos pacientes seriam fantasiosas, embora fossem tidas como verdadeiras para o analisante. Ou seja, ele passa a considerar que a realidade psíquica é diferente da realidade histórica. O estatuto da verdade, como um saber ligado à realidade factual, deixa de ter relevância. O princípio que rege o inconsciente é o do prazer, desconsiderando as restrições da realidade. Ao falar da cena de sedução infantil, a histérica poderia não ter sido vítima do abuso de um pai perverso, mas ser movida por um desejo de ser causa de desejo do pai.

Dez dias depois, em 3 de outubro de 1897, Freud admite sua posição pessoal na constelação edípica:

minha libido foi despertada para *matrem*, isto é, por ocasião de uma viagem com ela [...] durante a qual devemos ter pas-

sado a noite juntos e devo ter tido a oportunidade de vê-la *nudam*. (FREUD, 1897d, p. 282, grifo do autor).

As palavras *matrem* e *nudam* estão escritas em latim, língua mãe, que adquirem assim uma ênfase especial, ligadas a um saber arcaico.

A questão retorna em 15 de outubro de 1897:

Também no meu caso a paixão pela mãe e o ciúme do pai e, agora, considero isso um evento universal do início da infância [...] Sendo assim podemos entender a força avassaladora de *Oedipus rex*, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino (FREUD, 1897e, p. 285, grifo do autor).

Nesse momento, Freud dá à descoberta, ligada a sua análise pessoal, o estatuto de um saber sobre a verdade da condição humana: o desejo e sua interdição.

Note-se que essa elaboração da trama edípica está atrelada à “Carta 69”. Depara-se com a radicalidade do sexual e de como ele incide na criança em suas primeiras relações com o Outro. Freud só pode chegar à pulsão sexual a partir da descoberta do modo da fantasia operar. Só então tornou-se possível articular a noção de inconsciente que foi publicada pela primeira vez, na “A interpretação dos sonhos”, de 1900, assim como o conceito de pulsão que, apesar de ter sido intuído em 1897, será desenvolvido nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905.

Logo após 1905, Freud publica vários textos que têm como foco a fantasia e o seu modo de funcionamento, movido

pelo princípio do prazer. Fantasiar é a forma privilegiada de satisfação da pulsão e de ocultamento dos limites da castração. O tamponamento desses limites aparecem em “Escritores criativos e devaneios”, de 1908, em que Freud nos diz: “O homem não renuncia a nada, cria substitutos.” (FREUD, 1908, p. 151). A força produtora da fantasia é o desejo insatisfeito, falta que nos constitui. Desejo que pode enlaçar, via fantasia, passado, presente e futuro.

Em “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”, de 1908, a fantasia é vista como uma forma de burlar a radicalidade de diferença sexual. Elas constituem um bem íntimo, do qual as pessoas se envergonham. E o sintoma, neste caso, o ataque histérico, está atrelado à fantasia de poder gozar como mulher e como homem ao mesmo tempo.

“Sobre as teorias sexuais das crianças”, de 1908, é um texto em que as criações fantasiosas sobre a concepção e o parto se repetem em diferentes crianças e independem das informações que elas tenham recebido. Constituem uma tentativa de burlar a castração da mulher, ou seja, do feminino visto como falta e que não está inscrito no inconsciente.

Vale também se referir ao artigo “Romances familiares”, de 1909, em que é abordada a fantasia de ser filho de outros pais, como uma forma de negar a humanidade dos pais, mantendo-os sem falhas, não castrados, ou seja, de não barrar o Outro.

No texto, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, de 1911, Freud vai afirmar o domínio do princípio do prazer. Esforça-se por definir o estatuto do real e acaba concluindo que o princípio da realidade está a serviço do princípio do prazer.

Ele volta a essa questão em 1924; e afirma que, na neurose, a relação do sujeito com a realidade está mediada pela fantasia. A fantasia perturba o modo do neurótico ver a realidade. Nossa percepção de mundo está vestida pela fantasia.

Parte da “Conferência XXIII – os caminhos da formação dos sintomas”, de 1917, é dedicada à fantasia. Freud vai dizer que o tema da fantasia é surpreendente e indaga sobre a verdade que estaria ou não presente no relato dos pacientes. Destaca que a noção de “a posteriori” altera a noção de realidade, uma vez que o passado é constantemente ressignificado pelo presente. As fantasias estariam ligadas a nossa filogênese, apontariam para uma verdade pré-histórica, aquém da história de cada um. Compara-as às reservas naturais, apartadas da realidade, mas essenciais para manter as construções feitas pela civilização. Elas tornam a nossa sobrevivência possível diante das restrições inevitáveis da vida civilizada (FREUD, 1917).

Ao final desta conferência, Freud dá um lugar especial ao artista. São eles que conseguem, a partir da suspensão do recalque, enxugar os excessos pessoais e fazer da fantasia a fonte de seu trabalho de criação. Conseguem, através da fantasia, aquilo que buscam nela (FREUD, 1917).

Em 1920, Freud publica “Além do princípio de prazer”. A hipótese da pulsão de morte como sendo da ordem do irrepresentável faz com que voltemos às considerações feitas antes de outubro de 1897. A realidade psíquica, pensada como o campo das lembranças recalçadas, não é suficiente para responder as questões de uma análise. Há algo que faz parte dessa realidade, mas é exterior. O real entra nesse jogo e leva Freud a fazer novas considerações sobre a fantasia, referindo-se a cenas que jamais foram representadas.

Essas elaborações estão colocadas particularmente em “Uma Criança é espancada: uma contribuição ao estudo das perversões sexuais”, texto de Freud que, apesar de ter sido publicado em 1919, foi escrito antes da publicação de “Além do princípio de prazer”. O gozo está localizado além do princípio de prazer, e a fantasia é uma forma de lidar com ele. Nesse intrincado texto, Freud vai se referir a uma fantasia de gozo masoquista, ou seja, de submissão ao Outro, que jamais teria sido lembrada. Essa construção fantasmática está ligada às primeiras relações objetais, ao recalque originário. Ela é fundamental para conectar as fantasias que teriam sido trazidas pelos pacientes em outros momentos da análise. Freud refere-se a três cenas fantasiadas. Na primeira delas, o que está tematizado é o amor pelo pai, traduzido pela frase “o pai bate na criança” [...] rival que eu odeio [...] por isso ele me ama; na terceira cena aparece um gozo anônimo expresso na frase: “uma criança é batida”, provavelmente estou olhando [...] nada mais sei sobre isso. A fantasia construída, durante a análise, jamais

teria sido consciente e faria uma ligação entre a demanda de amor da primeira cena e entre o gozo anônimo da terceira. A segunda cena articula as outras duas e mostra os dois polos da fantasia, o do amor e o do gozo (JORGE, 2010). Na frase: “Sou batido pelo pai”, construída no processo analítico, o sujeito, num gozo masoquista, se coloca submetido ao Outro para ser amado por ele. Jorge (2010) publica uma esclarecedora análise sobre a clínica da fantasia. Afirma que a fantasia é construída em torno do polo do amor ou do gozo. O discurso amoroso, ao almejar fazer o Um, é uma tentativa de dar significado à relação sexual. E a forma de fisgar o Outro é supostamente se colocando como causa de seu desejo. É a fantasia que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo do Outro. Ela pretende resgatar uma completude supostamente perdida, uma tentativa de elisão da falta inerente à estrutura do ser falante. Na constituição do sujeito, há perda de gozo, e a fantasia pretende a recuperação dessa perda produzida pela castração. A fantasia é uma forma de operar com o gozo.

A fantasia fundamental que está na frase da segunda cena é uma espécie de denominador comum das fantasias que subjazem nos sintomas, por isso ela será construída e decantada durante o processo analítico. Sua travessia, inerente ao término da análise, irá incidir nos dois polos, tanto no desejo de fazer o Um pela via do amor, tornando inteiro o que é barrado por estrutura, quanto na insistência na existência da relação sexual do lado do gozo. No matema da fantasia, podemos identificar dois polos articulados: do lado do sujeito barrado está o sujeito do inconsciente,

constituído pela linguagem e por ela mesma barrado em sua completude. No outro lado, encontramos a , objeto causa do desejo, mas que, na fantasia, se inscreve como objeto mais de gozar. A fantasia transforma o gozo pretense absoluto num gozo articulável, gozo fálico. Apesar do desejo não ter objeto, a fantasia é suporte do desejo e o fixa numa relação estável e repetitiva com o objeto.

O que uma psicanálise propõe não é uma fixação no polo do amor nem no polo do gozo fálico. Visa o lugar do desejo, localizado no centro do matema da fantasia, desenhado através do sinal $\langle \rangle$, núcleo de falta, buraco a partir do qual se originou a fantasia, pretendendo tamponá-lo (JORGE, 2010).

Importante lembrar que a fantasia é uma espécie de tábua de salvação, mas é também uma prisão domiciliar. Para Jorge:

Pelo fato de ter salvado o sujeito da derrelição absoluta à qual estava fadado pela pulsão de morte, ele vai agarrar-se a ela com unhas e dentes – isso mantém uma relação com o que Freud chama de fixação. Agarramos a fantasia com tal intensidade que a tornamos o reduto mais importante da nossa vida e passamos a produzir uma série de sintomas que consistem na perpetuação nessa posição. (JORGE, 2010, p. 85).

Enfim podemos concluir que a “neurótica” não estava totalmente enganada. Em nosso passeio pelo campo da fantasia nos escritos de Freud, temos que voltar ao ponto de partida. Certamente, como em 1897, há um ponto de Real

na análise de Freud que parece estar em jogo em 1919 e permite novas elaborações. A realidade psíquica não é só significativa. Há algo que vem do Outro da linguagem, mas está fora do simbólico. É letra que marca, mas não se traduz. A estruturação do aparelho psíquico é incompleta por natureza, um resto está incluído em sua constituição. O que constitui o osso de uma análise só pode ser simbolizado pela via da construção. A fantasia α -borda, faz borda no Real. Ela revela uma verdade a que só se pode chegar pela via da ficção. Tomando de empréstimo as “palavras de Polônio”,² Freud diz assim: “nossa isca de falsidade pegou uma carpa de verdade.” (FREUD, 1938, p. 296). A aposta é que, no percurso da análise, se possa fazer um novo bordado, uma nova abordagem da fantasia.

Retornando e ampliando as considerações de Mannoni, a elaboração da teoria psicanalítica se faz também às custas dos efeitos do inconsciente de Freud, não só durante a correspondência com Fliess, mas ao longo de toda sua vida. Pode-se considerar o legado psicanalítico uma espécie de passe de Freud? Seriam essas considerações finais um trabalho de luto do Freud iluminista diante da impossibilidade de um saber todo? O que cai para Freud e se apresenta em seus textos sobre a questão da verdade?

2 Palavras de Polônio a Reinaldo (Hamlet, ato II, cena 1).

Abstract: In this article, the author starts from Freud's earliest publications, and goes through his work in order to approach fantasy at different moments in the construction of the Freudian theoretical framework, and points out the different postures of Freud in relation to fantasy, truth and fiction, fantasy and enjoyment, as well as fantasy and its relation to the pleasure principle and beyond the pleasure principle. It also takes into consideration Freud's theoretical formulations and his personal analysis.

Keywords: Phantasy. Truth. Ficción. Pleasure principle. Beyond pleasure principle. Enjoyment.

Referências

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). Rascunho L (1897a), Rascunho M (1897b), Carta 69 (1897c), Carta 70 (1897d), Carta 71 (1897e). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 243-300. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* – 1ª parte (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-237. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1908). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 147-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 161-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e*

outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 211-228. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 241-247. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: _____. *O caso Shereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 273-286. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Conferência XXIII – os caminhos da formação dos sintomas (1917). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Teoria geral das neuroses. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 419-439. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. Uma criança é batida (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 225-255. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-89. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1996). In: _____. *O ego e o id e outros*

trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 229-236. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Construções em análise (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 17-89. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Os dois polos da fantasia (Parte I: fantasia e pulsão sexual). In: _____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 2: clínica da fantasia, p. 74-95.

MANNONI, Octave. Análise original. In: _____. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 117-133.

Repetição: das lembranças traumáticas à pulsão de morte¹

Viviane Gambogi Cardoso²

Resumo: Este texto pretende mostrar como a repetição coloca em cena o “traumático”. Ela faz retornar o mesmo, um ponto traumático que nos assola, pela própria natureza das pulsões de sempre regressar ao mesmo lugar, ou seja, o retorno à morte. Seja pelas lembranças traumáticas e encoberidoras, seja por um passado atuado ou pela compulsão, a repetição é uma tentativa vã de apagar ou elaborar algo do qual não nos curamos, da pulsão de morte.

Palavras-chave: Repetição. Pulsão de morte. Trauma. Fantasia. Real.

A repetição é considerada um dos temas fundamentais da psicanálise desde Freud a Lacan. Sabemos que esse tema não é exclusivo ao campo psicanalítico, já que atravessa a história do pensamento ocidental desde a Antiguidade e ocupa um lugar fundamental nas questões humanas.

1 Este texto é parte de um artigo da autora intitulado: “A repetição ao final da análise”, publicado na Revista “*Vorstellung*” – ano 4 – n. 4, abril de 2001/2002 – GREP – Grupo de estudos psicanalíticos.

2 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

Além de sua importância teórica, a repetição é um tema eminentemente clínico, que nos auxilia na trajetória da constituição do sujeito e na direção do tratamento.

Na obra de Freud, vamos encontrá-la de forma mais explícita em seus “Artigos sobre a técnica”, de 1912-1914, especificamente, em “A dinâmica da transferência”, de 1912, e “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914; em “O Estranho”, de 1919, e em “Além do princípio de prazer”, de 1920. O reconhecimento de seu estatuto de conceito ganha relevo com Lacan ao incluí-lo em “O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, de 1964, evidenciando sua estreita relação com os demais conceitos: “o ponto de tropeço do inconsciente, o pivô da transferência e o próprio princípio da pulsão.” (CHEMAMA, 1995, p. 190). Segundo Chemama:

[...] nas representações do sujeito, em seu discurso, em suas condutas, em seus atos ou nas situações em que vive, faz com que algo volte continuamente, na maior parte das vezes sem que o saiba [...] Esse retorno do mesmo e essa insistência logo assumem um aspecto compulsivo, em geral, surgindo sob a forma de um automatismo de repetição, que habitualmente se traduz a formulação freudiana original *Wiederholungszwang*, obrigação de repetição. (CHEMAMA, 1995, p. 190, grifo do autor).

Lúcia Grossi dos Santos, em seu livro “O conceito de repetição em Freud”, fez um extenso estudo sobre a repetição, e pôde verificar a evolução do conceito em três momentos da obra de Freud: em sua relação com a memória, com a transferência e com a pulsão. No presente artigo, preten-

do seguir seus passos para a compreensão da relação da repetição com o traumático. Por que se repete o que é da ordem do traumático e do que se quer esquecer? De que forma podemos verificar, na clínica, algo de novo na repetição para fazer o sujeito se movimentar, sair do sofrimento?

Das lembranças traumáticas às lembranças encobridoras – fantasia

No primeiro momento, que abrange o período entre 1892 a 1899, as formulações sobre a memória nos remete a três noções fundamentais para pensar a repetição: o trauma, o desejo e a fantasia. Noções estas ligadas à construção da hipótese do inconsciente. Esse foi um período fértil tanto na evolução da clínica quanto na evolução teórica. A técnica psicanalítica sofreu alterações que promoveram grandes consequências para sua teoria.

Inicialmente, o método usado era a catarse de Breuer, que consistia em auxiliar o paciente a recordar o momento em que o sintoma se formava, provocando a ab-reação do afeto a ele ligado, ou seja, uma reação posterior ao acontecimento que havia provocado o excesso de excitação psíquica. O recordar dependia do artifício da hipnose, que trazia à tona lembranças consideradas traumáticas. Ao analista cabia descobrir o material recalçado e comunicá-lo ao paciente oportunamente.

Charcot foi quem utilizou o termo “traumática” para classificar um tipo de histeria cujos sintomas se assemelhavam aos daqueles que sofriam um trauma mecânico, resulta-

do de um acidente. A sugestão hipnótica foi proposta no tratamento das histéricas, sendo equivalente a um trauma mecânico e utilizada para provocar sintomas análogos ao da histeria traumática.

O conceito de trauma foi ampliado por Breuer e Freud para todo tipo de histeria, porém esse deveria estar ligado a um nível psíquico. Dessa forma, não seria suficiente somente um acidente para provocar um trauma. O agente traumático estaria inscrito na história do sujeito, mas ele não se recordava conscientemente. Eles passaram a considerar o trauma como um fator etiológico. A magnitude da impressão psíquica, causada pelo acontecimento, provoca um excesso inassimilável ao qual o sujeito não reage. Exatamente por isso “a memória retém o afeto como ele era originalmente” (FREUD, 1893, p. 48). A lembrança que preserva o afeto torna-se traumática. O sintoma é sustentado por esse afeto vinculado à lembrança. Há uma relação direta entre lembrança e sintoma. Ela funciona como um corpo estranho até que se desfça a conexão com o sintoma através da ab-reação. Daí a afirmação de Freud de que as histéricas sofrem de reminiscências. Isso quer dizer: não sofrem de sedução, na realidade padecem da lembrança de algo que aconteceu ou, ainda, que não aconteceu, não importa, mas que fica registrado como se tivesse acontecido e padecido. E o padecimento não vem com o acontecimento, e sim com a lembrança dele. O trauma não só era o fator etiológico principal como também determinava o tipo de sintoma que aparece.

Freud diz que a terapia proposta por ele e Breuer se define assim:

Ela se incorpora a um dos mais ardentes desejos humanos: o desejo de poder voltar a uma experiência. Alguém experimenta um trauma psíquico sem reação suficiente a ele. Nós lhe permitimos experimentá-lo de novo, agora sob hipnose, e o encorajamos a completar sua reação. (FREUD, 1893, p. 52).

O que nos chama atenção nessa passagem é quando ele fala do desejo ardente de voltar à experiência. Por que voltar a uma experiência traumática? Podemos aqui dizer que a repetição não se distingue da recordação? A ab-reação seria suficiente para responder a esse desejo? São perguntas que fazem evoluir a teoria e a técnica. Freud já intuía sobre o desejo de repetição do humano.

A hipnose será substituída pela associação livre, uma vez que o esquecimento ocultava a verdade da doença. O que se pretendia era descobrir a razão pela qual o paciente deixava de recordar. A ênfase residia em identificar e superar as resistências e comunicá-las posteriormente ao paciente. Predomina a recordação cujo objetivo se situa numa perspectiva de reconstrução histórica para além da eliminação do sintoma. Apesar da evolução, o objetivo continuava o mesmo, ou seja, preencher lacunas de memória. Freud começa a fazer alusão à importância da influência do analista para o tratamento tanto no aspecto positivo quanto no negativo.

Na medida em que a concepção de memória se modifica, a maneira de pensar o trauma é também modificada. Com

a hipótese da defesa, a memória torna-se mais complexa. A lembrança traumática será ligada à noção de um núcleo patógeno deduzido de suas lacunas.

Freud abandona a teoria traumática e começa a desenvolver a noção da sexualidade infantil e o valor da fantasia. Aí o trauma parece perder importância em relação aos outros fatores. Embora a teoria traumática tenha sido logo abandonada, o conceito de trauma nunca desapareceu. É um conceito com o qual continuou trabalhando e dando-lhe um caráter mais propriamente psicanalítico. Houve uma complexização da noção de trauma e uma articulação do trauma com a fantasia. O ultrapassamento da teoria da sedução propiciou a descoberta da fantasia. De alguma forma, a fantasia já estava descoberta quando Freud diz a Fliess que sua neurótica mente. Mas o que importa agora é o abandono da cena de sedução.

Assim, à evolução da técnica seguiu-se uma evolução teórica que consistia em ir da lembrança traumática à lembrança encobridora, do trauma à fantasia na construção da hipótese do inconsciente. Segundo Lúcia Grossi dos Santos:

Pela lembrança encobridora descobrimos a fantasia, reduto onde encontramos os elementos a serem repetidos na história do sujeito. Não importa a fidelidade ou não das lembranças, porque a verdade do sujeito está, ao mesmo tempo, revelada e encoberta naquilo que ele diz. (SANTOS, 2002, p. 50).

Repetição encena: atuação/atualização de um passado na transferência

A descoberta da psicanálise, a partir da fantasia, se consolida cada vez mais, e Freud avança em suas elaborações teóricas. Por ocasião do Caso Dora, relatado no texto “Fragmento da análise de um caso de histeria”, Freud (1905 [1901]) já havia se deparado com um fato novo que desempenhou um papel decisivo no futuro da teoria e da técnica psicanalítica: a repetição – *Wiederholen*. Ele percebeu que Dora havia abandonado o trabalho três meses depois de iniciado, pois estava repetindo com ele uma situação que havia vivido anteriormente com Herr K. Inicia-se a relação da repetição com a transferência.

Mais tarde, em “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914, Freud reconhece na repetição algo da compulsão e chega à seguinte elaboração:

o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas expressa-o pela atuação ou atua-o – *acts it out*. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo.” (FREUD, 1914, p. 196).

Apesar de fazer oposição ao saber, a repetição põe em cena, em ato, o recalco, tornando-se pertencente à ordem da ação – *Agieren*. Dessa forma, a compulsão à repetição é uma maneira de recordar. Verifica-se um limite para a rememoração, a qual é substituída pela repetição sem que o sujeito perceba. Assim ele reproduz o recalco não como lembranças, mas como ação.

Essa ação é, por sua vez, endereçada a um outro, que na situação analítica é encarnado pelo analista como um clichê. A transferência deixa de ser, então, um simples fenômeno de enamoramento e começa a ser vista como repetição que, por seu turno, passa a ser considerada um instrumento indispensável ao tratamento, possuindo uma estreita relação com a transferência. Freud descreve a repetição como um fenômeno circunscrito ao campo transferencial, chegando a tomar um conceito pelo outro numa passagem que diz:

[...] a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os aspectos da situação atual. (FREUD, 1912, p. 197).

Lacan se oporá à superposição desses dois conceitos em “O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Ele reconhece a ocorrência da repetição na transferência, e que foi a propósito dessa que Freud abordou o tema da repetição. No entanto, faz uma nítida distinção entre esses conceitos em termos de categorias lógicas, dizendo que um conceito não tem nada a ver com o outro. E que as ambiguidades do conceito de repetição devem-se ao “fato de sua descoberta ter sido feita no curso dos tateamentos necessitados pela experiência da transferência.” (LACAN, 1964, p. 36).

A transferência surgiu na teoria psicanalítica, através da clínica, de forma imprevista, o que lhe conferiu a aparência de um fenômeno parasitário que perturba a continuação do trabalho. Freud verifica o surgimento da neurose de trans-

ferência, ou seja, de um novo sintoma a partir da relação transferencial. Entretanto, reconhece que esta patologia é inevitável, uma vez que ela assinala a ativação dos processos inconscientes. O sintoma é um elemento que tem significação dirigida ao Outro. O analista dará existência ao inconsciente. Ele deverá operar como receptor essencial do sintoma.

Freud observa o papel desempenhado pela resistência em relação à repetição, dizendo que o aumento da resistência é diretamente proporcional à atuação – repetição. Evidencia-se, então, um outro aspecto da transferência, o da resistência, que já havia sido discutido antes em “A dinâmica da transferência”, de 1912. Ele diz que a resistência se apresenta nitidamente quando o discurso se aproxima de um núcleo patógeno, surgindo então a transferência. Esta se produz, porque satisfaz a resistência. A transferência é essencialmente resistente, sendo por meio dessa que a comunicação do inconsciente se interrompe.

Em “A dinâmica da transferência”, Freud mostra que há um dinamismo na transferência: uma oscilação entre uma abertura inconsciente – rememoração – e um fechamento – resistência. Verifica-se que, no momento da abertura, o analista é captado como objeto da fantasia, suporte das repetições, e tem acesso ao caminho regressivo da libido. No momento do fechamento, o analista passa a ser o objeto dos pensamentos, ocasionando a suspensão do discurso. Portanto, a dupla face da transferência. Compete ao analista manejá-la.

Lacan ressalta justamente o paradoxo segundo o qual o analista deve esperar a transferência para começar a fazer uma interpretação. Ele diz que a “bela” com quem queremos falar está atrás do postigo, ou seja, do fechamento. No entanto, se pensarmos no inconsciente como discurso do Outro, veremos que esse se encontra do lado de fora do fechamento, ou seja, na interpretação do analista que apela à abertura do postigo. Lacan diz: “O Outro, latente ou não, está, desde antes, presente na revelação subjetiva. Ele está lá, quando algo começou a se livrar do inconsciente.” (LACAN, 1964, p. 25).

Compulsão à repetição: a marca da pulsão de morte

Freud se pergunta cada vez mais sobre o que leva o sujeito à insistir em certos traços e comportamentos que lhe causam desprazer. Em “O estranho”, de 1919, retoma o tema da repetição. *Das Unheimliche* está relacionado ao assustador e provoca medo e horror.

“O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1919, p. 277). Dessa forma, a característica do estranho é essa familiaridade aliada ao oculto. “Só há *Unheimlich* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas ao mesmo tempo se apresenta como diferente” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 24). Segundo Freud, essa repetição tem a natureza de uma pulsão.

Com o advento da pulsão de morte, em “Além do princípio de prazer”, de 1920, Freud amplia sua compreensão. Ele propõe um novo dualismo pulsional, pulsão de vida e pulsão de morte, com a hipótese de que a pulsão é um impulso em direção à morte. Com isso, traz para o corpo teórico da psicanálise o inassimilável, o caos, o acaso.

A pulsão é vista aqui como “um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas [...]” (FREUD, 1920, p. 53-54). Isso demonstra um conservadorismo, contrário à mudança, ao progresso e significa um retorno ao estado inorgânico, ou seja, à morte. Dessa forma, a morte não está no fim da vida, mas no mais primitivo estado. A vida perturba esse estado, abandonando-o, apesar de haver sempre uma tendência ao retorno, pois tanto a morte quanto a vida possuem um caráter conservador, o de preservar esse caminho de retorno. Paradoxalmente, viver é também voltar ao ponto de origem, à morte. O que se busca constantemente é a satisfação completa, ou seja, a repetição de uma experiência primária de satisfação. Se esse retorno for obstruído, a pulsão pressionará na direção onde o caminho estará livre, ocasionando a formação do sintoma como mais uma tentativa de satisfação.

A pulsão de morte encontra expressão através dos fenômenos da compulsão à repetição: o acidente – sonhos traumáticos –, o jogo – *Fort-Da* – e a paixão – transferência. Esses fenômenos aparentemente contrariam o domínio do princípio de prazer. Até então, Freud defendia que o funcionamento do sujeito obedecia ao princípio de prazer. Assim, como explicar a repetição de situações desagradáveis?

A dominância do princípio de prazer é questionada, há algo que o coloca fora de ação, para além. Lúcia Grossi dos Santos diz que “o verdadeiro passo além, onde se funda a compulsão à repetição, é a pulsão de morte.” (SANTOS, 2002, p. 91). A compulsão à repetição surge em contraposição a uma tendência apaziguadora do princípio de prazer. O que se sabe, até então, é que se há algum prazer na repetição, esse é da ordem da satisfação pulsional. A compulsão seria o encontro com a mesma possibilidade a cada tentativa de maior satisfação. Entretanto, na repetição se procura algo que não ocorreu e se repete indefinidamente um encontro sempre falido, pois é tarde demais para corrigi-lo ou evitá-lo. Ela não se esgota em nenhuma satisfação já que essa é impossível. Freud diz: “[...] uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer.” (FREUD, 1919, p. 297). Segundo Lúcia Grossi dos Santos,

A compulsão à repetição remete a algo mais originário, mais elementar, mais pulsional que o princípio do prazer. A questão é saber a que função corresponde, como surge e que relações essa compulsão têm com o princípio do prazer. (SANTOS, 2002, p. 104).

Freud articula repetição e traumático. Há um núcleo real, traumático, encoberto pela fantasia, que insiste mais e mais e outra vez, demandando sempre o novo. Um evento possui valor de um trauma quando o sujeito não consegue assimilá-lo simbolicamente. Então ele retorna constantemente através de sonhos, atos e outras manifestações inconscientes numa tentativa vã de simbolizá-lo. Essa função

será sempre negada, e por isso precisa ser refeita continuamente, conferindo-lhe seu caráter compulsivo.

A repetição é consequência de um trauma original e estrutural, que leva o sujeito a inutilmente tentar apagá-lo ou elaborá-lo. Ela

constitui a assinatura da pulsão de morte, que se desvela como o retorno às origens, e da qual ela é também o anúncio: o retorno ao mesmo lugar é o inverso do avanço, o inverso de uma atitude vital, é o retorno à morte (CHEMAMA, 1995, p. 191).

Repetição: encontro com o real

É pelo real que a repetição será abordada por Lacan em “O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, de 1964. Ele tenta elucidar o conceito de repetição à luz das categorias da causalidade aristotélicas: *tyché* e *autômaton*. Coloca em relevo a função do ratear e fala do retorno como um encontro marcado, porém sempre evitado. Para denominar esse encontro faltoso, utiliza o termo *tyché*. Lacan diz que “a vaidade da repetição”, sua “ocultação constitutiva” está aí, nessa chance sempre falhada, não havendo representação para ela. Ressalta que no sonho, no ato falho, no chiste, o que chama a atenção primeiramente é a forma de tropeço pela qual aparecem. É o que se produz nessa falha, nessa rachadura, é um achado, uma surpresa e também um reachado, que está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda. É o encontro com o real. O real é o que se repete, e “o que se repete, com efeito, é

sempre algo que se produz – a expressão nos diz bastante de sua relação com *tyché* – como por acaso” (LACAN, 1964, p. 56).

Autômaton seria a vertente simbólica da repetição, a insistência da cadeia significante. A *tyché* está para além de *autômaton*. O real é o que interrompe o funcionamento tranquilo de *autômaton*, da cadeia de significantes. Portanto, o encontro com o real está fora do pensamento, onde se produz o não-senso.

Lacan considera a repetição, segundo Chemama, como “[...] o nó da estrutura: índice e indicador do real, ela produz e promove a organização simbólica, permanecendo em segundo plano em todas as escapatórias imaginárias.” (CHEMAMA, 1995, p. 192). A repetição produz uma ressignificação. Nesse sentido, nos remete a sua dimensão de ato, com seu tropeço, seu desarranjo, ou seja, uma transgressão, uma ruptura, que reorganiza o lugar do Outro e do sujeito.

Abstract: The aim of this article is to show how repetition compulsion can bring traumatic events into view. It causes us to revisit devastatingly traumatic points in our lives, and it does so by its very nature as a drive that always leads to the same destination, that is, to death. Be it through traumatic, concealing memories, an active past or compulsion itself, repetition compulsion is a vain

attempt to erase or elaborate on something from which we have not yet fully recovered, that is, the death drive.

Keywords: Repetition compulsion. The death drive. Trauma. Fantasy. Real.

Referências

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. (39-52). (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, (1972). p. 5-107 . (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 133-143. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 193-203. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 275-314. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia*

de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

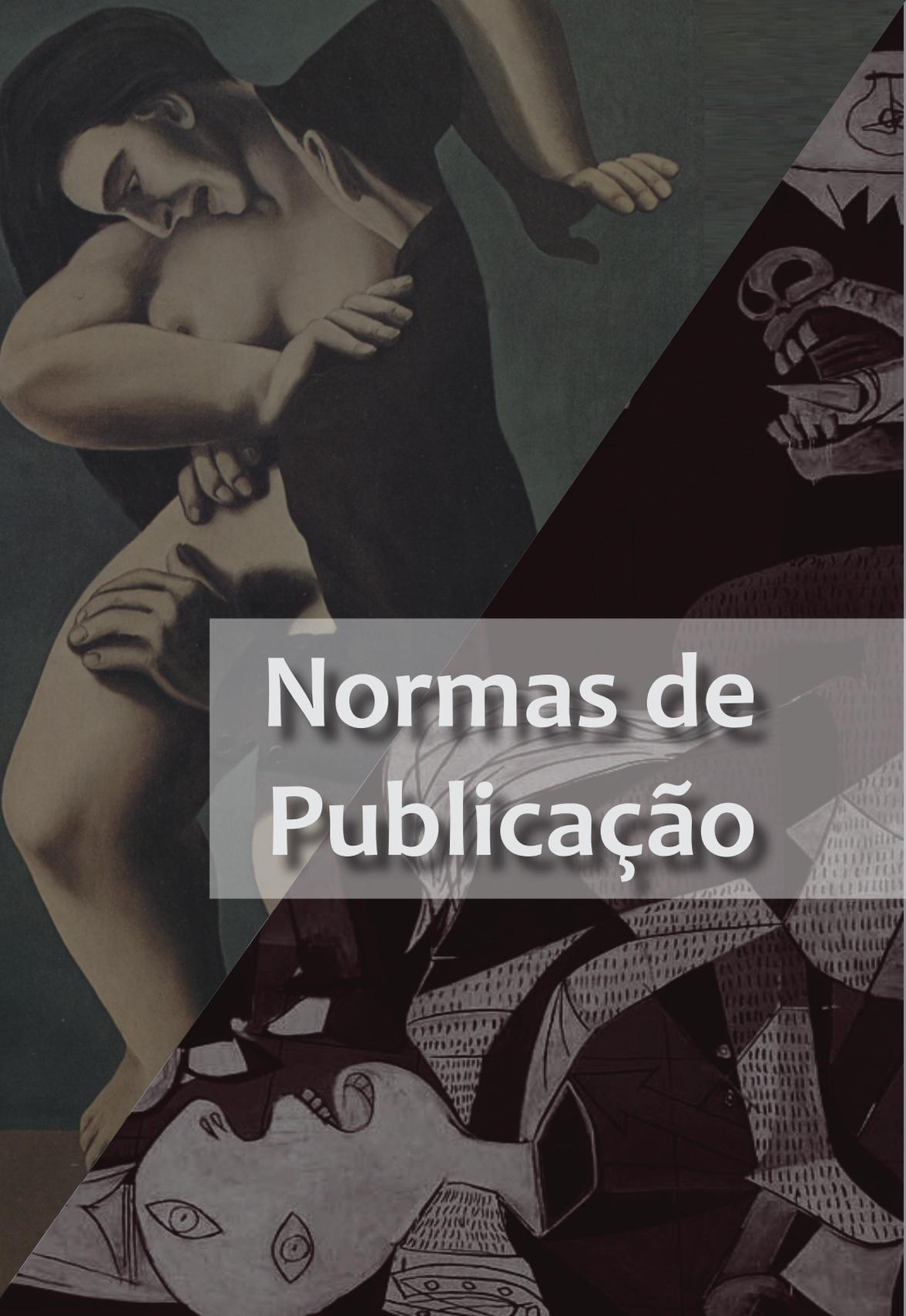
SANTOS, Lúcia Grossi dos. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.

Obras consultadas

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.



The background is a collage of three distinct artistic images. The top-left image shows a man and a woman in a close embrace, rendered in a realistic style with soft lighting. The top-right image is a close-up of a hand holding a pen, with a stylized, almost abstract face above it. The bottom image is a large, stylized face with multiple eyes and a wide, open mouth, set against a dark background with geometric patterns. A semi-transparent grey rectangle is overlaid in the center, containing the title text.

Normas de Publicação



Normas de Publicação

As normas de publicação dos artigos da Revista da ATO deverão estar de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), obedecendo à seguinte estrutura:

Digitação do texto

Fonte Arial, corpo 12; espaçamento entrelinhas 1,5; parágrafo moderno (adota margem esquerda para todo o texto, exceto título e nome do autor); texto justificado; parágrafos duplos entre eles; margem esquerda e superior de 3 cm e margem direita e inferior de 2 cm (anverso).

Grafar entre aspas simples: uma citação dentro de outra que está entre aspas duplas.

Grafar entre aspas duplas: títulos de livros, artigos, ensaios, filmes, obras artísticas, palavras de realce, palavras em tom de ironia, títulos de conferências, de jornadas, neologismos etc.

Grafar em itálico: palavras estrangeiras, diálogos, falas e pensamentos de analista/paciente.

Notas de rodapé: grafar na fonte Arial, corpo 10.

Padronização na configuração de inserções de poemas, músicas e citações em epígrafes:

1 – Poema ou trecho de poema, trecho de texto literário ou ensaio que estão no início do artigo (à direita), logo após o nome do autor do artigo – em itálico, corpo 10.

2 – Poema ou trecho de poema, trecho de texto literário ou ensaio no corpo do texto do artigo – em itálico, corpo 12.

3 – Trecho de música no início do artigo (depois do nome do autor ou no máximo depois de palavras-chave) – em itálico, corpo 10.

4 – Trecho de música no corpo do texto – em itálico, corpo 12.

5 – Epígrafe, mote, citação curta de obra/autor no início do artigo (depois do nome do autor ou no máximo depois de palavras-chave) – em redondo (normal), corpo 10, entre aspas.

Citações

1 – Citação direta e curta

As **citações diretas e curtas** (até três linhas) – que se referem à transcrição literal de textos de outros autores – são inseridas no texto entre aspas duplas, e, logo após, deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor em caixa alta, a data de publicação da obra e o número da página. Nas obras de Freud e Lacan, colocar sempre a data de publicação do original.

Exemplo 1:

“É isso que faz a hiância entre a constituição do objeto privilegiado que surge na fantasia e toda espécie de objeto do mundo dito socializado, do mundo da conformidade” (LACAN, 1961, p. 240).

Exemplo 2:

No texto “O estranho”, de 1919, Freud dirá que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1919, p. 238).

Uma **citação dentro de outra citação direta** é indicada por aspas simples.

Exemplo: “Aqui, não se trata do saber inconsciente, mas de um tipo de ‘saber fazer’ que o escravo adquire com seu trabalho” (SOUZA, 2003, p. 110).

2 – Citação direta e longa

As **citações diretas e longas** (mais de três linhas) devem constituir um parágrafo independente, recuado 4 cm da margem esquerda, com corpo 10 e espaçamento 1 entrelinhas, dispensando as aspas. Exemplo:

Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos objeto *a* –retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhando que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista – Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo (LACAN, 1964, p. 254).

3 – Citação indireta

As **citações indiretas** (livre) – que ocorrem quando se reproduzem ideias e informações do documento, sem,

entretanto, transcrever as próprias palavras do autor – deverão ser sem aspas, informando o nome do autor em caixa-alta e baixa, por fora dos parênteses e, em seguida, dentro dos parênteses, somente o ano de publicação.

Exemplo: Começo com uma contribuição de Lacan (1948) em sua quinta tese sobre a agressividade; tese que é uma tentativa de revelar o papel da agressividade na neurose moderna e no mal-estar da civilização.

A referência de **citação indireta** pode ocorrer também no **final da frase**, para evitar interrupção na sequência do texto. A referência é inserida entre parênteses, constando o sobrenome do autor em caixa-alta e o ano de publicação.

Exemplo: Conforme Juan Carlos Cosentino, trata-se de uma satisfação que quase sempre prescinde do objeto, que abandona o vínculo com a realidade exterior, em consequência de um estranhamento com relação ao princípio de realidade e um retorno ao princípio de prazer (COSENTINO, 1992).

4 – Citação de citação

A **citação de citação** consiste de informação retirada de um documento consultado, ao qual não se teve acesso à fonte original da citação, mas por meio de outro trabalho que já continha essa citação transcrita. Logo após a citação, deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor do documento não consultado (fonte original), data de publicação, página (caso seja citado o

número da página na fonte original), seguido da expressão *apud* (citado por), o sobrenome do autor do documento efetivamente consultado, ano de publicação e número da página.

Exemplos:

1. Nesse ensaio, Freud surpreende-se com a observação de Schelling que diz que: “*unheimlich* seria tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.” (SCHELLING, 1857, p. 649 *apud* FREUD, 1919, p. 282).

Esta forma indica que a citação é de Schelling (presente em sua publicação não consultada de 1857, na página 649), mas foi citada (*apud*) no artigo de Freud (publicado originalmente em 1919, na página 282 de edição mais recente), artigo este consultado pelo autor do trabalho, em edição mais recente.

2. Segundo Brandão (1992, p. 21 *apud* MESQUITA, 1994, p. 6) “[...] Nem sempre se observa a convergência dos objetivos das políticas econômicas.”

Esta forma indica que o trecho citado é de Brandão (1992, p. 21) mas foi lido no trabalho de Mesquita (1994, p. 6), que fez a citação do trabalho de Brandão.

Para a **citação de citação**, os dados do documento original, não consultado, devem vir em nota de rodapé. Já na listagem de referência, no final do trabalho, devem-se incluir os dados completos da obra efetivamente consultada.

Notas de rodapé

Devem ser evitadas, nas normas da Revista da ATO, as notas de referências em rodapé (salvo o documento original, não consultado, da citação de citação). Somente serão inseridas as notas explicativas (referem-se a comentários e/ou observações pessoais do autor). Para fazer a chamada usam-se algarismos arábicos, na entrelinha superior, sem parênteses, após a pontuação da frase (se houver), com numeração consecutiva, evitando-se recomeçar a numeração a cada página. **Para inserir nota de rodapé, ir em “Referências” e, em seguida, clicar em “Inserir Nota de Rodapé”.**

Elementos pré-textuais

Título: grafado em negrito, fonte Arial, corpo 12.

Nome do autor: colocado abaixo do título do artigo, em negrito, fonte Arial, corpo 12, acrescido de nota de rodapé com algarismo arábico.

Resumo: localizado logo após o nome do autor, não deve exceder a 250 (duzentos e cinquenta) palavras.

Palavras-chave: localizadas logo abaixo do resumo, são separadas entre si por ponto final.

Elementos textuais

Desenvolvimento do tema com inserção de citações por meio de consulta da literatura com o propósito de esclarecer ou complementar as ideias do autor do artigo. A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada obrigatoriamente, respeitando desta forma os direitos autorais.

Elementos pós-textuais

Resumo em língua estrangeira: Abstract, Résumé, Resumen.

Palavras-chave em língua estrangeira: Keywords, Mots-clés, Palabras clave.

Referências

As referências são digitadas na margem esquerda, usando-se espaço simples entrelinhas e dois espaços simples para separar as referências entre si. Adotar o sistema alfabético (ordem alfabética de entrada) para a ordenação das referências.

1 – Livros

1.1 Para obras de Freud (o livro no todo):

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

1.2 Para obras de Lacan (o livro no todo):

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

1.3 Para livros em geral:

SOBRENOME, Nome (do autor). *Título do livro*. Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano.

CATÃO, Inês. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

2 - Capítulo de livro

SOBRENOME, Nome (do autor do capítulo). Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (do autor, organizador, editor, etc. do livro). *Título do livro*: subtítulo (se houver). Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano. volume (v.), capítulo (cap.), páginas (p.) inicial-final.

2.1 Capítulo de livro para livros em geral:

MELGAÇO, Rosely Gazire. E sobre o pai? In: OLIVEIRA, Erika Palato; COHEN, David (org.). *O bebê e o outro: seu entorno e suas interações*. São Paulo: Instituto Langage, 2017. v. 1, p. 47-66.

2.2 Capítulo de livro na obra de Lacan:

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

2.3 Capítulo de livro na obra de Freud:

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

3 - Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos:

SOBRENOME, Nome. *Título*: subtítulo. Ano (de apresentação). Número de folhas/páginas ou volumes. Tipo de trabalho (categoria e área de concentração) – Nome da Faculdade, Nome da Universidade, Cidade, Ano (de defesa).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

SILVA, João. *Pontuação*: o jogo da construção de sentido. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

4 – Trabalhos publicados em anais de congressos e eventos congêneres:

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho: subtítulo. In: NOME DO CONGRESSO, número (do congresso),

ano, Local de realização (Cidade). *Título da publicação* (Anais..., Atas...). Local de publicação (Cidade): Editora, ano. páginas (p.) inicial-final do trabalho.

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

PLISS, Nonna. Comunicação organizacional hoje: nada será como antes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UEPR, 2009, p. 144-157.

5 – Artigos científicos de revistas:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Nome do periódico*, Cidade, volume (se houver), ano (ano III), número (da edição da revista), página inicial-final (do artigo), mês (ou meses, ou indicação de semestre – se houver) ano (de publicação).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

NASCIMENTO, Maria Aparecida Oliveira. O desejo do analista como operador lógico e o espaço de ex-sistência. *Revista on-line da ATO – escola de psicanálise*, Belo Horizonte, ano III, n. 2, p. 69-74, 2016. Disponível em: <http://www.atoescoladepsicanalise.com.br/revista_ato/ano3_n2/#p=68>. Acesso em: 20 mar. 2016.

6 – Artigos de jornal:

SOBRENOME, Nome (do autor do artigo). Título do artigo. *Título do jornal*, Local (cidade), dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano. Número ou título do caderno, seção ou suplemento, páginas inicial-final (do artigo).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

TEZZI, Manir. Novos ventos na economia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 set. 2011. Economia e negócios, p. 15-17.

7 – Autores citados em anotações pessoais:

ANOTAÇÕES do *Seminário Abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2016.

Obras consultadas:

Caso o autor do artigo tenha consultado outras fontes de informação, bibliográficas e não bibliográficas, que serviram de orientação editorial para seu texto, mas que **não** estão presentes como referências de citações diretas ou indiretas no corpo do texto, essas fontes devem ser relacionadas, em separado, como “**Obras consultadas**”, logo após o elemento pós-textual “**Referências**”.



TRAUMA E
FANTASIA

ATO
ATO

escola de
psicanálise

GUERRA
E MORTE